

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Daniel Lucas Santos da Silva

**Comunicação pública da ciência e ativismo social midiaticado no
contemporâneo: um estudo a partir de @dexametajohnny**

Juiz de Fora

2024

Daniel Lucas Santos da Silva

Comunicação pública da ciência e ativismo social midiaticado no contemporâneo: um estudo a partir de @dexametajohnny

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Orientador: Dr. Rennan Lanna Martins Mafra

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santos da Silva, Daniel Lucas.

Comunicação pública da ciência e ativismo social midiaticado no contemporâneo : um estudo a partir de @dexametajohnny / Daniel Lucas Santos da Silva. -- 2024.

150 p.

Orientador: Rennan Lanna Martins Mafra

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024.

1. Comunicação pública da ciência. 2. Historicidades. 3. Medicina e dermatologia da pele negra. 4. Literacia midiática. 5. Ativismo midiaticado. I. Lanna Martins Mafra, Rennan, orient. II. Título.

Daniel Lucas Santos da Silva

Comunicação pública da ciência e ativismo social midiaticado no contemporâneo: um estudo a partir de @dexametajohnny

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Juiz de Fora, em 03 de julho de 2024

BANCA EXAMINADORA

Dr. Rennan Lanna Martins Mafra - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Mariana Ramalho Procópio
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Camila Maciel Campolina Alves

Universidade Federal de Minas Gerais

Dedico este trabalho a minha rede de afetos, que pavimentou minha jornada, que me manteve em movimento, e que hoje celebra comigo!

AGRADECIMENTOS

O início deste ciclo foi de mãos dadas com os meus afetos, que enquanto eu residia em Viçosa – MG, me seguraram, me abraçaram, me acariciaram, sendo a força do meu corpo para dar um novo passo. Viçosa é mágica, só isso que posso dizer. E, neste momento, celebro o encerramento deste ciclo com todos e todas em uma festa só. Eu sou muito grato por todas as minhas interações sociais, por todos os tipos de relacionamentos, amigos, amigas, colegas, parceiros, parceiras, ex-namorado, professores, professoras, minha mãe. Estas redes me trouxeram até aqui, e foram fontes de ensino e afeto.

Viçosa me presenteou o Rennan, também conhecido como meu orientador. Nosso contato começou no primeiro semestre da graduação. Tem uma parte do Rennan na minha formação, é um privilégio ser seu aluno: não à toa que o chamo de pai acadêmico. O Rennan é uma força que te desloca, e me deslocou e ainda desloca. Nossos encontros com muito ensino, carinho, afeto, ora terapia, foram a base, o reboco e as paredes da minha formação como cientista, como pesquisador, como pesquisador da Comunicação, e como pessoa. O Rennan é grande, e te puxa pro alto, por isso alcancei tantos degraus. Eu agradeço seu carinho, dedicação e afetos: é realmente uma relação.

Eu agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) pela oportunidade de fazer um mestrado com a orientação do Rennan. Sou grato pelos meus professores e professoras, pelos afetos que criei e, especialmente, sou grato pela sensibilidade do corpo docente do programa. Deixo uma menção a Coordenadora Prof^a Dr^a Claudia de Albuquerque Thomé. A Claudia, sempre solícita e dedicada, me acolheu, tornando possível eu hoje defender este mestrado.

Quero destacar aqui também a minha mãe, Márcia Regina, a minha avó, Devanil, a minha prima Luana, a minha amiga Raissa, agradeço a toda minha família e amigos e amigas, que do Goiás me seguraram, me deram amor e apoio para concluir esta etapa.

Eu não poderia deixar de mencionar meus afetos de Juiz de Fora – MG, e as aventuras e todo acolhimento que ganhei. Sou muito grato pela rede que criei e pelo apoio que recebo. E também a nova rede de Belo Horizonte – MG, que tem me

ajudado a me ajustar, dando amizade, afeto e muito suporte neste momento de encerramento da bolsa.

O presente trabalho foi desenvolvido com apoio da Capes através da concessão de bolsa de estudo de Mestrado e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradeço a Capes por financiar minha pesquisa.

[“Minha mãe entende meu tcc?”](#)
Daniel L. S. Siva, 2022.

RESUMO

No campo da comunicação, com recorte para a comunicação pública da ciência – sobre o qual nos debruçamos neste trabalho –, temos como principal interesse observar emergências de processos comunicacionais que podem revelar, estabelecer e promover presenças, aparências, latências, revelar historicidades e singularidades no tempo, o que nos ajuda a observar, como cientistas, os contextos contemporâneos em que vivemos. Dentre os possíveis contextos contemporâneos, a emergência pública de Jônatas F. Barros nos chamou atenção, visto que se trata de um médico, que, enquanto era estudante negro, ingressou no curso de medicina na Universidade de Brasília (UNB) por meio de políticas de cotas em 2018. Em todo o período de seu estudo (e inclusive nos dias atuais), Jônatas se investiu de práticas midiáticas para produzir materiais científicos, sobre a ciência, e suas relações com corpos marginalizados, dando aparência a, principalmente, questões raciais dentro das ciências médicas. É em meio a este cenário que esta dissertação constrói sua principal problemática de pesquisa: compreender como o ativismo social promove processos de comunicação pública da ciência em contextos mediados contemporâneos. A pesquisa se divide em três capítulos que correspondem a cada objetivo específico da dissertação: I) compreender como o ativista social mobiliza competências midiáticas para a promoção da comunicação pública da ciência; II) compreender como o ativista social promove/institui um gesto de historicidades a partir da intensificação de passados científicos na produção da comunicação pública da ciência; III) examinar como o ativismo social mediado no contexto de comunicação pública da ciência visa atualização do comum pelo dissenso. Por meio do paradigma indiciário (Braga, 2016), adotado como metodologia desta dissertação, o estudo aponta como principais resultados, um olhar para a produção de conteúdos científicos e sociais de Jônatas como emergências que se tornam possíveis a partir de um contexto de fortalecimento institucional das ciências humanas e de ampliação das políticas de cotas – promovendo gestos dissensuais em espaços de comunicação pública da ciência a fim de provocar a configuração de uma forte luta em torno da relação entre ciência e sociedade, sobretudo numa perspectiva decolonial – esta que acaba por expor a modernidade e suas feridas, com foco, dentre outras motivações, a promover uma discussão sobre racialidades dentro do campo da medicina e das instituições. Tais emergências só se tornam possíveis a partir da mobilização de competências midiáticas, mobilizadas por tal estudante, para a construção de processos de circulação de conhecimentos científicos – conhecimentos estes que revelam perspectivas temporais e historicidades, na medida em que não apontam apenas para um futuro de seus usos, mas, sobretudo, para a abertura de passados violentados.

Palavras-chave: Comunicação pública da ciência; Ativismo mediado; Medicina; Racismo; Historicidades.

ABSTRACT

In the field of communication, with a focus on the public communication of science - which we are focusing on in this work - our main interest is to observe the emergence of communication processes that can reveal, establish and promote presences, appearances, latencies, reveal historicities and singularities in time, which helps us as scientists to observe the contemporary contexts in which we live. Among the possible contemporary contexts, the public emergence of Jônatas F. Barros caught our attention, since he is a doctor who, as a black student, entered the medical course at the University of Brasilia (UNB) through quota policies in 2018. Throughout the period of his study (and even today), Jônatas has used media practices to produce scientific material about science and its relationship with marginalized bodies, giving appearance to mainly racial issues within the medical sciences. It is in the midst of this scenario that this dissertation builds its main research problem: understanding how social activism promotes processes of public communication of science in contemporary mediatized contexts. The research is divided into three chapters that correspond to each specific objective of the dissertation I) to understand how social activists mobilize media competencies to promote the public communication of science; II) to understand how social activists promote/institute a gesture of historicities based on the intensification of scientific pasts in the production of the public communication of science; III) to examine how mediatized social activism in the context of the public communication of science aims to update the common through dissent. Through the inidiciary paradigm (Braga, 2016), adopted as the methodology for this dissertation, the study's main results are a look at Jônatas' production of scientific and social content as emergencies that become possible from a context of institutional strengthening of the humanities and the expansion of quota policies - promoting dissensual gestures in public science communication spaces in order to provoke the configuration of a strong struggle around the relationship between science and society, especially from a decolonial perspective - which ends up exposing modernity and its wounds, with a focus, among other motivations, on promoting a discussion about racialities within the field of medicine and institutions. Such emergencies only become possible through the mobilization of media skills, mobilized by this student, to build processes of circulation of scientific knowledge - knowledge that reveals temporal perspectives and historicities, in that it not only points to a future of its uses, but above all to the opening up of violated pasts.

Keywords: Public communication of science; Media activism; Medicine; Racism; Historicities.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Publicado no dia 01 de outubro de 2020 no Instagram de perfil @dexamajonny. A postagem teve 478 curtidas, e 106 comentários. Acesso em 22 de agosto de 2023. Link: <https://www.instagram.com/p/CF0ZCSbpOzZ/> 28
- Figura 2.** Publicação do atlas A Pele Preta no Twitter. Fonte: Postagem do perfil do Twitter do Jônatas F. Barros. 31
- Figura 3.** “Eu literalmente nunca vi um feto negro ilustrado”, disse um usuário do Twitter, cuja postagem com a imagem ajudou a impulsionar a ilustração para a viralidade. “Ver mais livros como este me faria querer me tornar um estudante de medicina”, disse um comentarista na postagem de Ibe no Instagram. Fonte: Instagram. Acesso em 03 de março. 48
- Figura 4.** Printscreen do site Illustrate Change. 50
- Figura 5.** Printscreen do site Illustrate Change com ilustrações de doenças em olhos de pessoas com cor preta. 51
- Figura 6.** Seis dimensões da competência midiática. Fonte: Borges (2019) 61
- Figura 7.** Arranjos de links. Fonte: Printscreen da página linktr.ee/jonatasbarros. 62
- Figura 8.** Perfil oficial e postagens fixadas. Fonte: Printscreen da página inicial do perfil do Instagram do Jônatas F. Barros. 63
- Figura 9.** Postagem fixada Johnny Resumos Premium. Fonte: Página do perfil do Instagram do Jônatas F. Barros. 64
- Figura 10.** Página guiada para os Johny Resumos. Fonte: Printscreen da página de formulário para acesso aos resumos produzidos por Jônatas. 66
- Figura 11.** Printscreen da: IFMSA Brazil Unisa. Fonte: Aula Racismo Epistemológico. 67
- Figura 12.** Aula Necropolítica no cursinho preparatório para o PAS, processo seletivo seriado da Universidade de Brasil. Fonte: Printscreen da capa de apresentação do canal do YouTube do Guia do PAS. 68
- Figura 13.** Atlas A Pele Negra. Fonte: Acesso pelo link disponibilizado no Instagram de Jônatas. 69
- Figura 14.** Publicação do atlas A Pele Preta no Twitter. Fonte: Postagem do perfil do Twitter do Jônatas F. Barros. 70
- Figura 15.** Atlas dermatológico na pele de cor. Fonte: Postagem do perfil do Twitter do Jônatas F. Barros. 71
- Figura 16.** A diferença entre a pele branca e a pele negra. Fonte: Postagem do perfil do Twitter do Jônatas F. Barros. 72

| | |
|---|-----|
| Figura 17. Contexto de presença na ciência. Fonte: Postagem do perfil do Twitter do Jônatas F. Barros. | 72 |
| Figura 18. Comunidade de dermatos sobre a pele negra. Fonte: Postagem do perfil do Twitter do Jônatas F. Barros. | 73 |
| Figura 19. O “jaleco” como uma performance da branquitude. Fonte: https://www.instagram.com/p/C5jArBCu9Xk/?img_index=1 . | 92 |
| Figura 20. Por uma medicina racializada. Fonte: https://www.instagram.com/p/Cx_fpnouV2S/ . | 95 |
| Figura 21. “Eu nunca sofri racismo”. Fonte: https://www.instagram.com/p/Cs9XCSAuYNn/?img_index=1 . | 99 |
| Figura 22. O congresso eugênico brasileiro e racismo estrutural. Fonte: https://www.instagram.com/p/CSxUh5llkTk/?img_index=1 . | 102 |
| Figura 23. Trauma Racial. Fonte: https://www.instagram.com/p/CvliCz0pYI4/?img_index=1 . | 121 |
| Figura 24. Racismo epistemológico. Fonte: https://www.instagram.com/p/CLXm9GGFtl/?img_index=1 . | 124 |
| Figura 25. Onde mora a branquitude latinoamericana?. Fonte: https://www.instagram.com/p/CiTbdkCOENC/?img_index=1 . | 126 |
| Figura 26. Glamourização do curso de medicina e racismo algoritmo. Fonte: https://www.instagram.com/p/CMxmnzGikGP/?img_index=1 . | 128 |
| Figura 27. Respostas e comentários do conteúdo “ Glamourização do curso de medicina e racismo algoritmo.” Fonte: https://www.instagram.com/p/CMxmnzGikGP/?img_index=1 . | 130 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 Introdução | 14 |
| 1.1 Ambientação da pesquisa | 16 |
| 1.2 Contextos contemporâneos | 19 |
| 1.3 Emergência pública de @dexametaJhonny | 25 |
| 5 Estado da Arte | 35 |
| 6 Justificativa | 38 |
| 7 Metodologia | 40 |
| 8 Apresentação dos próximos capítulos | 45 |
| Capítulo 1: Preconceitos (ex) implícitos na prestação de cuidados de saúde: competências midiáticas para ativismo social em contextos de comunicação pública da ciência | 47 |
| 9 Introdução | 47 |
| 10 Literacia midiática no contexto intermediário e de multimodalidade | 53 |
| 11 Ativismo social e literacia midiática direta ao ponto | 56 |
| 12 @Dexametajohnny em suas competências midiáticas | 61 |
| 13 Considerações do capítulo | 73 |
| Capítulo 2: O corpo negro na medicina fazendo comunicação: futuros e passados mediatizados | 76 |
| 14 Introdução | 76 |
| 15 Mediatização, intensificação de passados e abertura de horizontes por gestos estéticos | 78 |
| 16 Medicina colonial e as historicidades: práticas comunicacionais e médicas | 84 |
| 17 O que o jaleco branco nos diz? | 90 |
| 17.1 Performance da branquitude e estética | 91 |
| 17.2 Por uma medicina racializada | 94 |
| 17.3 Racismo e historicidades na medicina | 98 |
| 17.4 Congresso eugênico brasileiro | 101 |
| 18 Considerações do capítulo | 103 |
| Capítulo 3: Comunicação pública da ciência: um espaço em potencial para atualização do comum pelo dissenso | 106 |
| 19 Introdução | 106 |
| 20 Comunicação pública da ciência em perspectiva relacional | 108 |
| 21 Atualização do comum pelo dissenso | 115 |
| 22 Novas práticas, novo comum: uma comunidade | 120 |
| 22.1 Trauma racial e os impactos na saúde | 120 |
| 22.2 Racismo epistemológico e o epistemicídio | 122 |
| 22.3 Consciência histórica e práticas do colonizador | 125 |
| 22.4 Glamourização do curso de medicina e racismo algorítmico | 127 |
| 23 Considerações do capítulo | 130 |

| | |
|--------------------------------|------------|
| 24 Considerações finais | 131 |
| 25 Referências | 143 |

1 Introdução

No campo da comunicação, temos como principal interesse observar emergências de processos comunicacionais que podem revelar, estabelecer e promover presenças, aparências e singularidades no tempo, o que nos ajuda a observar, como cientistas, os contextos contemporâneos em que vivemos. Dentre os possíveis contextos contemporâneos, a emergência pública de Jônatas F. Barros nos chamou atenção, visto que se trata de um médico negro, que enquanto estudante ingressante no curso de medicina na Universidade de Brasília (UNB) por meio de políticas de cotas em 2018, produziu e produz, até a escrita deste texto, materiais científicos em meio a mídias para dar aparência a principalmente, questões raciais. Por meio do paradigma indiciário (Braga, 2016), olhamos para a aparência de Jônatas com arcabouço teórico ancorado nos campos da estética, da mediatização, temporalidade, historicidades, dissensos e comum para propor uma reflexão sobre a visibilidade pública de Jônatas.

Destacamos Jônatas neste contexto como ativista social em meio aos contextos de mediatização intensificada, em que as relações sociais passam a existir nas/pelas mídias (Braga, 2005), para observar como ele pode potencializar discussões contemporâneas sobre o campo da comunicação pública da ciência. Vimos que entre os exemplos, Jônatas se torna uma figura emblemática do cenário atual, tanto para revelar novas formas de fazer comunicação científica, quanto para expor feridas ainda latentes para certos grupos. Nesse sentido, é inimaginável pensar no efeito multiplicador, mais pessoas como ele promovendo mudanças e falando sobre o contexto que vivemos. Mas para além de buscar outros casos parecidos, temos como foco observar o ativismo social primeiro pela literacia midiática, para demonstrar as características das competências midiáticas, o que revela características do contexto sociotécnico que vivemos. Jônatas utiliza destas mídias para dar enfoque a questões importantes relacionadas a saúde e o corpo negro, entre outros debates, levando a questionar a medicina como um lugar ainda branco.

Neste sentido, outra ótica interessante para observar o ativista é pela estética e historicidades, de que forma as emergências estéticas revelam historicidades, o que é sentido pelo corpo e por fim, olhamos para a comunicação pública da ciência

e o potencial dos produtos midiáticos de Jônatas promover um novo comum pelas mídias, criando assim comunidades.

Além disso, nos focamos em falar sobre a medicina e o racismo na área, recuperando os exemplos internacionais, e falar sobre as ciências, e como estas não correspondem às demandas dos contextos atuais – razão pela qual ativistas sociais que emergem reivindicando estes espaços e promovendo atualização de passados, de modo que expõem as historicidades, as práticas contemporâneas das instituições de pesquisas e demais organizações que configuram os critérios de participação nas esferas públicas.

Neste sentido, temos como objetivo geral compreender como o ativismo social promove processos de comunicação pública da ciência em contextos midiáticos contemporâneos, a partir da presença de Jônatas, que, em contextos da internet, possui a designação: @dexametajohnny. Seguindo esta perspectiva, este trabalho se orienta a partir de três objetivos específicos: i) compreender como o ativista social mobiliza competências midiáticas para a promoção da comunicação pública da ciência; ii) compreender como o ativista social promove/institui um gesto de historicidades a partir da intensificação de passados científicos na produção da comunicação pública da ciência; iii) examinar como o ativismo social midiático no contexto de comunicação pública da ciência visa atualização do comum pelo dissenso.

Para isso, o trabalho toma como horizonte empírico a aparência pública midiática de Jônatas que surge em ambiências midiáticas com produções, a fim de observar sua presença, bem como analisar quais debates emergem a partir de seus conteúdos produzidos no âmbito das redes sociais. Sendo assim, esta pesquisa busca compreender como Jônatas se dirige a questionar as relações de poder das organizações que hoje produzem as ciências, tais como, Universidades, departamentos e faculdades, associações de medicina, pesquisadores (as) do campo, instituições, entre outros. Com isso, este estudo enfoca a comunicação pública da ciência e o potencial espaço à redenção e ao encontro de historicidades e de problemas que têm sido vivenciados no campo científico, em especial no campo das ciências clássicas, como medicina, no que se refere ao modelo de produção da vida moderna pautado na branquitude, na heteronormatividade, no elitismo e nos privilégios, e na colonização de corpos que vão ocupar este lugar – colonização que

se dá a partir de uma ideia de mercado, de riqueza, de privilégio, de progresso que não traz nitidez a qualquer tipo de historicidades.

Sobre tal entrada, esta pesquisa pode evidenciar a potencialidade deste fenômeno, ao olhar o processo todo como um gesto estético sobre os sujeitos que podem ser vistos a partir de duas perspectivas: pelos efeitos de presença de Gumbrecht (2010) (latências e ausências, aparências), e por Benjamin (1987) com o conceito de intensificação de passados, gesto que produz e gera historicidades, pois acessa conteúdos passados no presente, em meio a esse contexto de mediação da construção da experiência pública e atualização do comum (Sodré, 2014).

É em meio a este cenário que este trabalho se constrói em três capítulos que buscam responder os objetivos específicos já descritos, nos quais nos dedicamos a observar os fenômenos, as movimentações, emergências, dilemas, choques, interações e (des) aparecimento de relações e diferenças (ou contra-perspectivas) do que se espera de um contexto relativo à ciência.

1.1 Ambientação da pesquisa

Durante a nossa jornada nesta pesquisa, nos dedicamos a observar os fenômenos, as movimentações, emergências, dilemas, choques, interações e (des) aparecimento de relações e diferenças (ou contra-perspectivas) do que se espera de um contexto relativo à ciência. Por sua vez, a Ciência ora aqui aparece como instituição moderna, tal como Estado, Mídia, Mercado, entre outras organizações sociopolíticas regionais e de maior abrangência; ora como espaço público social responsável por promover mudanças significativas no bem-estar e saúde coletiva e no processo de sustentar o alto padrão de exploração bioespacial, responsável também por buscar entender a vida, o universo, as sociedades, as relações, seu desenvolvimento e superação de modos consideráveis ultrapassado para comunidades futuras por ser prejudicial de algum modo, ou por não ser muito eficiente ou conveniente. A ciência é um elemento ativo nas práticas sociais, atuando de modo (des) organizador do tecido do espaço-tempo de vários espaços e corpos.

O olhar comunicacional para a ciência trouxe à superfície de observação fenômenos e contextos interessantes para pesquisas. A primeira que nos dedicamos a estudar se tratava da subjetivação política e como esta, e se esta (des) aparecia

ou era silenciada nos contextos de interações com a ciência. Era permitido existir com as suas diferenças? Nos contextos de ciência, parece haver um grande jogo de relações de poder, que se intensifica ou se diferencia a depender do recorte temporal, regional, condições sociais e níveis de proximidade com instituições modernas. Alguns corpos, por exemplo, ganham maior ou menor autorização para participar de espaços, enunciar discursos e se legitimar como pesquisador (a), comunicador (a) científico, ou autoridade em sua área de atuação.

A emergência de sujeitos políticos em torno da verificação de suas próprias igualdades, como de acesso, de recursos, de representatividade revela discursos produtivos para análise capaz de dar pistas sobre produção e circulação científica no Brasil em esferas públicas, dando indícios de como estes contribuem para os dilemas e eixos assimétricos de relações de poder sócio-historicamente constituídas; dando dicas de como os (as) produtores (as) de ciência se relacionam com outros saberes.

Neste momento, os indícios revelaram como as diferenças são percebidas em contextos de comunicação pública da ciência, o que torna uma ambiência promissora para observar as movimentações em torno de contextos sobre ciência. Ancorados pela ótica da estética, a diferença aparece como uma categoria comunicacional capaz de nos ajudar a compreender os fenômenos contemporâneos.

Comunicacionalmente, a diferença emerge como uma singularidade de um certo contexto e se produz antes de tudo a partir de experiências contextualizadas. Por isso, falamos em diferenças (plurais), e a nós, é interessante observar estas emergindo entre si. Nos contextos, os sentidos são (des) construídos, circulados e projetados diante das historicidades que os constituem. As diferenças que emergem nos contextos dizem sobre si mesmo e também sobre os cenários que se encontram.

Falar que as diferenças são singularidades é um modo de afirmar o seu caráter excepcional e exclusivo. Estas experiências podem nunca mais se repetir, mas sua validade/importância não consiste na repetição, mas no seu potencial de revelar/indicar predisposições de determinados contextos, quadros de sentidos vivenciados pelos sujeitos.

No fenômeno aqui analisado, a diferença que emerge é a racialidade. A racialidade é vista como uma categoria sociológica ligada à diferença, que emergiu nos últimos contextos como forma de marcação de experiências sociais

contemporâneas. Esta por sua vez é entendida como resultante de uma construção de injustiça histórica, que se torna uma categoria moderna quando há uma tentativa de cientificizar a espécie humana. A raça, então, inventada em contextos científicos é problemática, visto que parte do pressuposto de racialidade coincidente ao tom de pele – classificado a partir das lógicas do corpo branco, eurocêntrico e heteronormativo.

A racialidade surge como marcação de condições sociais para prejudicar sujeitos, definir assimetrias de poder, e distribuir recursos a partir de uma lógica matemática positivista. Entretanto, essa se torna uma categoria sociológica de luta, em que os sujeitos fazem uso para reivindicar direitos fundamentais e definir propostas de políticas de equidade entre os corpos, e denunciar os prejuízos desse modelo de divisão social que assola os sujeitos nas mais diversas esferas sociais.

Dito isso, o fenômeno que nos motivou a realizar essa pesquisa se trata de Jônatas F. Barros, médico, formado pelo curso de medicina da Universidade de Brasília, que emerge em contextos midiáticos a partir da tematização pública da racialidade dentro da medicina durante sua graduação (2018-2024) e até a escrita deste texto. Seus produtos midiáticos, diante do estranhamento da bibliografia utilizada no curso, revelam e denunciam a dermatologia como uma ciência branca, com determinados conjuntos de sentidos que trazem como fonte o corpo branco em centralidade – como merecedor de cuidados e tratamentos para melhorar sua qualidade de vida – ao ponto de ser origem de estudos e capacitação de profissionais da saúde.

Vale ressaltar que não se trata de um estudo de caso de Jônatas, ou de uma categoria sociológica construída pelas diferenças na dermatologia, ou da construção de conceitos. A nós é interessante compreender o próprio movimento de Jônatas, a própria singularidade que aparece, pois esta já é bastante significativa, visto que se trata de um estudante que lança mão de lógicas midiáticas para anunciar/denunciar que há um sistema histórico que direciona a medicina na tendência de práticas sociais a partir de uma ótica do corpo branco. Também não é prioridade pensar se a medicina é ou não uma ciência branca.

Comunicacionalmente, nos salta aos olhos observar a emergência desse fenômeno, o porquê ele aparece hoje. Neste sentido, não se trata apenas de Jônatas, mas também do contexto contemporâneo. Junto a Jônatas aparece um contexto, e a partir do seu surgimento, um (ou mais) contexto se revela e um (ou

mais) contextos se modificam. Para nós, a diferença é o que nos proporciona apontar para uma determinada mudança, que pode ou não se repetir ou permanecer, que aponta para um determinado horizonte, e que diz de um passado. Para a comunicação, a diferença seria o que foge da perspectiva, contraria as expectativas.

Ao pensar em Jônatas, podemos perguntar: para o que esse fenômeno aponta? Descreve/indica quais tipos de experiências possivelmente vividas na contemporaneidade? Por se tratar de uma singularidade, o fenômeno estudado hoje pode ser somente história em um amanhã próximo, deixando de ser presente e se tornando passado. Portanto, a validade do fenômeno se encontra na lente que construiremos para observá-lo. Sendo assim, descrever e narrar o que acontece diz de uma narrativa do fenômeno em si e dos contextos que emergem junto.

1.2 Contextos contemporâneos

No contexto atual, houve um aumento significativo no número de cursos disponíveis nas áreas chamadas “humanidades” nas últimas décadas, termo guarda-chuva para descrever o conjunto de 27 áreas do conhecimento científico, reunidas em três grandes áreas: Humanas, Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes¹. Dados do relatório do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG), no decênio do Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2011-2020², publicado em 2021, evidenciam um crescimento na oferta de cursos de pós-graduação (incluindo mestrado, mestrado profissional, doutorado e doutorado profissional). Na área de Ciências Sociais Aplicadas, o aumento foi de 69%, e de 52% em Ciências Humanas no período analisado. Este forte aumento detectado no PNPG, inclusive no próprio documento, é destacado como um aspecto a ser analisado e debatido com maior profundidade. Afinal, o aumento na oferta de cursos em pós-graduação nas humanidades nos leva a crer no aumento de demandas de pesquisas,

¹ Arranjo estabelecido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tabela completa no link

<<http://lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf/d192ff6b-3e0a-4074-a74d-c280521bd5f7>>, acessado em junho de 2023.

² Relatório promovido por meio da Portaria n.º 106, da CAPES/MEC, de 17 de julho de 2012, que constituía a Comissão Nacional Especial para acompanhar a implantação do PNPG 2011-2020 e coordenar a elaboração da Agenda Nacional de Pesquisa. Acessado em junho de 2023 <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/07032022_EvolucaoDoSNPGnodeceniadoPNP_G20112020_ISBNWeb.pdf>.

conhecimentos e formações abrangentes para compreensão dos desafios e contextos contemporâneos.

Notamos com isso que a sociedade tem lidado com a presença da circulação das ciências humanas no entendimento dos aspectos sociais, culturais e políticos do mundo, e que essa importância tem sido traduzida em políticas institucionais de expansão das humanidades. Estas ciências também têm capacidade de desenvolver habilidades de pensamento crítico, análise e comunicação, que são úteis e aplicáveis em diversos campos profissionais, entre relacionamentos interpessoais, de forma multi-interdisciplinar.

Esse caráter multi-interdisciplinar é ressaltado num trabalho recente, publicado em 2022 com título “Percepção de racismo vivenciado por estudantes negros em cursos de Medicina no Brasil: uma revisão integrativa da literatura³”. De acordo Vanessa Fredrich (2022), primeira autora, a produção científica sobre a percepção de racismo vivenciado por estudantes negros em cursos de Medicina no Brasil é, em sua maioria, conduzida por pesquisadores das áreas sociais e humanas, apesar de parte dos participantes, ou na sua totalidade, fossem estudantes do curso de Medicina.

De acordo com reportagem publicada pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), em agosto de 2022, a entrada de grupos não brancos nas universidades tem promovido um tensionamento nos currículos. Além de relatos de alunos sobre a falta de intelectuais negros, estudos que pudessem ser aplicados em comunidades locais, na sessão “Currículos”, é inserido uma aspas da coordenadora do projeto Sankofa, Valéria Carvalho, que diz:

Mudar a estrutura do conhecimento é muito importante, não só para que a gente olhe para a realidade social e todas as desigualdades e injustiças raciais como algo que é efetivo e que é preciso enfrentar, mas também para tensionar a própria estrutura epistêmica, considerando os conhecimentos também dos povos africanos e indígenas, porque isso é muito invisibilizado. (Carvalho, 2022)

Dentro do curso de medicina, o professor Gustavo Antonio Raimondi, do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), relata na reportagem, em entrevista ao portal

³ Fredrich VCR, Santos HLPC, Rocha TP, Sanches LC. Percepção de racismo vivenciado por estudantes negros em cursos de Medicina no Brasil: uma revisão integrativa da literatura. Interface (Botucatu). 2022; 26: e210677 <<https://doi.org/10.1590/interface.210677>>.

Comunica UFU – da Universidade Federal de Uberlândia – publicada em 2020 com o título “Professor da Famed explica como abordar racismo estrutural na formação em Medicina”, reporta como os livros de saúde ainda utilizam somente a raça/cor de pele branca como referencial para que os estudantes aprendam sobre lesões. Se a ciência, como propulsora de conhecimento, não mobiliza estudos sobre corpos não brancos, as chances dessas discussões chegarem de forma elaborada em outros locais é pequena.

O imaginário sociodiscursivo e as práticas que posicionam o corpo negro na sociedade têm a ciência como uma grande contribuinte na criação deste cenário, mas hoje, em ritmo lento, tenta-se reparar os danos causados e ressignificar os conhecimentos sobre a cultura e biologia de pessoas negras. Em uma breve recapitulação histórica, a ideologia da supremacia da raça branca foi produzida ao longo dos séculos XIII e XIV, quando diversos cientistas tentavam justificar a sociedade pelas características fisiológicas e genéticas de certos grupos.

O determinismo biológico trouxe crenças que são reproduzidas até os dias de hoje em hospitais, clínicas de estética, e na produção de cosméticos. Um exemplo do que ainda acontece foi trazido em estudo⁴ por pesquisadoras da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em 2017, que apontam a violência obstétrica cometida em mulheres negras. Em levantamento, foi constatado que mulheres negras têm uma probabilidade duas vezes maior de serem submetidas a episiotomia (procedimento em que se corta uma parte do períneo, região situada entre a vagina e o ânus durante o parto) sem anestesia em relação às mulheres brancas.

De acordo com um estudo recente sobre saúde intitulado Uma revisão sistemática das políticas relacionadas à saúde materna negra propostas pelo governo federal e em Massachusetts: 2010–2020, foi registrado que mulheres negras nos Estados Unidos sofrem mortalidade materna de três a quatro vezes mais quando se comparado às mulheres brancas. Em Massachusetts, estado do estudo, mulheres negras tinham aproximadamente duas vezes mais probabilidade do que mulheres brancas de sofrer mortalidade associada à gravidez, sendo que uma grande porcentagem destas mortes era considerada evitável. Isso mostra que ainda há muito trabalho a ser feito para reduzir essa disparidade, mostrando que o

⁴ Mulheres negras vítimas de violência obstétrica: estudo em um hospital público de Feira De Santana - Bahia, 2018. Acesso: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/30942>>.

preconceito racial e a discriminação podem reduzir a qualidade do tratamento e o acesso dos negros (Pfeuffer, 2022).

Junto à expansão de vagas nas ciências humanas e sociais, observamos a aplicação da política de cotas que celebrou uma década de implementação em 2022, no Brasil. A Lei de Cotas (12.711/2012) visa incentivar um ambiente acadêmico plural e diversificado, garantindo aos grupos historicamente marginalizados, como pessoas negras, indígenas, de baixa renda e com deficiência, acesso igualitário à educação superior, reduzindo com isso as desigualdades sociais para promover equidade e democratizar o acesso à universidade no Brasil. As diretrizes de cotas estabelecem para o ensino superior que seja reservado 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou de educação de jovens e adultos.

Embora não existam dados empíricos, apesar da lei de cotas prever a necessidade desse monitoramento, temos informações concretas sobre os avanços responsáveis por alterar o perfil dos estudantes nas universidades e institutos federais. Dados do estudo⁵ desenvolvido em março de 2021 a junho de 2022 pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (Lepes) da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e pela Ação Educativa aponta que o percentual de negros e indígenas cursando o ensino superior foi de 87% e 40%, respectivamente.

O Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Gema/UERJ)⁶, também traz informações interessantes ao detectar que, desde 2014, 60% dos graduandos das universidades públicas vêm em sua maioria de escolas públicas, e que 70% destes estudantes são de famílias com renda de até 1,5 salários mínimos por pessoa. O fortalecimento institucional das ciências humanas e a ampliação de políticas de reparação social provocaram fenômenos sociais diversos e complexos que demandam um olhar cuidadoso, e estudos que possam se debruçar sobre cada contexto e suas subjetividades.

⁵ Os dados são da pesquisa “Avaliação das políticas de ação afirmativa no ensino superior no Brasil: resultados e desafios futuros”. Acessado em <https://static.poder360.com.br/2022/08/pesquisa-avaliacao-lei-de-cotas-lepes-acao-educativa.pdf>.

⁶ Levantamento ação afirmativa nas universidades federais, acessado em: <https://gema.iesp.uerj.br/projeto/levantamento-acao-afirmativa-nas-universidades-federais/>.

Estas conjunturas ocorrem em meio à digitalização, esta que, por sua vez, tem sido um fator chave para as transformações significativas nas organizações modernas, de modo que, não somente põe em perspectiva paradigmas relativos aos meios de produção e arranjos sociais, como também impulsiona a emergência de experiências e dilemas relativos à convergência do mundo digital, físico e biológico (Schwab, 2017). Em outras palavras, a sociedade do século XXI tem experimentado uma rápida, constante e profunda mudança na forma em que sujeitos vivem, trabalham e se relacionam, devido à emergência de processos de midiatização – relações sociais que passam a existir nas/pelas mídias (Braga, 2005).

Percebemos com isso que os fenômenos, especialmente no campo da comunicação, atualmente perpassam por modalidades diferentes e meios de mídia diferentes para se fazer aparecer – fato este que não é necessariamente uma regra, mas uma característica do nosso próprio tempo, ou do tempo que nós observamos. Esse contexto de intermedialidade e multimodalidade demanda lógicas distintas e diferentes saberes, o que faz surgir a literacia midiática, pois ao entendermos que vivemos num cenário em que os gestos comunicacionais utilizam diferentes modalidades, partimos da ideia de que nossa comunicação envolve todos os nossos sentidos. Para ser mais específico, uma música, ao tocar no Spotify (plataforma de streaming), disponibiliza vídeos e letras que acompanham a reprodução. Isso poderíamos aqui chamar de multimodalidade. Neste mesmo aspecto, um show de stand up gravado ao vivo num teatro é disponibilizado no YouTube na íntegra e em cortes com imagem e áudio, e somente com áudio. Além disso, o mesmo material é recortado em faixas de áudios temáticas para as plataformas de streaming de áudio, como o Spotify e SoundCloud. Isso seria a intermedialidade, um conjunto de mídias que transportam gestos comunicacionais pelo espaço e pelo tempo.

Os estudos intermediáticos como metodologia buscam compreender por exemplo, a interação entre os tipos de meios envolvidos; tais como as semelhanças e diferenças entre os meios de comunicação e as alterações que podem ocorrer no material comunicativo quando é transportado de um tipo de mídia para outro; e si e como isso resulta em outros níveis de relação com aspectos sensoriais, espaço temporais e semióticos únicos. Jônatas é uma figura emblemática deste tempo, uma vez que sua aparência trouxe a nós uma necessidade de caminhos de pesquisa que pudessem ler este tempo e problematizar a relação entre ciência e sociedade num cenário de midiatização intensificada.

As ferramentas e plataformas digitais têm chamado a atenção da comunidade acadêmica por serem a chave para compreender as transformações de nosso próprio tempo. Os esforços de pesquisas buscam compreender os laços sociais e como interatividade, conexão, interface e rede de informação produzem e provocam emergências de processos comunicacionais midiáticos (Braga, 2005). Um exemplo é a comunicação política que se empenha em analisar as articulações, estratégias de atores e subjetivação política (Rossetto, 2013). De acordo com Valente (2010, p. 09):

A democratização do acesso à informação proporcionado pelas novas tecnologias, como os *mass media* e mais recentemente a rede mundial de computadores, permite novas formas de organização social, bem como novas possibilidades de manifestação e participação política. É inevitável que a tecnologia opere um determinado impacto nas sociedades humanas, que variam quanto à temporalidade, tendências e padrões culturais.

Dentro deste contexto, o digital emerge como um local de ressonância de temas e discussões que repercutem e ganham diferentes desdobramentos, gerando um tipo de efeito na opinião dos indivíduos a respeito dos temas em discussão (Rossetto, 2013). Dado este espaço, é notório como a instituição-mídia utiliza-se destes recursos para auxiliar na “exposição” de grupos sociais no ambiente digital, na mesma medida em que busca também expor a si mesma (Rocha, 2020). Desta forma, é instituído como a presença do outro é percebida e como esta percepção perturba um universo constituído por atores e organizações (Recuero, 2005). Por fim, isso revela a dinâmica de um cenário em que sujeitos e instituições, no processo de interlocução no ciberespaço, reproduzem e projetam redes de esferas públicas democráticas ou autoritárias, laços afetivos, vínculos éticos, morais e enfrentamentos e conflitos emergentes em contextos contemporâneos.

Embora exista a possibilidade dos sujeitos, a partir de seus atos de falas e corporais, interagirem e afetarem os contextos e as esferas públicas em que residem (Marques, 2017) numa sociedade democrática – que pressupõe igualdade, liberdade e livre participação –, os mesmos são constrangidos por sistemas que instituem a ideia de um sujeito universal em um espaço público dominado pela homogeneidade (Miguel, 2013).

Nesta conjuntura, a literacia midiática é o meio de emancipação e de autonomia para que a esfera pública digital tenha de fato uma comunicação pública

baseada na troca e reciprocidade entre instituições e sujeitos, com potencial para emergências, em que as diferenças surgem e experiências são realizadas (Telles, 1990). Deste modo, é pertinente pensar que a política de cotas abriu um espaço de acesso à instituição “ciência”, e, como resultado, vemos a emergência de uma subjetivação política de um indivíduo cotista que se utiliza da comunicação pública científica para questionar o modelo de código feito até o momento nas ciências, especialmente nas ciências vinculadas às áreas biológicas/saúde.

Entretanto, não se trata de uma questão isolada, e embora existam motivações pessoais, sua aparência evoca a emergência de enfrentamentos, lutas e disputas às quais a população negra enfrenta em suas experiências públicas. Além disso, conta também com o avanço das pesquisas em humanidades que colocam em xeque imaginários sociodiscursivos e práticas que posicionam o corpo negro na sociedade, este que, por muito tempo, se utilizava de argumentos científicos para abjetificar e explicar as relações de poder e a hegemonia da branquitude.

A partir desse levantamento que coloca como questão a relação entre ciência e sociedade, a ampliação da participação de populações marginalizadas por meio de políticas de reparação, percebemos que a comunicação como campo de pesquisa, mas também como espaço de relações possibilita a emergência de um comum dentro do campo da comunicação pública da ciência.

1.3 Emergência pública de @dexametaJhonny



Jônatas Ferreira Barros é recém-formado (2018-2024) no curso de medicina da Universidade de Brasília. Egresso que entrou na faculdade por meio de políticas de cotas racial, Jônatas se identifica como homem negro, cis e pertencente da comunidade LBGTQIAP+. Em seu perfil do LinkedIn, ele se descreve como: Pesquisador na Área de infectologia e Clínica médica com foco na abordagem de sexualidade, saúde e prevenção. Interesse pela clínica médica, saúde da população negra e LGBT e sorvete. Falante de 8 línguas (inglês, espanhol, francês, japonês, russo, aramaico e latim). Presidente da Liga de Infectologia da UnB (LAIN). No portal de

notícias da universidade, o momento de ingresso de Jônatas na instituição ganhou destaque, entre demais discentes, em matéria de boas-vindas aos calouros, o texto introdutório diz:

Tornar-se médico era o sonho de Jônatas Barros desde quando finalizou o ensino médio, em 2015. No entanto, o caminho para ingressar no curso de Medicina da UnB foi árduo. Passou um ano no cursinho, estudando de manhã até a noite, mas as tentativas nos processos seletivos da instituição não foram bem-sucedidas. Nem por isso o jovem de 18 anos desistiu. Em 2017, ele finalmente conseguiu alcançar o resultado almejado. “A gente só passa a dar valor àquilo que é inesperado. Para mim, a UnB era algo que estava além das minhas capacidades”, relata o calouro, que concorreu pelo sistema de cotas para negros. Jônatas é um dos 2.379 aprovados na primeira chamada do vestibular 2017, divulgada na tarde desta segunda-feira (17) pelo Cebraspe. (Veloso, 2017)

Outro momento midiático de Jônatas foi quando o portal Metrôpoles⁷ publicou uma reportagem em 2021 com a seguinte chamada: Estudante da UnB cria “cartilhas” que empoderam população preta e LGBTQIA+; e o seguinte subtítulo: Morador da Vicente Pires, Jônatas Barros cursa medicina e produz conteúdo sobre a população preta e LGBTQIA+ para as redes sociais. Nessa matéria, Catarina Loiola (2021) escreveu sobre Jônatas:

Antes mesmo de se formar no ensino médio, o brasiliense Jônatas Barros, de 21 anos, já sabia o que fazer na carreira profissional. Para ele, a medicina é uma ferramenta capaz de impactar positivamente o mundo e mudar a realidade de pessoas à margem da sociedade. Em 2018, ele realizou o sonho e entrou para o curso promovido pela Universidade de Brasília (UnB). “Me sensibilizei, principalmente, em como eu poderia ajudar pessoas com o conhecimento. Porém, com o tempo, vi também a oportunidade de revolucionar a sociedade que eu vivo, como um meio de ascensão social e de promover o mesmo para outras pessoas com a representatividade e ajuda direta”, afirma. Ao longo do curso, ele percebeu a necessidade de criar literatura sobre assuntos escassos no meio acadêmico, por meio de fontes científicas, como livros e artigos, e com o apoio de professores. “Antes, vivia em uma bolha limitada que não me permitia criticar, mas com a universidade e o contato com diversas populações, pude enxergar e me aprofundar em vários temas. Desde racismo, questões de gênero a interseccionalidades”, pontua. [...] “Para o público, é uma pesquisa extensa com critérios científicos bem respaldados, bibliografia e acervos”, diz. [...] “Até hoje, tive pouquíssimos professores pretos, no máximo quatro, mas todos têm uma enorme representatividade para mim”, afirma. Apesar do número reduzido, Jônatas acredita que deve haver uma escalada nos próximos anos. “A

⁷ O Metrôpoles é um veículo de comunicação totalmente digital. Busca informar, escutar, interagir, debater, denunciar, diversificar, entreter e prestar serviço à sociedade do Distrito Federal e do país são especialidades do portal. Acesso da matéria em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/estudante-da-unb-cria-cartilhas-que-empoderam-populacao-preta-e-lgbtqia>.

diversificação na cor de professores é uma tendência crescente e representa o combate ao racismo estrutural e um incentivo ao acesso de pessoas pretas dentro do curso de medicina, que é, por si só, extremamente elitizado”, diz. (Loiola, 2021)

A reportagem continua relatando seu percurso acadêmico, como ele reconheceu a importância de abordar temas pouco discutidos na sua faculdade, enquanto ao mesmo tempo diz que sua jornada na universidade expandiu seus horizontes, permitindo-lhe explorar questões que vão desde racismo e questões de gênero até interseccionalidades. Sua jornada no curso de medicina o levou a refletir sobre sua identidade e sexualidade, além de questionar sua própria existência – o que o levou ao estranhamento e ao início da produção de conteúdos midiáticos utilizando fontes científicas como livros e artigos, e contando com o apoio de seus professores.

Sua presença nas redes sociais começou em outubro de 2020, onde compartilha sua rotina de estudos e aborda diversos temas, como saúde e sexualidade da população preta e LGBTQIA+. Recentemente, ele discutiu a saúde mental dos negros e a afroconveniência e suas consequências. Ele destaca a importância de um rigor científico em seu trabalho, recorrendo a professores para validação acadêmica. Sua inspiração vem de figuras como sua mãe, colegas de curso e professores, apesar do reduzido número de professores pretos que teve ao longo de sua jornada acadêmica.

Jônatas acredita na diversificação étnica dos professores como uma tendência crescente que combate o racismo estrutural e promove a inclusão de pessoas pretas no curso de medicina. Ele vê a educação como uma ferramenta crucial para ascensão social, especialmente para pessoas pretas que não possuem outros meios. Ele se formou no primeiro semestre de 2024 e continua comprometido com seus estudos e projetos de pesquisa. Enquanto isso, ele está realizando aulas práticas no Hospital da Universidade de Brasília.

Jônatas aspira a ajudar travestis pretas marginalizadas e planeja atuar como educador no futuro, e seu objetivo é se tornar especialista em HIV no Brasil e estabelecer uma casa de acolhimento para pessoas LGBTQIA+ em situação de rua, oferecendo cursos e oportunidades para aqueles que forem acolhidos.

Em seu Instagram, seu @ de identificação é: [@dexametajohnny](#)⁸. Seu perfil conta com 140 postagens, 3.440 seguidores e segue 585 Contas. Sua primeira publicação foi no dia 01 de outubro de 2020, possui 476 e 106 comentários. Se trata de um conteúdo de apresentação seguido de imagem, na qual ele escreve:



Legenda: Ei, gente! Para quem não me conhece, meu nome é Jônatas Barros, mas posso te chamar de Johnny ou Jon.

Para começar esse Instagram, gostaria de me apresentar. Tenho 1,75m, gosto de icervete, Naruto e memes, sou solteiro, além de ser pansexual e estudante negro. Por isso, me interesso particularmente por esses temas da interseccionalidade aplicados à realidade do meu mundo, que é o que Anitta teme em relação ao racismo institucional e à violência obstétrica das mulheres negras.

Sem esquecer, também curso de medicina na UnB, e estou no sexto semestre. Sou presidente da Liga Acadêmica de Infectologia da UnB e fui Coordenador Geral do Centro Acadêmico da FM. Sou falante de 9 idiomas e fui aprovado em 8 faculdades como UnB, USP e UFMG. Também sou monitor no curso aqui em Brasília, direcionado para aprovação em medicina.

Pesquisei sobre sexualidade e saúde com foco na Preparação no Hospital Universitário na área de Infectologia, uma das minhas principais escolhas para atuação futura na área médica. Faço parte também do coletivo negro, o NEGREX.

⁸ Link para o perfil do Instagram:

<https://www.instagram.com/dexametajohnny/?ref=syn_article_candy&hl=ne>.

E como vocês podem ver, sou uma exceção, porque o percentual de estudantes negros e LGBTQs na medicina é mínimo, e é por isso que faço medicina. Meu principal objetivo é revolucionário. Igual a Gaga fez com a indústria musical. É ocupar espaços estreitos e com filtros sociais impeditivos, criar representatividade para que muitas pessoas sigam os caminhos que trilham, e focar naquelas populações em que a medicina não importa muito, que é a saúde da população negra e LGBTQIA.

Meu maior sonho é ser o maior especialista em HIV do Brasil e também criar um abrigo para pessoas LGBT em situação de rua, com cursos e oportunidades para quem foi acolhido. Ser uma família deles.

Meu principal objetivo neste Instagram é informar sobre a minha realidade e trazer conteúdo para esses temas negligenciados, sem o conhecimento de todos. Dentro das minhas limitações, também estou aqui para ajudar a todos que me procurarem.

Em seu perfil, sua descrição é: Jônatas Barros. Medicina e saúde 🧑‍⚕️ | Médico preto formado pela UnB 🏥 | CRM-DF 32089 📄 | Medicina baseada em evidências 🧠 | Saúde racializada e LGBTQIAP+. Além destas informações, há um indexador de links que direcionam para outros materiais em outras plataformas, tais como: Johnny Resumos Individuais ([Google Form](#)⁹); Racismo Epistemológico (aula) ([YouTube](#)¹⁰); Curso de ATB (Microsoft Teams); Aula Necropolítica ([YouTube](#)¹¹); Atlas de Dermatologia de Pele Negra (My Sharepoint Microsoft).

Adicionalmente, Jônatas possui um perfil na plataforma X, antes conhecida como Twitter, com identificação de Johnny, @dexametajohnny. Sua conta é fechada, isto é: somente pessoas que Jônatas permite podem segui-lo. Ao contrário, quem não o segue e não possui a permissão não consegue ver suas publicações feitas. Nesse perfil, Jônatas segue 486 contas e possui 11,8 mil seguidores.

A primeira postagem que aparece em seu perfil é uma publicação feita em 22 de janeiro de 2019. Esta, por sua vez, possui 1 mil comentários, 14 mil compartilhamentos e 87 mil curtidas. Acredito que foi uma postagem antes do seu perfil ser fechado e de forma pública ganhou grande repercussão. No texto é escrito: “Meus primos brancos e ricos sempre me falaram que eu ia ser motorista de ônibus

⁹ Link para o Google Forms Johnny Resumos Individuais: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSf5YkW3NfTbO4EyqkwHhWEWCP433MZTXtvP9zdp_xeqUGq9Q/viewform.

¹⁰ Link para Racismo Epistemológico (aula): <https://www.youtube.com/watch?v=h36E-FrPNwk&feature=youtu.be>.

¹¹ Link para Aula Necropolítica: <https://www.youtube.com/watch?v=nz1xFVDY624>.

por ser burro. Hoje eu passei em 7 universidades, dentre elas UnB, USP e UFMG em medicina sendo viado, negro e pobre.”

Vale pontuar que seu perfil no X possui atualmente caráter de diário, mas que não deixa de ser uma plataforma em que Jônatas usa para também dar vazão à sua vida pessoal e compartilhar os feitos do seu propósito em falar sobre saúde e corpos negros e LGBTQIAPN+.

O primeiro contato com Jônatas se deu em buscas sobre estética e peles negras, na qual me surpreendi com a produção de conhecimentos e conteúdos e com foco em populações de pele negra, visando informar profissionais da área da saúde complementando, a estes últimos, sua formação, sendo tal população carente e desamparada de produção acadêmica/científica sobre as características do corpo negro. Além disso, seus materiais criticam o sistema atual curricular da grade de medicina que, em sua maioria, é predominante de estudos sobre corpos brancos.

A sua primeira publicação vista por nós foi a produção de maior destaque e alcance até o momento na antiga rede social Twitter, atualmente chamada de X, que se deu em meados de dezembro do ano de 2020. O texto do seu perfil dizia: “Eu passei 1 ano estudando e diferenciando as diferentes apresentações dermatológicas da Pele Negra, e hoje estou encerrando esse projeto, tendo como produto esta pequena apostila que contém o básico para conhecer a dermatologia da pele negra.”

Na postagem, vinha anexado o atlas de título: A PELE NEGRA E A DERMATOLOGIA: o racismo estrutural opera para que peles negras sofram negligência no campo acadêmico. A publicação em questão teve mais de 1.790 compartilhamentos, 208 comentários, 10,4 mil curtidas e 948 em Itens Salvos no dia em que foi tirado o *screenshot*.



Escola de Empoderamento Hal... @dexametaj... · 16 de dez de 2020

Boa noite, comunidade acadêmica! Eu passei 1 ano estudando e diferenciando as diferentes apresentações dermatológicas da **Pele Negra**, e hoje estou encerrando esse projeto, tendo como produto esta pequena apostila que contém o básico para conhecer a dermatologia da **pele negra**



188 2.046 10,6 mil

Figura 2. Publicação do atlas A Pele Preta no Twitter. Fonte: Postagem do perfil do Twitter do Jônatas F. Barros.

Jônatas nos chamou atenção por sua produção de materiais que abordam temas científicos e por sua publicização em ferramentas e plataformas digitais para dar aparência a questões raciais, de vivências como estudante de universidade pública federal e sobre sexualidade e saúde. Dessa forma, ele utiliza-se das dinâmicas de midiatização para expor a negligência e o apagamento da pele negra pela comunidade acadêmica e estatal que ainda, nos dias atuais de tantas lutas e conquistas, contraria o direito de ter seu corpo reconhecido como um corpo existente e também merecedor de cuidado e de saúde, e como ainda beiram o descaso.

Lançando mão deste espaço e de suas potencialidades, verificamos, portanto, um fenômeno: a emergência pública de Jônatas Ferreira Barros. Este, que afirmamos não se trata de um fenômeno aleatório, mas de uma aparência que põe em foco uma demanda social e científica/acadêmica. Isso tudo ocorre num contexto de midiatização intensificada, junto à recente ampliação de acesso às universidades por grupos minoritários em espaços com maior produção e circulação acadêmica sistematizada de conhecimentos do campo das humanidades e ciências sociais.

Ao tomar Jônatas como figura emblemática deste contexto atual em que vivemos, acreditamos que sua própria presença e aparência revela uma forte relação de poder que está para além de Jônatas como sujeito, mas para a construção e modos operantes de uma relação de poder entre corpos, raças, territórios, colonização que ainda violenta e marginaliza subjetivações e diferenças.

Jonatas, um ativista, negro, da área de medicina, que lança mão do uso das mídias para se tornar presente nas mídias. Ao aparecer nesses espaços ele promove um fenômeno em que a ciência está sendo comunicada (não por cientistas e comunicadores), e como ela está sendo comunicada? Pontuamos que os pressupostos não se concentram em estudar Jônatas, nosso interesse é nele midiaticizado, para ele aparecer ele aprendeu a lógica destes meios, e aprendeu a lógica da produção de significados. Trata-se de um ativista nas redes. O fato de ter um ativista como Jônatas já significa muita coisa, nosso recorte não é para a eficácia, e para a própria existência e aparência, e o que a aparência produz em termos de uma explicitação pública de uma diferença.

Se o Jonatas que é um estudante de medicina recém-formado que vive nessa contemporaneidade acessou esses meios dessa forma para tentar produzir presença numa experiência pública das pessoas negras no contexto de uma ciência decolonizada, partimos do pressuposto de que este movimento está acontecendo com muitos outros jovens. Este é um movimento espalhado, não é exclusivo do Jonatas – ele como figura emblemática, simboliza a singularidade de uma experiência que não é singular, é contemporânea. Deste modo, se explica a escolha do Jônatas, o que a partir da sua emergência podemos elaborar perguntas produtivas para o campo da comunicação e suas interfaces com a saúde e a comunicação pública da ciência. Além de gerar caminhos férteis para pensar o cenário sócio técnico e o manuseio destas ferramentas em prol de ações que podem mudar o curso das coisas, tal escolha pode explicitar uma realidade vivida por uma parcela grande da população, e indicar a nossa posição na jornada de reestruturação das assimetrias de poder e desigualdade social.

Se recuperarmos então a perspectiva inicial de compreender como a comunicação pública da ciência proporciona emergências de subjetivações políticas, e ao sobrepor essa ideia diante do contexto de uma década de instituição das políticas de cotas, o aumento da força institucional das humanidades e maior ferramentas de mídias e meios de comunicação, é consequência pensar que as

aparências a partir daí têm o potencial de verificar suas igualdades frente ao sistema instituído com base em ideologias modernas que favorecem pequenos grupos, e que prega leis e crenças assimétricas nas relações entre territórios, saberes, raça, gênero, classe, dentre outros, além de também provocar presenças de historicidades e amplificar uma luta voltada à decolonização na relação contemporânea entre ciência e sociedade.

Nesse sentido, entendemos que estamos observando uma nova ambiência organizacional das instituições científicas. Estes aspectos serão abordados nos capítulos seguintes ao buscar tentar descrever o contexto contemporâneo em que vivemos, e como este potencializa uma abertura do campo da comunicação pública da ciência a partir de aparências no processo de fazer comunicação em contextos de mediação intensificados.

Sendo assim, a aparência do Jônatas em contextos midiáticos se faz interessante como fenômeno empírico para transbordar em tensionamentos em relação às teorias e discussões apresentadas posteriormente, que nos instiga a pensar: como esse fenômeno nos provoca a observar que a entrada de novas pessoas nas instituições científicas certamente vai alterar os processos de produção de comunicação da ciência? Dessa forma, lógicas de mediação permitem, a partir de determinadas competências, a emergência de uma aparência pública de um então estudante cotista negro, em meio à qual também emergem campos problemáticos vinculados à relação entre ciência e sociedade.

É em meio a este campo apresentado que propomos às problemáticas desta pesquisa, cujo objetivo geral é o de compreender como o ativismo social promove processos de comunicação pública da ciência em contextos mediados contemporâneos, a partir da presença de Jônatas, que em contexto da internet possui a designação: @dexametajohnny. Seguindo esta perspectiva, este trabalho conta com objetivos específicos que, intencionados, buscam: a) examinar como o ativista social mobiliza competências midiáticas para a promoção da comunicação pública da ciência; b) compreender como o ativista social promove/institui um gesto de historicidades a partir da intensificação de passados científicos na produção da comunicação pública da ciência; e, por fim, c) examinar como o ativismo social mediado no contexto de comunicação pública da ciência visa a atualização do comum pelo dissenso.

Para isso, levantamos algumas hipóteses. A primeira entende que, para se fazer presente, Jônatas mobilizou conhecimentos e competências midiáticas, fundamentais à amplificação de sua própria aparição pública. A segunda evidencia que a presença de um até então estudante negro em cenários de comunicação pública da ciência provoca emergências e tensionamentos referentes à produção de conhecimento científico e à aplicação deste no nosso tempo. E a terceira indica que a aparência de Jônatas é atravessada pelo surgimento de historicidades, estas que provocam uma espécie de abertura no tempo e de acesso aos passados; sendo assim, parece haver um movimento para uma atualização de um campo do saber que resulta em demandas para ampliação de um debate e de uma luta decolonial na relação contemporânea entre ciência e sociedade, neste caso.

Para além de uma busca de verificar suas supostas capacidades e habilidades de produzir ciência socialmente relevante com rigor científico, esta dissertação, em especial, busca tentar descrever o contexto contemporâneo em que vivemos, e como este, potencializa uma abertura do campo da comunicação pública da ciência a partir de aparências no processo de fazer comunicação em contextos de midiatização intensificado.

E neste argumentação que acredito ser basilar para a compreensão do fenômeno que aqui posto como foco investigativo, na busca de observar seu potencial para revelar como em contextos contemporâneos de midiatização, em que determinadas cenas comunicacionais são instituídas por lógicas recentes, é possível olhar para a comunicação pública da ciência para além de um gesto de centralidade na própria ciência, compreendendo a comunicação pública da ciência como um processo inclusivo, de aparências e historicidades, na medida em que a própria desigualdade e a exclusão são visibilizadas por um amplo e complexo processo de subjetivação política e participação de novos sujeitos, possibilitado e instituído por novas lógicas interacionais midiatizadas. Lógicas estas que merecem destaque em estudos que possam observar os cenários de midiatização, suas complexidades e diálogos que possam ajudar a melhor entender as emergências dos fenômenos contemporâneos e suas potencialidades, aparências e presenças.

Para isso, apresentamos uma análise empírica de um fenômeno que por meio da comunicação coloca em debate e em circulação temas científicos que não necessariamente vem de esferas institucionais da ciência, mas que adota seus métodos e abre uma ferida no que diz respeito a produção de conhecimento e as

escolhas do fazer ciência até os dias atuais, possível dado aos contextos de fortalecimento institucional das humanidades e políticas de cotas, junto às plataformas de midiática que amplifica esferas de comunicação pública da ciência.

Em seguida, apresentamos, nesta introdução, um tópico com Estado da Arte, Justificativa, Metodologia e Apresentação dos Capítulos. Os textos posicionam a pesquisa em relação à produção acadêmica do campo, as motivações detalhadas que levaram a iniciar esta pesquisa junto da demonstração de relevância acadêmica, científica e social deste trabalho. A metodologia também é descrita, relatando como foi pensado os procedimentos metodológicos e coleta de indícios.

Em anexo, separamos um agrupamento com algumas das produções de Jônatas, para que possa ser feita uma leitura capaz de proporcionar uma compreensão de seus produtos midiáticos de forma aprofundada e com todas as dimensões que estes buscam alcançar.

5 Estado da Arte

De tal sorte, seguindo a linha de tais questionamentos, apresentamos uma pesquisa de Estado da Arte que busca mapear as bases atuais de estudos relevantes para a comunicação pública da ciência, a fim de que nossa pesquisa possa estabelecer diálogos mais sistemáticos, e oferecer contribuições ainda não aventadas pelas comunidades científicas em questão. Além do mapeamento dos pontos teóricos que aparecem no trabalho como contribuição ao campo, por mobilizar aportes teóricos de maneira inter-transdisciplinar.

Utilizando o Portal de Periódico Capes no mês de março de 2023, banco de dados da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), acessado pela Comunidade Acadêmica Federada (CAFe) por meio do vínculo com a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

As buscas foram feitas pela combinação de duas palavras-chave temáticas, que dizem respeito sobre a grande área deste trabalho, comunicação pública da ciência, e os outros campos e conceitos que são mobilizados ao longo da pesquisa. Além disso, somente o filtro “Revisado por pares” foi estabelecido para que a visão sobre a produção acadêmica científica pudesse ser ampla abarcando qualquer idioma em qualquer período de tempo.

Pode-se adiantar que os resultados revelaram uma baixa quantidade de estudos que mobilizem os conceitos de comunicação científica em diálogo com a literacia midiática, intermedialidade e multimodalidade.

Neste sentido, na primeira busca feita com as palavras-chave “literacia midiática” e “comunicação científica”, foram encontrados três artigos revisados por pares, sendo dois de 2017 e um de 2015. Rivera-Rogel e Zuluaga-Arias (2017) apareceu como um trabalho que tinha como objetivo analisar qualitativamente o grau de competência midiática de professores da Colômbia e Equador; Frías-Guzmán (2015) aparece como um estudo sobre a Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) como proposta integradora, ainda em 2015, destacando a Alfabetização Multimídia como um processo de formação de competências relacionadas com a recepção e produção de mensagens a partir da convergência de linguagens e meios de comunicação; Rodrigues (2017) apresenta uma metodologia com base no uso de diversos letramentos midiáticos para ser aplicado em oficinas junto às disciplinas formais do Ensino Fundamental II.

A literacia midiática, até então, aparenta ser um campo multidisciplinar, que utiliza os estudos dos meios de comunicação, mas que não necessariamente tem um olhar comunicacional. Isso pode ser explicado pelo importante estudioso do campo da Comunicação, José Luiz Braga (2017), quando diz que a midiatização da vida social trouxe interesse para o estudo das mídias em vários campos do conhecimento, como pedagogia, letras e educação, afinal, o tema midiatização da sociedade, no seu contexto, aparece como elemento de transformação, como um desafio, um processo para diversas áreas.

Por isso, não necessariamente o estudo dos meios é feito por um olhar comunicacional, o que permite, por um lado, ampliar a discussão e ser mobilizado por outras disciplinas; mas, por outro, fomentar a circulação de trabalhos que promovem, na visão de Braga (2017), o risco da dispersão do campo e de perda de uma lente analítica própria aos estudos comunicacionais.

Com estes resultados, é possível inferir que, até o momento da busca, não há indexado no Portal Periódicos Capes estudos sobre literacia midiática e comunicação científica. Os indícios encontrados demonstram um movimento que já emerge publicamente como demanda a ser compreendida, qual seja: o interesse de problematizar os novos meios e como estes afetam as metodologias; as, formas de produção de fala e aprendizagem, dentro das humanidades e de outras áreas; as

demandas por compreensão ampla dos processos de midiatização nos contextos científicos. Nesse sentido, a literacia midiática aparece como campo de estudo de suporte para a compreensão dos novos contextos midiatizados.

Nessa perspectiva, o fato de não existirem trabalhos que mobilizem os conceitos de comunicação científica e literacia midiática é um indício que, nessa busca, demonstra, portanto, que a literacia midiática está vinculada a outras áreas de conhecimento, como esperado dado a explicação de Braga (2017) citada anteriormente. Além do mais, por ainda não haver exploração do conceito dentro do campo da comunicação científica, reforça a importância do diálogo proposto nesse trabalho de pesquisa, que tem como um dos seus recortes o campo da comunicação pública da ciência em diálogo com os estudos de literacia midiática.

O segundo arranjo de palavras pesquisadas foi “intermedialidade” e “comunicação científica”. Seguindo o mesmo período e filtro, o único resultado apresentado pela plataforma foi a 24ª edição do Dossiê Intermidialidades, publicado pela Revista RuMoRes (Portal de Revista da USP), no qual é dedicado a analisar os possíveis cruzamentos híbridos entre mídias e a propor uma crítica à tomada de objetos fílmicos (Soares, 2018). Pela leitura dos estudos contidos no dossiê, a noção de intermedialidade mostra-se ser um conceito importante, mas pouco explorado do ponto de vista relacional. Isto é, o conceito aparece como uma noção para compreender como os meios promovem uma fusão, hibridização, composição entre mídias, pessoas e produtos midiáticos.

No entanto, foi possível perceber uma lacuna no que referimos neste trabalho como ponto de vista comunicacional: ainda que tal noção fale da comunicação, é preciso ser problematizadas as relações que passam a existir por intermedialidades – conceito fundamental para compreender e discutir o contexto atual de uma sociedade pautada pela midiatização intensificada. Deste modo, os dados encontrados revelam que, embora a intermedialidade apareça em estudos no campo da comunicação, não há mobilização do conceito com comunicação científica e em contextos de comunicação pública da ciência.

A última busca foi feita pelo conjunto de palavras-chave: “multimodalidade” e “comunicação científica”. Seguindo o mesmo filtro, os estudos em sua maioria tratavam da possibilidade do uso da multimodalidade em práticas de ensino. Entre tantos, um nos chamou mais atenção, pois mobiliza a comunicação científica e a multimodalidade como categorias teóricas e analíticas centrais.

Publicado em 2021, o artigo tem como intuito investigar como a elaboração de memes poderia possibilitar a identificação dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre a pandemia da COVID-19 por meio do uso de linguagem multimodal (Silva, 2021). Este foi o único estudo que mais se aproximou das tentativas conceituais que propomos nesta pesquisa em utilizar os estudos de multimodalidade para tentar fazer uma leitura de contexto no campo da comunicação pública da ciência.

Já ao buscar as palavras-chave no Periódico Capes "historicidades e comunicação da ciência/comunicação pública da ciência", "comunicação pública da ciência e organizações", não foi encontrado nenhum resultado foi encontrado, feito até a data de abril de 2024.

6 Justificativa

Após essa leitura de cenário, esse trabalho de pesquisa se justifica, primeiramente, pela linha de pesquisa no qual se encontra, Redes, Linguagens, Memórias, uma vez que se inclina a observar um fenômeno contemporâneo de experiência pública midiaticizada. Quando elaboramos uma discussão a partir de arranjos conceituais que mobilizam teorias do campo de competências midiáticas, como literacia midiática e intermedialidade, com vistas a olhar para um contexto específico no campo da comunicação pública da ciência por óticas da estética, apresentamos uma nova abordagem que agrega na ampliação de contextos analisados cientificamente pelo olhar comunicacional – nos ancoramos em obras teóricas e metodológicas de autores e autoras do campo da comunicação.

Além disso, sua relevância científica por conseguinte explica a social. Esse trabalho aborda um fenômeno de aparência pública que tem colaborado para a criação de direitos e a tematização pública de questões e desafios sociais atuais. A escolha de olhar para a produção científica de um então estudante negro de medicina em contextos midiaticizados não é aleatória, pois ao explorar as competências midiáticas que são evidenciadas no trabalho de comunicação científica realizado pelo estudante de medicina Jônatas Feriera Barros, é possível propor uma reflexão sobre a comunicação pública da ciência, a partir de um olhar estético ancorado na midiaticização, o que nos ajuda a discutir e ampliar o debate

sobre os movimentos contemporâneos de decolonização e questões históricas sobre as sociedades modernas sobre as quais os/as cientistas atuais se debruçam.

Dessa forma, partimos da premissa de que o crescimento das ciências humanas em território brasileiro, junto com a oferta das disciplinas como parte obrigatória da formação do ensino médio, e a cobrança desse tipo de conteúdo em exames, acabou provocando determinadas ambiências de tematização de questões ligadas ao campo das ciências humanas que passam a afetar os sujeitos, atualizando seus próprios campos sociais de atuação. Assim, conseguimos perceber que a aparência de Jônatas surge diante de uma demanda social, esta que, devido às marcas da colonização, atinge corpos negros em diversos territórios.

Sua produção e sua relação com as mídias abre um terreno fértil para discussões acerca da comunicação pública da ciência nos contextos contemporâneos midiáticos. O que leva ao que a dissertação enfoca: como a comunicação pública da ciência se torna um lugar de potencial à redenção e ao encontro de historicidades e de problemas que têm sido vivenciados no campo científico, em especial no campo das ciências clássicas, como medicina – no que se refere ao modelo de produção da vida moderna pautado na branquitude, na heteronormatividade, no elitismo e nos privilégios, e na colonização de corpos que vão ocupar este lugar.

Nos chama atenção a estética, a presença e as diferenças e como estas categorias vão afetar e possibilitar uma leitura dos processos contemporâneos, especialmente no recorte da ciência como instituição. A categoria raça aparece atualizar o próprio campo das instituições, o campo da institucionalização da ciência, isto é: o campo da escolha de temas para ser estudados, bem como o campo do acesso a estas instituições (política de cotas no Brasil), começa a ter políticas públicas de combate ao racismo, políticas públicas de minimização de injustiças, reprodução de igualdade social.

Neste sentido, destacamos que o contexto e os indícios apresentados não são fenômenos isolados, isto é, não se tratam de um movimento individual, mas de um potencial que nos dá elementos para observar o cenário atual e para problematizar questões que, embora vistas, ainda demandam um longo caminho para serem reconhecidas e debatidas de acordo com as suas aparências, demandas e individualidades.

Partindo da visibilidade pública de Jônatas, como figura emblemática deste contexto, buscamos entender como seu manejo com as tecnologias acaba por promover aparências midiaticizadas em contextos de comunicação pública da ciência, provocando a emergência de informações que abastecem a forte luta em torno da relação entre ciência e sociedade, sobretudo numa perspectiva decolonial – esta que acaba por expor a modernidade e suas feridas, com foco, dentre outras motivações, a promover uma discussão sobre racialidades dentro do campo da medicina e das instituições.

Com isso, podemos dizer que aparência pública de Jônatas, em contextos de comunicação pública da ciência, acaba ocorrendo a partir de lógicas contemporâneas de midiaticização, produzindo, em última análise, uma luta em direção à revisão das organizações científicas a partir da emergência de historicidades e de uma forte relação com o tempo. O que a aparência pública midiaticizada de um estudante cotista negro, em contextos de comunicação pública da ciência, revela? Que competências midiáticas são mobilizadas por tal estudante para a construção de seus processos de circulação de conhecimentos científicos? E em que medida tais conhecimentos revelam perspectivas temporais, na medida em que não apontam apenas para um futuro de seus usos, mas, sobretudo, para a abertura de passados violentados?

7 Metodologia

José Luiz Braga (2008) entende a comunicação como ciência interpretativa, pois sua validade de conhecimento não está no método em si, mas na capacidade de produzir inferências. Mafra (2011) reforça este conceito quando diz que estamos falando de algo fluído, que pode não se repetir jamais e que faz parte de interações do nosso próprio tempo. Nesse sentido, como ciência interpretativa, a quantidade retirada do universo de dados é insignificante na pesquisa, pois para o paradigma indiciário – proposto como metodologia por Braga (2008) –, o ponto chave estaria na capacidade do pesquisador em olhar para o indício da realidade e provocar tensionamentos com as questões teóricas apresentadas. Em outras palavras, trata-se de uma capacidade de observar e buscar indícios, a partir das teorias que estamos investigando.

Segundo Braga (2008), essa seria uma boa leitura para introduzir o que é ser pesquisador (a) em comunicação e entender o que diferencia este campo das outras áreas de conhecimento. No artigo “O que é Comunicação?” Braga (2016) desmembra esta pergunta apresentando os diferenciais das pesquisas em comunicação na tentativa de complementar o campo junto a outros pesquisadores. Ele percebe três níveis principais, estes que, apesar de serem abstratamente distinguidos, são confundidos durante o trabalho de pesquisa na conformação das perguntas de investigação, a cada aspecto teórico, metodológico, prático.

O primeiro nível, e o mais alto da questão, é o epistemológico. Neste, encontramos reflexões sobre o conhecimento produzido, seus fundamentos, seria o nível das visadas programáticas e dos sistemas de pensamento (Braga, 2016). Este nível oferece também grandes metas para os dois próximos níveis e os cobra uma sistematização de acordo com sua proposição de sistemas. A partir do nível tático, é possível chegar no que mais nos interessa como pesquisadores da comunicação: a revelação de contextos e de interações e provocar o tensionamento desses indícios com questões teóricas de partida – e com outras que, porventura, possam emergir. Em outras palavras, trata-se de uma capacidade de observar os indícios coletados a partir das teorias que estamos investigando. Sendo assim, este trabalho se caracteriza dentro do campo da comunicação, uma vez que sua preocupação está em compreender as interações no contexto de ciência, mais especificamente um contexto de embate entre as interações mediadas por comunicadores e cientistas.

O segundo nível é chamado pelo pesquisador de teórico-metodológico. Ele afirma que este seria o nível das posições assumidas sobre a teoria e a pesquisa, dentro das estratégias de conhecimento da grande área de estudos - no caso da comunicação, seriam as ciências humanas e sociais. De forma prática, o metodológico dispõe de características e descobertas sobre o fenômeno em estudo, para serem articuladas ao nível epistemológico (Braga, 2016). Assim como o primeiro nível apresenta cobranças para os outros, o teórico-metodológico cobra uma fundamentação articuladora, e perguntas e objetivos específicos.

O último nível apresentado por Braga (2016) é o nível tático. Com questões de horizonte, objetividade e lógicas abrangentes oferecidas pelo nível anterior, o terceiro nível é entendido como a parte da abordagem material, do exercício de técnicas de observação, da obtenção de dados, que implicam desde uma construção do problema até a busca de indicadores e o trabalho de interpretação

(Braga, 2016). Este é o nível de tomadas de decisão de ordem prática, em cada pesquisa singular que desenvolvemos, continua o autor. Também chamado de investigativo e compreendido como parte do trabalho prático da pesquisa, o nível tático oferta situações indeterminadas, perspectivas práticas, índices e dados de observação.

Sua cobrança se manifesta na demanda por padrões e protocolos. Por mais que sejam listados em ordem numérica crescente, Braga (2016) ressalta que estes níveis não devem ser seguidos como uma lista de ações, pois não aparecerão nas pesquisas de modo sequenciado. Ele argumenta que faremos um movimento de ida e volta intensiva entre eles, e perceberemos que os três oferecem movimentos epistêmicos e se cobram mutuamente.

Braga (2016) relata que chegou a esse estudo ao observar que não poderia estruturar previamente uma abordagem teórico-metodológica, assim como outras disciplinas, devido ao movimento de sempre voltar ao objeto, à realidade observada. Como ciência interpretativa, a quantidade retirada do universo de dados é insignificante na pesquisa, pois para o paradigma indiciário, o ponto chave estaria na capacidade do pesquisador em olhar para o indício da realidade e provocar tensionamentos com as questões teóricas apresentadas. Em outras palavras, trata-se de uma capacidade de observar e buscar indícios, a partir das teorias que estamos investigando.

O autor ressalta que o resultado dessa ação é a inferência – capacidade de interpretar certo indício a partir dos conceitos trabalhados na pesquisa. A inferência em ciências galileiana ou nomotéticas, o resultado é o método, descrito pela matemática, estatística. No caso da comunicação:

a) não partimos de um desejo de confirmação das teorias que elencamos, por meio de movimentos de verificação e de “comprovação”, ambos supostamente possibilitados pelos materiais empíricos selecionados; e b) não partimos de um modelo de pesquisa direcionado a uma exaustiva descrição da empiria escolhida, de modo que, verificando-se algumas regularidades, tiraríamos as supostas singularidades deste estudo, sem uma conexão robusta com postulados conceituais levantados. (Mafra, 2011, p.97)

A inferência produzida pelo pesquisador e pela pesquisadora nunca será totalizante, e é preciso (re) contextualizá-las. Nas pesquisas, é preciso ser apresentado às condições dos contextos analisados, porque em contextos

semelhantes, “pode” ser que aconteça isso, é bastante possível que aconteça isso. Pela validade do conhecimento, a depender dos contextos, é importante que o/a pesquisador (a) escolha seus caminhos de análise. Para Braga (2016), temos que ser capazes de produzir dois tipos de inferências: de caso (estudo de caso) e inferência de campo – em que medida o caso estudado faz pensar a própria comunicação.

Está virada exige uma sofisticação conceitual do pesquisador. Por exemplo, a partir deste caso, é possível pensar que em contextos semelhantes possa acontecer isso, a partir deste caso, é possível observar uma tendência para acontecer tal coisa. Sempre falaremos sobre tendências, contextualizando as condições e o contexto do nosso caso que podem se repetir em outras condições e em outros casos. Isso porque a comunicação está dizendo sobre uma sociedade, vinculada a um contexto mais amplo. Toda escolha de teorias é uma escolha de indícios, inferências, tensionamentos.

De acordo com Braga (2016), toda inferência e todo tensionamento são resultados de uma combinação entre indícios táticos, empíricos e teóricos. O recorte de teorias as fazem se tornar indícios também. Nessa seara, Mafra (2011, p.103) propõe um projeto que para ele o modelo permite:

- a) o estudo de casos singulares, por considerar como válida a reconstrução de casos individuais para se propor inferências e suspeitas gerais;
- b) a busca de indícios que se referem a fenômenos não imediatamente evidentes;
- c) a distinção entre indícios essenciais (normalmente, os que dão os primeiros contornos ao recorte de pesquisa) e acidentais (as pistas que vão se abrindo na relação de intimidade com a realidade estudada, e que reconfiguram, muitas vezes, o caminho de pesquisa);
- d) o esforço de articulação entre indícios selecionados;
- e) a produção de inferências;
- e f) o tensionamento mútuo entre teoria e objeto.

Neste sentido, o paradigma indiciário foi fundamental para buscarmos realizar um estudo de caso singular a partir da aparência de Jônatas em contextos de comunicação pública da ciência. Consideramos realidades que transcendem o caso ao ponto de inspirar a produção de inferências gerais sobre a própria relação entre ciência e sociedade. Deste modo, o esforço deste trabalho de dissertação se concentra em levantar os indícios das aparências mediatizadas de Jônatas, elencando sua relevância por meio dos determinantes acima mencionados.

A pré-coleta dos indícios nos revelaram a necessidade de um arcabouço teórico capaz de explorar o contexto atual de sociedade em que vivemos e as características que levaram à emergência de Jônatas, também podemos observar questões relativas à relação entre ciência e sociedade, as demandas raciais ainda enfrentadas e como o campo da medicina se torna um espaço para questionar métodos e teorias sobre o corpo negro no âmbito da saúde. Entendemos que outras questões podem surgir, assim como previsto na fala de Mafra (2011) com base em Braga (2008) que descreve a distinção entre indícios essenciais e os acidentais.

A partir, então, do tensionamento triangular entre a situação empírica, as bases teóricas e o problema de pesquisa, pretendemos mergulhar nos canais de mídia e produtos midiáticos de Jônatas F. Barros, no qual almejamos colher indícios. O volume de produtos midiáticos publicados e a frequência de atualização das suas mídias nos desafiam a pensar estratégias para realização desta escolha. Nosso intuito é o de nos valermos das categorias teóricas apresentadas e separar os indícios de acordo com estas. Assim, acreditamos poder colher dados suficientes para realizar os debates e inferências propostas no referencial teórico.

Por seguir esta linha metodológica, seria precipitado apontar a quantidade de produtos midiáticos e mídias que serão analisadas. Portanto, nossa expectativa é buscar os indícios até que sature as discussões das categorias teóricas, de modo a não acrescentar outras possibilidades de análise a partir do problema de pesquisa elencado e dos conceitos que sustentam nossas lentes interpretativas.

Após a seleção prévia, buscaremos seguir com os procedimentos de triangulação propostos pelo autor em uma amostra não quantificada, tensionando os indícios com os referenciais teóricos apresentados e nossa inquietação acerca da aparência midiaticizada de Jônatas em contextos de comunicação pública da ciência, para que, a partir destes, possamos realizar inferências, vinculadas a quatro macro categorias, extraídas do referencial teórico aqui apresentado, que se mostram como orientadoras da proposta de escrita da dissertação:

- A. compreender como o ativismo social promove processos de comunicação pública da ciência em contextos midiaticizados contemporâneos;
- B. compreender como o ativista social mobiliza competências midiáticas para a promoção da comunicação pública da ciência;

- C. compreender como o ativista social promove/institui um gesto de historicidades a partir da intensificação de passados científicos na produção da comunicação pública da ciência;
- D. examinar como o ativismo social midiaticizado no contexto de comunicação pública da ciência visa a atualização do comum pelo dissenso.

Dessa forma, ao seguir uma proposta indiciária que visa superar uma mera aplicação dos conceitos teóricos, numa tentativa de categorização, apreensão ou explicação do fenômeno, buscaremos problematizar o caso específico o tensionando com as teorias escolhidas, e foi fundamental para realizarmos um estudo de caso singular a partir de então.

Nessa linha metodológica, os indícios serão colhidos no decorrer da pesquisa no movimento de sempre ir e voltar nas fontes, e em seguida serão distribuídos de acordo com o interesse nosso de pesquisadores e também seus potenciais em cada categoria que abordamos para possibilitar tanto as lógicas específicas de funcionamento dos indícios, como lógicas relacionais e contextuais externas a estes (Braga, 2008). Retomando o ponto principal do paradigma indiciário refletido por Braga (2016), a comunicação como ciência interpretativa torna a quantidade de dados retirados insignificantes na pesquisa, porque o objetivo chave está na observação do pesquisador para indício da realidade para provocar tensionamentos com as questões teóricas apresentadas.

8 Apresentação dos próximos capítulos

A partir do percurso de delineamento nesta pesquisa ora apresentado, a proposta de escrita da dissertação se divide em três partes, estas que, de modo geral, buscam refletir como as competências midiáticas, evidenciadas no trabalho de comunicação científica realizado pelo até então estudante de medicina Jônatas F. Barros, tornam possível uma reflexão sobre como a comunicação pública da ciência, a partir de um olhar estético ancorado na midiaticização e historicidades, e como estas óticas nos ajudam a discutir e a ampliar o debate sobre os movimentos contemporâneos de decolonização e de questões históricas sobre as sociedades modernas que os/as cientistas atuais se debruçam.

No primeiro capítulo, temos como principal objetivo compreender como o cenário de intermedialidade e multimodalidade demanda práticas de literacia midiática fundamentais para a construção da aparência pública e visibilidade. Para isso, será feito um levantamento de indícios de produtos midiáticos e meios de mídia de Jônatas F. Barros e tensionados a partir do modo como competências midiáticas emergem, conforme apresentado no primeiro tópico de fundamentação teórica. No final do capítulo, serão apresentadas as considerações, ressaltando os objetivos gerais e específicos, o problema de pesquisa, as conclusões chegadas após o tensionamento dos indícios, e quais perspectivas e horizontes são possibilitadas para os dois seguintes capítulos.

No capítulo dois, investigamos como a presença deste até então estudante, num cenário de mediatização intensificada, provoca potencialmente uma abertura no tempo a partir do acesso à passados e a intensificação de experiências desprezadas pela modernidade. Tal como, a instituição da sua presença a partir dos espaços mediatizados que utiliza, como essa presença revela historicidades. O capítulo é composto por dois tópicos teóricos e análise, introdução e considerações, na qual destacamos as principais análises e encaminhamentos que surgem.

No terceiro capítulo, buscamos observar como os materiais midiáticos e suas discussões provocam demandas por revisão do próprio lugar da ciência, de seus métodos e de circulação no comum, criando novas comunidades a partir do biosvirtual, proposto por Sodré (2014).

No fim dos capítulos também, na seção de Considerações Finais, faremos um esforço teórico de tentar apontar novos caminhos de pesquisas e as contribuições empíricas desenvolvidas ao longo da pesquisa, tanto para o campo da comunicação, quanto para as humanidades em geral, bem como para as demais áreas de conhecimento. Além das nossas reflexões sobre a ciência na modernidade, as subjetivações políticas e em que medida as latências e presenças destes corpos em novos contextos nos revelam sobre o tempo em que vivemos, ao passo que indica caminhos para novos horizontes.

Capítulo 1: Preconceitos (ex) implícitos na prestação de cuidados de saúde: competências midiáticas para ativismo social em contextos de comunicação pública da ciência

9 Introdução

Antes de darmos início à discussão do capítulo, iremos contextualizar com uma compreensão mais ampla dos contextos contemporâneos. Reforçamos novamente que o contexto e os indícios apresentados não são fenômenos isolados, pois não se tratam de um movimento individual de Jônatas, pois há outros como ele buscando a partir da visibilidade pública midiaticizada promover práticas em contextos de comunicação pública da ciência, que provoquem a emergência de informações que abastecem a forte luta em torno da relação entre ciência e sociedade, sobretudo numa perspectiva decolonial, e promover uma discussão sobre racialidades dentro do campo da medicina e das instituições organizadoras dos espaços públicos.

“No campo das universidades, no curso de Medicina, por exemplo, em que, segundo os números do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), apenas 2,33% dos alunos formados em Medicina são negros”, diz Duda Salabert (Furquim, 2019, p. 36) em uma entrevista intitulada: O que você faz com os seus privilégios?: Entrevista com Duda Salabert. Na fala, Duda (Furquim, 2019) discorre sobre a lógica de privilegiar os privilegiados e excluir os excluídos dentro das escolas. Na visão dela, a falta de números das pessoas que são excluídas das escolas, demonstra que não há, de modo geral, uma preocupação em mudar essa estrutura, “e que o caminho está no debate de um currículo escolar que contemple, de fato, a diversidade”, (Furquim, 2019, p. 37).

A matriz curricular diz muito sobre a estrutura de sociedade desejada, permitida, que possui o poder de violentar as diferenças. Chidiebere Sunday Ibe, 25 anos, (@ebereillustrate), ilustrador nigeriano e também estudante de medicina, afirma que decidiu ilustrar imagens de pessoas negras em



contextos de saúde, como paciente, como profissional, como parte da ambiência quando percebeu que não havia pessoas de pele negra nos livros de medicina.

Na matéria da Revista Trip (@revistatrip) publicada no Instagram¹², há uma aspas de Chidiebere diz que “quando comecei a fazer ilustrações médicas, em 2020, pesquisei muito sobre o assunto e percebi a falta de diversidade de cor nas imagens! Vi uma falha no sistema médico e decidi agir”, (Ibe, 2023). Chidiebere tornou-se viral em dezembro de 2021 depois de postar uma mãe negra e um feto, que ele mesmo desenhou, nas plataformas de mídia social Instagram e Twitter/X.



Figura 3. “Eu literalmente nunca vi um feto negro ilustrado”, disse um usuário do Twitter, cuja postagem com a imagem ajudou a impulsionar a ilustração para a viralidade. “Ver mais livros como este me faria querer me tornar um estudante de medicina”, disse um comentarista na postagem de Ibe no Instagram. Fonte: Instagram. Acesso em 03 de março.

A foto possui como legenda: “Shades. Black Pregnant Woman Illustration by @ebereillustrate. Diversity in medical illustration. #medicalscool #medicine #medicalillustration #art #artist #blackpeople #africa #unicef #pregnancy #mother”, e atingiu um expressivo número de 114.408 curtidas, e 2.688 comentários. Junto a

¹² Matéria da Revista Trip no Instagram de novembro de 2023. Link de acesso: https://www.instagram.com/p/Cz35RpcLv2h/?img_index=4.

postagem fixada existe outra postagem publicada 11 de janeiro de 2023 com legenda que diz:

Estou muito feliz por ver minha ilustração ser usada na Câmara dos Deputados dos Estados Unidos durante o discurso da congressista Frederica Wilson!

"Ao sair da maternidade de mãos vazias e tomada pela tristeza, vi outras mães comemorando seus recém-nascidos.

O aborto não se aplica apenas a mulheres que decidiram que não estão prontas para ter um filho. Ele afeta mulheres que enfrentam emergências médicas" - Rep. Frederica Wilson. (Ibe, 2023)

Chidiebere Ibe se apresenta em seu Instagram que conta com 183 publicações, 142 mil seguidores, 337 contas que ele segue, como TEDx Speaker, Author, Forbes Featured Medical Illustrator, Medical Student, Founder: @cchangeafrica. Além disso, o estudante de medicina tem parceria com as empresas Johnson & Johnson e a Deloitte, e lançaram o Illustrate Change, uma biblioteca digital com ilustrações médicas que visa combater as disparidades raciais de saúde. Segundo Perdigão (2023)¹³, todas as pessoas artistas que colaboram no projeto como ilustradoras são consideradas Black, Indigenous and People of Color (BIPOC).

"Tenho orgulho de minhas ilustrações desempenharem um papel vital em continuar a aumentar a conscientização sobre as lacunas na representação de imagens médicas. Fechar essas lacunas ajuda a evitar preconceitos implícitos nos ambientes de saúde e aumenta a conscientização de como as condições se apresentam em diferentes tons de pele, o que poderia ter implicações muito críticas para os resultados de saúde. Espero que essas imagens inspirem as futuras gerações de ilustradores médicos", completa Ibe. (Revista Trip, online, 2023)¹⁴

¹³ Link para a matéria completa: [Ilustrações médicas de pessoas negras buscam igualdade racial na saúde | Metrôpoles](#).

¹⁴ Link para a matéria online no Instagram da Revista Trip: https://www.instagram.com/p/Cz35RpcLv2h/?img_index=8.

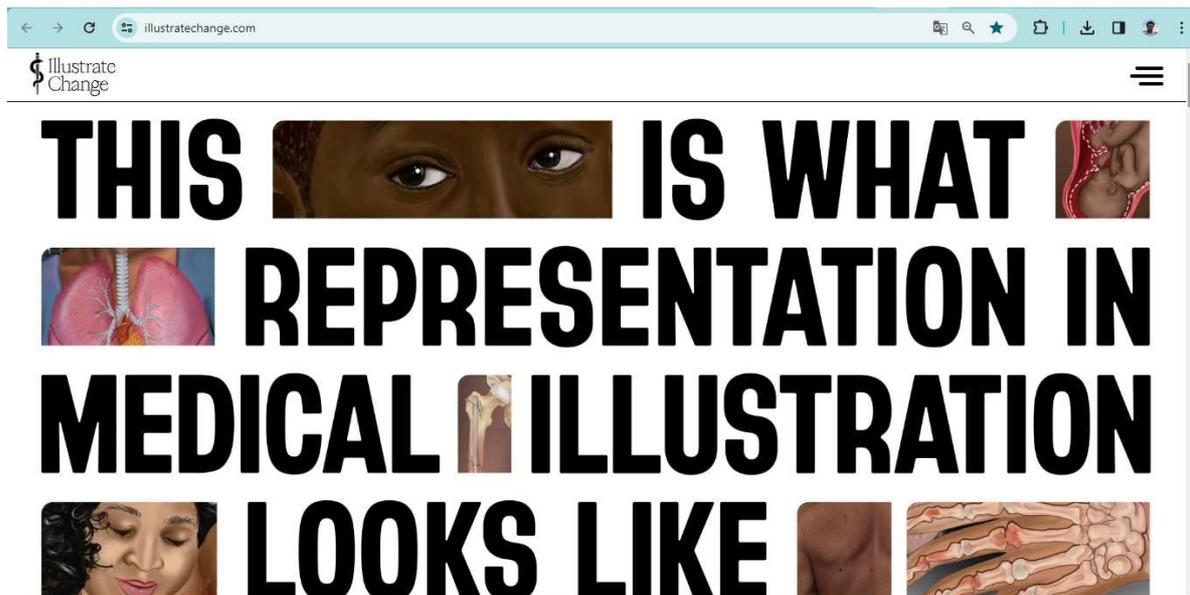


Figura 4. Printscreen do site Illustrate Change.

Ademais, Chidiebere Ibe possui um livro intitulado *Beyond Skin: Why Representation Matters in Medicine* com a seguinte sinopse: *Beyond Skin* é minha primeira peça; significa muito para mim. A jornada da obscuridade à grandeza ocorreu genuinamente no ritmo de Deus e através de pura determinação. Essa história não contada é destacada em parte do livro. Sendo conhecido por defender grupos minoritários através da criação visual, raciocinei: Qual é o espectro em que vemos pessoas que não se parecem conosco? Será que nós, como prestadores de cuidados de saúde, baseamos a eficácia dos nossos serviços na cor da pele das pessoas que servimos? defender as minorias por meio de imagens e narrativas precisas? Os resultados de saúde diminuiram porque a base do nosso serviço à nossa população é a forma como ela se sente. (Tradução nossa).



Figura 5. Printscreen do site Illustrate Change com ilustrações de doenças em olhos de pessoas com cor preta.

Neste tópico, as imagens clínicas de condições dermatológicas em pacientes com pele negra e tipos de pele mais escuros, a representação e a diversidade são poucas e raras. Em dados publicados na revista *Dermatology Times*:

Um estudo descobriu que, apesar da variação da patologia cutânea em pacientes com tipos de pele mais escuros, apenas cerca de 4,5% das imagens em livros médicos apresentam pacientes com pele mais escura. Entre 6 livros didáticos comuns de dermatologia, a representação de pacientes com tipos de pele mais escuros variou de 4% a 18% das imagens, com 5 dos 6 livros didáticos sem melhorias significativas nos últimos 15 anos. (Andrus, 2023, tradução nossa)

A baixa representatividade de corpos negros nos livros acadêmicos indicam também baixo conhecimento sobre as emergências e fenômenos cutâneos nestes corpos, o que está ligado com preconceitos (ex) implícitos na prestação de cuidados de saúde. Deste modo, como a medicina do curso usa a pele branca como partia para definir protocolos de sintomas de doenças dermatológicas, em peles que possuem propriedades de coloração totalmente distintas, passa por dificuldade para diagnósticos e cuidados.

Em relato, uma mulher negra, estudante e produtora de conteúdo sobre cabelos crespos, conta que se sentiu lesada em sua experiência como pessoa negra buscando tratamento de saúde.

Eu tive um episódio de pitiríase versicolor, mais conhecido como pano branco, e ele causa uma descoloração na pele. Eu fui à doutora, mas a minha descoloração não era esbranquiçada e sim amarelada, pois tenho

uma pele mais retinta, e ela não identificou de cara, apenas depois de três sessões eu fui medicada corretamente. (Silva, 2021, p. 47)

Essa lacuna foi sinalizada também pelo estudante de medicina Malone Mukwende (@malone_187), da St. George's, Universidade de Londres no Reino Unido, que voltou seus estudos para os diversos tons de pele negra. Ele criou um guia que pode melhorar o ensino, diagnóstico médico e promover a descolonização do currículo. Publicado também em 2020, o Mind the Gap¹⁵ (Cuidado com o vão, em tradução livre) é um manual que mostra como os sintomas de diversas doenças se apresentam em vários tons de pele. A postagem¹⁶ possui 7.423 curtidas e 319 comentários, e é acompanhada pela legenda que diz:

“Mas como será na pele mais escura?” Uma pergunta que me fiz com frequência durante meu período na faculdade de medicina. Essa comemoração constante me levou a criar um manual que apresenta características clínicas em peles mais escuras. Espero que esse recurso mude a cultura da educação médica. (Mukwende, 2020, tradução nossa)

Malone possui 139 publicações em seu instagram, 11 mil seguidores e 1.547 contas seguindo. Se considera he/him e coloca como descrição destaques como: Forbes30U30, Medicine 🩺, Property Investor 🏠, Redefining Healthcare for Black



and Brown people at @hutano.co 🚀. E os lugares que ele saiu como notícia como Feat: in @time, @washingtonpost @cbc. Além disso, há um site em seu perfil com links para várias páginas, tais como: Podcast, novidades e oportunidade de investir comigo abaixo! [MediAssist - Aprenda Medicina Mais Rápido](#)¹⁷, [Mind the Gap: um manual clínico de sinais e sintomas em pele negra e parda](#), [Meu canal no YouTube](#), [Forbes30U30](#),

¹⁵ Estudante cria guia para identificar sintomas de doenças na pele negra. Acesso: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/07/estudante-cria-guia-para-identificar-sintomas-de-doencas-na-pele-negra.html>>.

¹⁶ Link para a sua publicação do Mind the Gap: <<https://www.instagram.com/p/CBljhUGFKRc/>>.

¹⁷ Link para MediAssist - Aprenda Medicina Mais Rápido: <<https://www.blackandbrownskin.co.uk/mindthegap/>>.

[Revista TIME com Angelina Jolie](#)¹⁸, [TalksAtGoogle - com mim](#) 🥳🥳¹⁹, ELA EUA, Washington Post, [Câmara dos Lordes \(O governo!!!\)](#)²⁰, [BMJ](#)²¹, [Notícias da Sky](#)²², [Notícias da NBC](#)²³, [AJ MAIS](#)²⁴, [Medscape](#)²⁵, [Bloomberg QuickTake](#)²⁶ e [CBC Canadá](#)²⁷.

Quando olhamos para as produções midiáticas de Chidiebere, Jônatas e Malone, percebemos que não se trata de um movimento individual. Mas sim, de uma movimentação de corpos políticos em três diferentes territórios, Inglaterra, Nigéria e Brasil. Se trata de como estes corpos, ao entenderem suas identidades raciais e verificar suas igualdades no que o Jaques Rancière (2000) chamada de processo de verificação de igualdade, surge como corpos políticos e ativistas em busca de mudança e justiça para as pessoas de corpos negros.

Como corpos políticos, como que na emergência de subjetivações políticas os sujeitos fazem o uso de atos de fala e atos corporais para verificar a suas próprias igualdades frente ao sistema que estão instituídos. Quando começa esse processo de verificação da igualdade, ocorre também a auto observação e os reconhecimentos de identidades em atos de dissensos, os sujeitos então promovem atos de fala e atos corporais para confrontar essas situações/instituições. O que o coloca numa posição de ativismo. Deste modo, ao emergir suas subjetivações políticas quando se auto observa, estes promovem atos comunicacionais sobre si e sobre o mundo ao redor para expor o sistema assimétrico em relação às suas identidades.

¹⁸ Link para Forbes30U30, Revista TIME com Angelina Jolie:

<<https://time.com/6074742/angelina-jolie-malone-mukwende-hutano-mind-the-gap/?amp=true>>.

¹⁹ Link para TalksAtGoogle - com mim: <<https://youtu.be/136iuHlh9mE>>.

²⁰ Link para Câmara dos Lordes (O governo!!!):

<<https://hansard.parliament.uk/Lords/2020-07-14/debates/379CB648-6EA7-4637-81C0-B70439674D23/MedicalTeachingAndLearningEthnicDiversity>>.

²¹ Link para BMJ: <<https://www.bmj.com/content/369/bmj.m2578>>.

²² Link para Notícias da Sky:

<<https://news.sky.com/story/doctors-may-be-missing-illnesses-because-uk-medical-textbooks-often-focus-on-white-people-12025268>>.

²³ Link para Notícias da NBC:

<<https://www.nbcnews.com/news/nbcblk/med-schools-rarely-teach-common-skin-ailments-black-patients-student-n1234376>>.

²⁴ Link para AJ MAIS: <<https://mobile.twitter.com/ajplus/status/1285679189564231684>>.

²⁵ Link para Medscape: <<https://www.medscape.com/viewarticle/933875>>.

²⁶ Link para Bloomberg QuickTake:

<<https://mobile.twitter.com/QuickTake/status/1288610303102550016>>.

²⁷ Link para CBC Canadá:

<<https://www.cbc.ca/radio/asithappens/as-it-happens-tuesday-edition-1.5657448/medical-student-creates-handbook-for-diagnosing-conditions-in-black-and-brown-skin-1.5657451>>.

Portanto, este capítulo tem como objetivo compreender como o ativista social mobiliza competências midiáticas para a promoção da comunicação pública da ciência. Os indícios foram colhidos em seus canais de comunicação digital, conforme elucidado na metodologia, e terá como base a literacia midiática como fundamentação teórica e discussão analítica para observar como as competências midiáticas aparecem em seus produtos midiáticos.

- A. Qual o contexto que o estudante de medicina aparece, de cotas, fortalecimento das humanidades e de contexto sociotécnico com competências midiáticas;
- B. O que isso diz sobre o contexto da ciência do contemporâneo, da comunicação científica e divulgação científica;
- C. É possível observar que as historicidades passam a compor a atmosfera de comunicação pública da ciência?

10 Literacia midiática no contexto intermediário e de multimodalidade

Nos dias atuais, frente aos ambientes altamente mediatizados, é possível discernir uma ampliação dos espaços e dos modos potenciais de adquirir conhecimento, conforme elucidado pelo acadêmico José Luiz Braga (2001). Esse processo de aprendizagem, desvinculado do controle das instituições educacionais tradicionais, como escolas e famílias, resulta da interação que o indivíduo estabelece ao se deparar com uma variedade de conteúdos. Geralmente, essas interações ocorrem de maneira não consciente: não percebemos que estamos aprendendo ou sobre o que estamos aprendendo, simplesmente internalizamos gradualmente as informações. Contudo, mesmo de forma inadvertida, só absorvemos conhecimento ao interagir ativamente, reagindo e interpretando.

Sendo assim, nosso principal intuito, com este primeiro tópico de Fundamentação Teórica, é buscar autores e autoras que nos ajudem a compreender os contextos de sociedades contemporâneas, os meios de comunicação social, e como os meios digitais e não digitais fornecem tecnologias e ferramentas das quais podemos facilmente alternar e combinar meios no que chamam de intermedialidade.

Partindo da premissa de que a escolha dos meios de comunicação define o que e como comunicamos num momento histórico (Bruhn; Schirrmacher, 2022), nosso esforço, ao final do tópico, é o de tentar compreender como um contexto de intermedialidade e a demanda por literacia midiática aparecem nos contextos comunicacionais contemporâneos de modo a explicitar e nos ajudar a compreender as competências midiáticas presentes no trabalho de comunicação pública da ciência feito por Jônatas F. Barros.

Os estudos intermediários podem contribuir para uma melhor compreensão de fenômenos culturais e comunicativos específicos, a fim de refletir ou mesmo responder a fenômenos atuais e desafios sociais. De acordo com Bruhn e Schirrmacher (2022), o termo *intermediality* (que traduzimos como intermedialidade) indica um objeto de estudo, um método de estudo ou uma teoria sobre uma categoria de objetos, e por isso, é preciso distinguir entre *intermedial studies* (que traduzimos como estudos intermediários) como método e teoria de estudo, de a *intermediality* dos produtos midiáticos²⁸ como objeto de estudo. Neste trabalho, os conceitos nos ajudam a compreender que os processos comunicacionais partem de uma relação heterogênea entre diferentes formas de criação de significados, num determinado produto de mídia e/ou entre diferentes tipos de mídia²⁹. Isso porque, nos aproximamos da ideia de que toda comunicação envolve todos os nossos sentidos, não há meios meramente visuais, textuais ou auditivos; neste lugar, todos os produtos de mídia são, portanto, mistos e heterogêneos em vez de 'monomediais'.

Deste modo, todas as práticas comunicativas e todos os tipos de meios de comunicação são multimodais: recorrem a diferentes formas de recursos para a criação de significados (Bruhn; Schirrmacher, 2022). Estes estudos de intermedialidade são cruciais para demonstrar as relações entre tipos de mídia, tais como textos e imagens, palavras e música, ou nas transformações das mídias que de alguma forma cruzam e desafiam as fronteiras das mídias convencionais. O entendimento desta dinâmica torna difícil ignorar as complexas transformações e

²⁸ Para os autores Bruhn e Schirrmacher (2022), o termo produto de mídia é uma comunicação específica de um objeto ou evento. Por exemplo, um artigo, um e-mail, uma carta, um enunciado falado, um tuíte.

²⁹ Bruhn e Schirrmacher (2022) destacam que o termo mídia se refere às ferramentas de material base necessários para promover comunicação pelo espaço e tempo.

combinações inerentes a tais operações, multimodalidade e intermedialidade. Nas palavras dos autores, em tradução livre Inglês-Português:

Nem sempre estamos cientes de que cada escolha, mudança ou meio forma de fato 'a mensagem' que queremos fazer passar. Isto é ainda outra razão pela qual precisamos de 'literacia midiática': porque vivemos em sociedades contemporâneas saturadas de meios de comunicação social, devemos ser capazes de navegar criticamente e discutir e mesmo produzir parcialmente produtos midiáticos. (p. 10)

Sendo assim, no livro texto *Intermedial studies*, escrito por Jørgen Bruhn e Beate Schirrmacher (2022), é feita uma introdução aos estudos intermidiáticos e como podem contribuir para uma melhor compreensão dos meios de comunicação social, e como os meios digitais e não digitais fornecem tecnologias e ferramentas das quais podemos facilmente alternar e combinar meios no que chamam de intermedialidade. Para os autores, a escolha dos meios de comunicação define o que e como comunicamos num momento histórico em que os meios digitais fornecem uma tecnologia através da qual podemos facilmente alternar e combinar meios. Segundo os autores, de forma consciente ou inconsciente, interagimos com todo e qualquer produto de mídia e mídias de maneiras diferentes e ao mesmo tempo. Deste modo, estar ciente da multimodalidade e da intermedialidade nos ajuda a entender e problematizar os gestos comunicacionais e as interações com os produtos de mídia. Afinal, estamos interagindo com diferentes objetos materiais (Bruhn; Schirrmacher, 2022).

O conceito de intermedialidade tem maior recorrência nos estudos literários, história da arte, musicologia e estudos cinematográficos. A pesquisa intermidiática, como método, teoria e objeto de estudo têm se interessado particularmente em produtos artísticos de mídia e se concentra nas relações entre tipos de mídia, como textos e imagens, palavras e música, se transportam entre as mídias e o que geram a partir desses movimentos. Os estudos intermidiáticos entendem que toda comunicação é multimodal e toda comunicação emprega diferentes formas de mídia. Para compreensão da multimodalidade, os estudos da área tem como objeto a integração dos diferentes modos de comunicação, isto é: fala, cor, tipografia, linguagem corporal, expressão facial, entonação, entre outros recursos semióticos, que outras disciplinas além de comunicação como a linguística, se debruçam para compreender suas potencialidades, seus detalhes a relação com contexto social e a

geração de significado. Estes termos e suas variações (intermídia e multimodal) designam tradições de pesquisa, programas e comunidades de investigação, com trajetórias históricas específicas.

Os estudos intermediários podem ser descritos com maior foco nos produtos de mídia – categorizado como uma comunicação específica de um objeto ou evento – um artigo, um e-mail, uma carta, um enunciado falado, um tuíte – e a as mídias – categorizadas como ferramentas de material base necessários para promover comunicação pelo espaço e tempo (Bruhn; Schirmacher, 2022).

(tradução nossa) Os estudos intermediários chamam a atenção para a mídia técnica de exibição e tecnologia de mídia, que são exploradas na arqueologia da mídia. Assim como os estudos de mídia, os estudos intermediários estão interessados nos aspectos estéticos e filosóficos da mídia. Os estudos intermídia consideram a interação de diferentes formas de criação de significado nas interfaces, o que é semelhante ao interesse dos estudos multimodais. Assim, o foco dos estudos intermediários se sobrepõe a outras abordagens sobre a mistura de mídias. (Bruhn; Schirmacher, 2022, p. 7)

11 Ativismo social e literacia midiática direta ao ponto

As redes sociais têm chamado a atenção da comunidade acadêmica por mediarem as relações contemporâneas. Os esforços de pesquisas buscam compreender os laços sociais e como interatividade, conexão, interface e rede de informação produzem e provocam emergências de processos comunicacionais midiáticos (Braga, 2005). Um exemplo é a comunicação política que se empenha em analisar as articulações, estratégias de atores e subjetivação política (Rossetto, 2013). Isto pode ser observado em obras que exploram o fenômeno da digitalização como fator chave para as transformações de nosso próprio tempo. De acordo com Valente (2010, p. 09):

A democratização do acesso à informação proporcionado pelas novas tecnologias, como os *mass media* e mais recentemente a rede mundial de computadores, permite novas formas de organização social, bem como novas possibilidades de manifestação e participação política. É inevitável que a tecnologia opere um determinado impacto nas sociedades humanas, que variam quanto à temporalidade, tendências e padrões culturais.

Desta maneira, para analisar os ambientes de midiática como espaço público, em meio ao qual existiria uma suposta comunicação pública baseada na

troca e reciprocidade entre instituições e sujeitos, podemos entendê-lo como local em que diferenças emergem e em que experiências são realizadas (Telles, 1990).

Com foco em observar o fenômeno proposto num recorte da relação entre ciência e sociedade, buscamos estudos que problematizam esses processos interacionais. A partir de lentes comunicacionais, tem sido evidenciado o quanto a mídiatização interfere significativamente em tais movimentos, por exemplo nos modos de consumo de conteúdos sobre ciência (Araújo, 2011). No ambiente digital, o debate e a prática da popularização da ciência dispõem de criativas possibilidades de participação dos setores populares, o que possui potencial para reposicionar percepções sobre o conhecimento (Sousa, 2019).

Dentro deste contexto, o espaço digital emerge como um local de ressonância de temas e discussões que repercutem e ganham diferentes desdobramentos, gerando um tipo de efeito na opinião dos indivíduos a respeito dos temas em discussão (Rossetto, 2013). Dado este espaço, é notório como a instituição-mídia utiliza-se destes recursos para auxiliar na “exposição” de grupos sociais no ambiente digital, na mesma medida em que busca também expor a si mesma (Rocha, 2020). Desta forma, é instituído como a presença do outro é percebida e como esta percepção perturba um universo constituído por atores e organizações (Recuero, 2009). Por fim, isso revela a dinâmica de um cenário em que sujeitos e instituições, no processo de interlocução pela mídiatização, reproduzem e projetam redes de esferas públicas democráticas ou autoritárias, laços afetivos, vínculos éticos, morais e enfrentamentos e conflitos emergentes em contextos contemporâneos.

Para Sodré (2014, p. 109), a mídiatização seria:

elaboração conceitual para dar conta de uma nova instância de orientação da realidade capaz de permear as relações sociais por meio da mídia e constituindo (...) uma forma virtual ou simulativa de vida, a que já demos o nome de bios midiático (ou bios virtual).

Neste sentido, seguimos refletindo como as relações mediadas pela interatividade, conexão, interface e rede de informação, que segundo Braga (2005) produzem laços sociais e provocam emergência de processos comunicacionais que revelam como a presença do outro é percebida, e evidenciam como esta percepção perturba o universo dos atores junto a suas motivações pessoais. Em meio à

emergência de processos de midiaticização – relações sociais que passam a existir nas/pelas mídias (Braga, 2005).

As redes sociais digitais tornam mais plural e complexo o desenvolvimento de estratégias de comunicação política. Isso porque nos ambientes digitais a informação é não só consumida, mas produzida por diferentes atores, sejam estes indivíduos (militantes, ativistas, adversários ou aliados políticos) ou institucionalizados (veículos tradicionais de comunicação, mídia independente, dentre outros). (Matos, 2017, p. 63)

Neste cenário, a literacia midiática é uma forma de compreendermos e lidarmos com este universo que estamos inseridos, a fim de entender as mídias, os significados midiaticizados e as práticas em torno da construção destes processos. A literacia se apresenta como práticas de desenvolvimento de competências midiáticas frente às mídias contemporâneas.

Segundo Borges (2019), a literacia midiática pode ser entendida como a capacidade de acessar, analisar e avaliar as imagens, os sons e as mensagens e de se comunicar de forma competente através das mídias disponíveis. Por meio desta, teríamos o desenvolvimento ativo da cidadania, a participação dos indivíduos de forma crítica e criativa na constituição de representações sociais e processos simbólicos, e no aprendizado do funcionamento das mídias, e, por fim, o ativismo social e a atualização das matrizes curriculares incluindo a literacia como parte da grade de conteúdos. Nesse sentido, a compreensão das mídias contemporâneas daria aos sujeitos autonomia e emancipação de modo que os possibilitam perceber que os significados e percepções de mundo são construídos, desconstruídos, moldados e ressignificados pela mídia.

O ativismo, por sua vez, em práticas midiáticas pode ser compreendido como busca promover transformações sociais através de ações que abrangem diversas esferas, como a ambiental, cultural, de gênero e política. Com o avanço e a disseminação rápida dos meios digitais, especialmente das redes sociais, o ativismo encontrou na comunicação online um canal eficaz para reivindicar, compartilhar conteúdo e informações, mobilizar públicos, organizar agendas e dar visibilidade a causas sociais específicas.

A habilidade comunicativa se mostra essencial para os movimentos e mobilizações sociais aproveitarem o espaço digital e impulsionar ações em prol de suas causas. O ativismo digital se distingue pela multiplicidade de ideias e pela

menor restrição em comparação aos meios tradicionais de comunicação, permitindo uma disseminação mais rápida das mensagens.

O uso dos meios digitais no ativismo proporciona uma oportunidade de dar voz a causas ou projetos que poderiam ser negligenciados ou mal representados pelos meios de comunicação tradicionais (Peruzzo, 2015). Muitas vezes, as organizações de mídia tradicionais distorcem e estereotipam as mobilizações, o que ressalta a importância da criação de sites e perfis em redes sociais para contrapor essas percepções deturpadas (Pereira, 2011).

A utilização dos meios digitais no ativismo pode conferir autonomia à representação do movimento e empoderar os envolvidos, permitindo-lhes exercer seu direito à comunicação e informação. Nesse sentido, a compreensão das mídias contemporâneas daria aos sujeitos autonomia e emancipação de modo que os possibilitam perceber que os significados e percepções de mundo são construídos, desconstruídos, moldados e ressignificados pela mídia.

O autor Mihailidis (2014) ajuda a observar a relação das pessoas com as mídias em um contexto digital, mostrando que as ferramentas e os modos de participação em consonância com os processos de colaboração e curadoria constrói uma sociedade plural e democrática. Para Mihailidis (2014, p. 61–64), o alcance da literacia midiática se daria pela presença de cinco habilidades fundamentais, que consistem em:

Curadoria (capacidade de buscar, selecionar e organizar informações), o pensamento crítico (capacidade de analisar e compreender criticamente os conteúdos), a participação (capacidade de comentar, formatar e propagar publicações em diferentes plataformas), a colaboração (capacidade de produzir, de modo colaborativo, conteúdos relevantes) e a criação (capacidade de produzir e remixar conteúdos).

Entretanto, para que possamos construir essas aprendizagens nas mídias, precisamos compreender, minimamente, as formas como elas funcionam, suas possibilidades de alcance etc. Nessa proposta, a noção de competência midiática opera como base para essa construção de aprendizagens. Segundo Ferrés e Piscitelli (2015), a competência midiática está relacionada ao domínio de habilidades relacionadas a seis dimensões (tanto do ponto de vista do consumo, como da produção de conteúdos midiáticos), conforme o quadro abaixo:

| | |
|-------------------------------|---|
| Tecnologia | Capacidade de manejo das inovações tecnológicas que possibilitam uma comunicação multimodal e multimídia. |
| Linguagem | Capacidade de interpretar e avaliar diversos códigos de representação, bem como ser capaz de modificar produtos existentes conferindo-lhes um novo sentido e valor. |
| Processos de Interação | Capacidade de apreciar mensagens provenientes de outras culturas, bem como trabalhar de forma colaborativa mediante a conectividade e a criação de plataformas que facilitem as redes sociais digitais. |
| Produção e difusão | Conhecimentos básicos sobre os sistemas de produção, das técnicas de programação e dos mecanismos de difusão. |
| Ideologia e valores | Capacidade de avaliar a fiabilidade frente as informações extraíndo conclusões críticas tanto do que se diz quanto do que se omite. |
| Estética | A sensibilidade para reconhecer uma produção midiática que não se adequa a exigências mínimas de qualidade estética. |

Figura 6. Seis dimensões da competência midiática. Fonte: Borges (2019)

Todas estas dimensões precisam ser articuladas simultaneamente, e uma não se sobrepõe à outra. No entanto, nessa análise, vamos observar a relação de Jônatas com as mídias em um contexto digital, mostrando que as ferramentas e modos de participação em consonância com a capacidade de buscar, selecionar e organizar informações de forma crítica para analisar e compreender criticamente os conteúdos, junto a capacidade de comentar, formatar e propagar publicações em diferentes plataformas, produzir, de modo colaborativo, conteúdos relevantes com a criação e remixar conteúdos. Além disso, buscaremos observar como as seis dimensões de Ferrés e Piscitelli (2015) aparecem para nos ajudar na leitura dos contextos comunicacionais contemporâneos em que o Jônatas F. Barros está

inserido e de que modo as competências midiáticas são mobilizadas e aparecem no trabalho de comunicação pública da ciência feito pelo recém-formado em medicina.

12 @Dexametajohnny em suas competências midiáticas

Os indícios desta análise foram coletados no ano de 2023 a partir da ótica do paradigma indiciário. Nossa seleção buscou analisar os produtos midiáticos, tal como as ferramentas utilizadas a fim de observar de qual modo Jônatas se faz presente por meio das mídias.

Jônatas Ferreira Barros, até então acadêmico de medicina da UNB pesquisador de saúde e sexualidade com recorte para a saúde da população preta e LGBTQIAP+, utiliza a rede social Instagram (pelo @dexametajohnny) como plataforma principal de hospedagem das suas produções de conhecimento. Por meio dela, é disponibilizado links que direcionam para seus materiais em destaque, que atualmente são: Johnny Resumos Individual, Racismo Epistemológico (aula), Curso de ATB, Aula Necropolítica e Atlas de Dermatologia de Pele Negra. O encaminhamento destes links é feito por meio de outra plataforma, chamada Linktree, conforme mostra a figura abaixo.

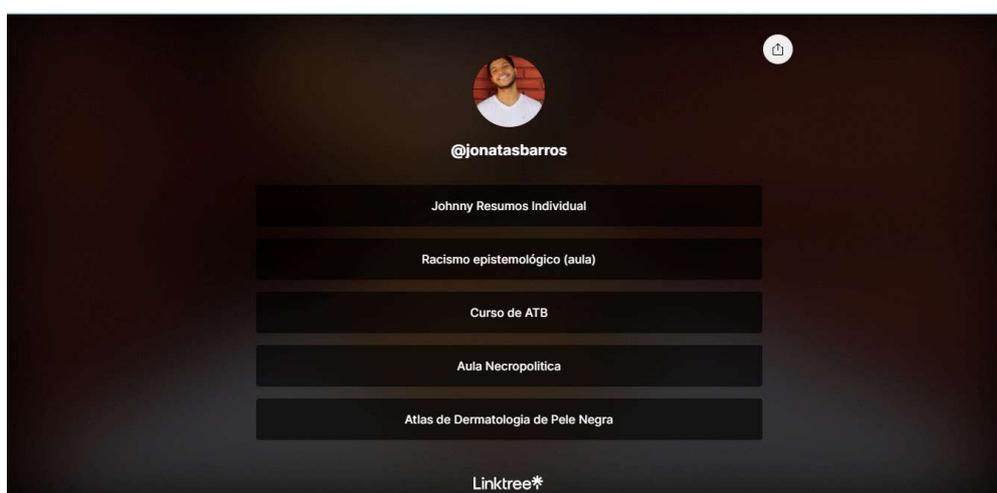


Figura 7. Arranjos de links. Fonte: Printscren da página linktr.ee/jonatasbarros.

O uso dos recursos tecnológicos, das ferramentas do próprio Instagram combinadas com uso imagéticos e textuais para se comunicar demonstra que o Jônatas compreende as dinâmicas digitais (literacia), ao buscar adequar sua mensagem aos modos de leitura e compreensão no terreno digital. Isso demonstra o

primeiro tópico das dimensões da tecnologia, e o que Ferrés e Piscitelli (2015) descreve como capacidade de manejo das inovações tecnológicas que possibilitam uma comunicação multimodal e multimídia.

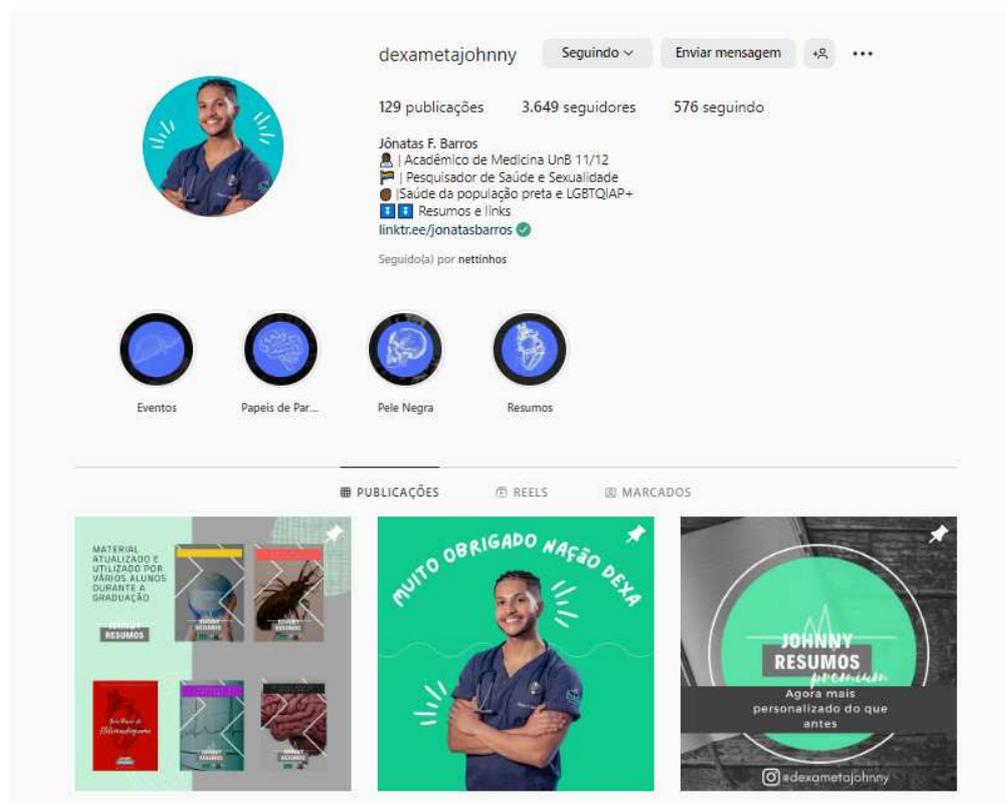


Figura 8. Perfil oficial e postagens fixadas. Fonte: Printscreen da página inicial do perfil do Instagram do Jônatas F. Barros.

Na figura mostrada a seguir, podemos observar os usos do Instagram e de suas, como a criação dos destaques, que possibilita dar foco criando temas e salvando os stories postados em categorias. Estes quando estão destacados ficam presentes na página do usuário até este decidir retirá-lo. Diferente das postagem em stories que possuem um tempo de duração de 24 horas. No feed, o usuário pode selecionar até três publicações para ficar sempre ao topo do seu perfil, sendo as principais publicações a serem vistas por usuários que acessarem sua página. Os destaques são ferramentas essenciais para curadoria da informação, pois facilita e direciona os visitantes a visualizar primeiro os conteúdos organizados.

Os destaques em formatos circular dizem sobre as postagens em formato stories, enquanto as imagens quadradas são os destaques do seu feed. Nos destaques dos stories vemos: Eventos, Papel de Parede, Pele Negra e Resumos.

Neste ponto, vemos a dimensão da produção e difusão, na qual os autores Ferrés e Piscitelli (2015) destacam como conhecimentos básicos sobre os sistemas de produção, das técnicas de programação e dos mecanismos de difusão.

A partir dessa figura, ressalta outro ponto importante. À medida que a informação fica mais especializada e personalizada, o Jônatas direciona para outro público e utiliza disso uma forma de fonte de renda. Os Johnny Resumos, como chama, são materiais de produção própria com foco em ajudar estudantes de medicina que procuram materiais de apoio para as disciplinas cursadas na graduação. Nesta postagem fixada em destaque, o Jônatas explica:



Figura 9. Postagem fixada Johnny Resumos Premium. Fonte: Página do perfil do Instagram do Jônatas F. Barros.

É válido ressaltar que os conteúdos vendidos são exclusivamente acadêmicos, não sendo um obstáculo para o acesso da sua produção de conteúdos de comunicação pública científica no Instagram. Na comercialização destes materiais, as competências sobre as mídias de Jônatas ficam ainda mais visíveis. Na mesma publicação na qual oferta os conteúdos que estão em destaque, é visível uma linguagem utilizada atualmente no marketing digital, além de elementos visuais que apoiam na venda do seu conteúdo. Aqui, observamos a dimensão da linguagem, quando há capacidade de interpretar e avaliar diversos códigos de

representação, bem como ser capaz de modificar produtos existentes conferindo-lhes um novo sentido e valor, conforme explica Ferrés e Piscitelli (2015).

A publicação é composta por um carrossel em que a primeira imagem consiste na divulgação do material com frases de apoio e identidade visual. Ao ir para a segunda lâmina, o usuário se depara com um guia de três passos ensinando os caminhos que precisam ser seguidos para adquirir os materiais. A terceira lâmina são printscreen da parte interna dos materiais, dando uma prévia do que será encontrado. A quarta lâmina é composta pelas capas dos materiais separados em disciplinas, mostrando o design e quais conteúdos estão disponíveis. A quinta e penúltima lâmina traz três depoimentos de alunos de graduação de medicina que utilizam os *Johnne Resumos*, o que o marketing digital chamaria de prova social, que garante a eficiência, qualidade e credibilidade do material. Por último, entra a chamada para ação, conhecida pela sigla CTA, do inglês Call to Action. Nesta lâmina o Jônatas chama os usuários para as ações que visam o fortalecimento da página e participação do usuário em comentários e compartilhamentos. Neste ponto, vemos a dimensão da estética, destacada pela sensibilidade para reconhecer uma produção midiática que não se adequa a exigências mínimas de qualidade estética, de acordo com Ferrés e Piscitelli (2015).

A análise do perfil de Jônatas é importante para a comunicação pública da ciência, pois mostra que a competência midiática é um dos meios de emancipação e autonomia de corpos que possuem limitações em espaços tradicionais, como grandes emissoras de comunicação. Esta competência garante ao Jônatas presença, que com apoio de Gumbrecht (2010), posso pensar como a presença e materialidades provocam efeitos de tangibilidade sobre os corpos, criando um gesto de intensificação de passados pela sua dimensão estética e uma abertura de emergências de discussões que ainda não estão na realidade das universidades de medicina. E por ele, vemos a dimensão da ideologia e valores, na qual é capaz de avaliar a fiabilidade frente às informações extraindo conclusões críticas tanto do que se diz quanto do que se omite, segundo o quadro de Ferrés e Piscitelli (2015).

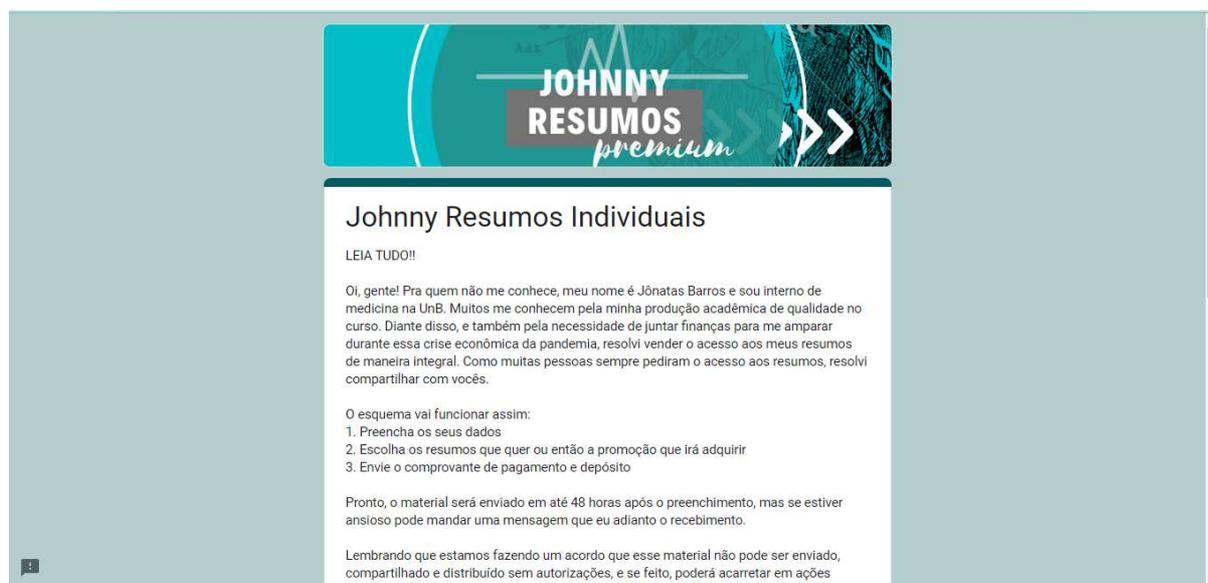


Figura 10. Página guiada para os Johnny Resumos. Fonte: Printscreem da página de formulário para acesso aos resumos produzidos por Jônatas.

Legenda: Oi, gente! Pra quem não me conhece, meu nome é Jônatas Barros e sou interno de medicina na UnB. Muitos me conhecem pela minha produção acadêmica de qualidade no curso. Diante disso, e também pela necessidade de juntar finanças para me amparar durante essa crise econômica da pandemia, resolvi vender o acesso aos meus resumos de maneira integral. Como muitas pessoas sempre pediram o acesso aos resumos, resolvi compartilhar com vocês.

O esquema vai funcionar assim:

1. Preencha os seus dados
2. Escolha os resumos que quer ou então a promoção que irá adquirir
3. Envie o comprovante de pagamento e depósito

Pronto, o material será enviado em até 48 horas após o preenchimento, mas se estiver ansioso pode mandar uma mensagem que eu adianto o recebimento.

Lembrando que estamos fazendo um acordo que esse material não pode ser enviado, compartilhado e distribuído sem autorizações, e se feito, poderá acarretar em ações judiciais.

Chave do pix: f40e5983-9822-47de-a1cc-097889916c9f

Conta: 4021109-4 Agência: 0001 Banco 260- Nu Pagamentos S.A.

Obrigado pela atenção e apoie pessoas negras. Texto completo³⁰:

Nessa figura podemos perceber o uso de mais mídias e uma lógica de organização para circulação da sua produção de repertórios relativos às disciplinas

³⁰ Printscreem da página:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSf5YkW3NfTbO4EygkwHhWEWCP433MZTXtvP9zdp_xeqUGq9Q/viewform>.

do curso de medicina. Nesse indício podemos perceber dados da relação entre mídias que o Jônatas cria para se fazer presente e também fazer suas leituras e estudos possam auxiliá-lo de forma financeira. Vale pontuar que os resumos são pensados especialmente para dissidentes do curso de medicina e da saúde que tenham interesse em estudar tal tema. Seu trabalho de comunicação científica não é privado, e também não é destinado a um público específico.



Figura 11. Printscren da: IFMSA Brazil Unisa. Fonte: Aula Racismo Epistemológico.

Essa foi uma aula efetuada por Jônatas³¹ em convite para levar a discussão racial para o evento promovido pela IFMSA Brazil UNISA. O evento foi realizado nos dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2021 como primeiro Simpósio de Saúde Integral da População Negra e buscou celebrar o Dia Nacional da Mobilização Pró Saúde da População Negra a fim de construir um futuro em que não haja iniquidades em saúde. Perdemos dessa forma, que Jônatas se mostra uma figura ativa na mobilização de raça no campo da saúde e modo a realizar circulação dessa discussão e ser reconhecido pelos pares para realizar uma apresentação sobre Racismo Epistemológico.

³¹ Printscren da transmissão ao vivo em 19 de out. de 2021. Como forma de celebrar o Dia Nacional da Mobilização Pró Saúde da População Negra e construir um futuro em que não hajam iniquidades em saúde, a IFMSA Brazil UNISA realiza nos dias 19, 20 e 21 de Outubro de 2021 o primeiro Simpósio de Saúde Integral da População Negra. Acesso: <<https://www.youtube.com/watch?v=h36E-FrPNwk>>.

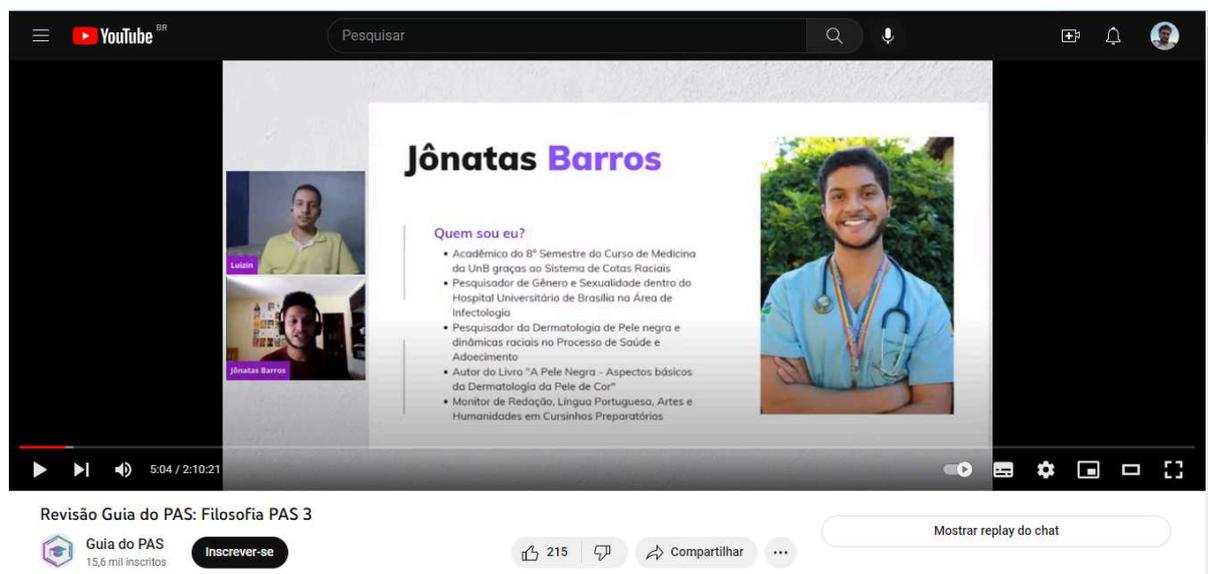


Figura 12. Aula Necropolítica no cursinho preparatório para o PAS, processo seletivo seriado da Universidade de Brasil. Fonte: Printscren da capa de apresentação do canal do YouTube do Guia do PAS.

Nesse printscreen da aula sobre Necropolítica³² lecionada por Jônatas nos mostra que suas atividades transbordam por várias atividades. Como podemos ver na figura, Jônatas atua como professor no curso preparatório para entrada na universidade, e utiliza estes espaços para dar aparência para uma questão do nosso próprio tempo, a Necropolítica. Esta aula, embora tenha sido direcionada aos estudantes do PAS (Programa de Avaliação Seriado), está disponível em sua árvore de links como uma forma de publicizar tal tema e promover a circulação de uma produção intelectual sobre o assunto. Nestes indícios, a intermedialidade e a multimodalidade estão melhor explicitadas, pois percebemos produtos midiáticos que por meio de mídias, meios técnicos de ferramentas, conseguem circular pelo espaço e tempo.

³² Printscren da página [Revisão Guia do PAS: Filosofia PAS 3](https://www.youtube.com/watch?v=nz1xFVDY624), link: <<https://www.youtube.com/watch?v=nz1xFVDY624>>.

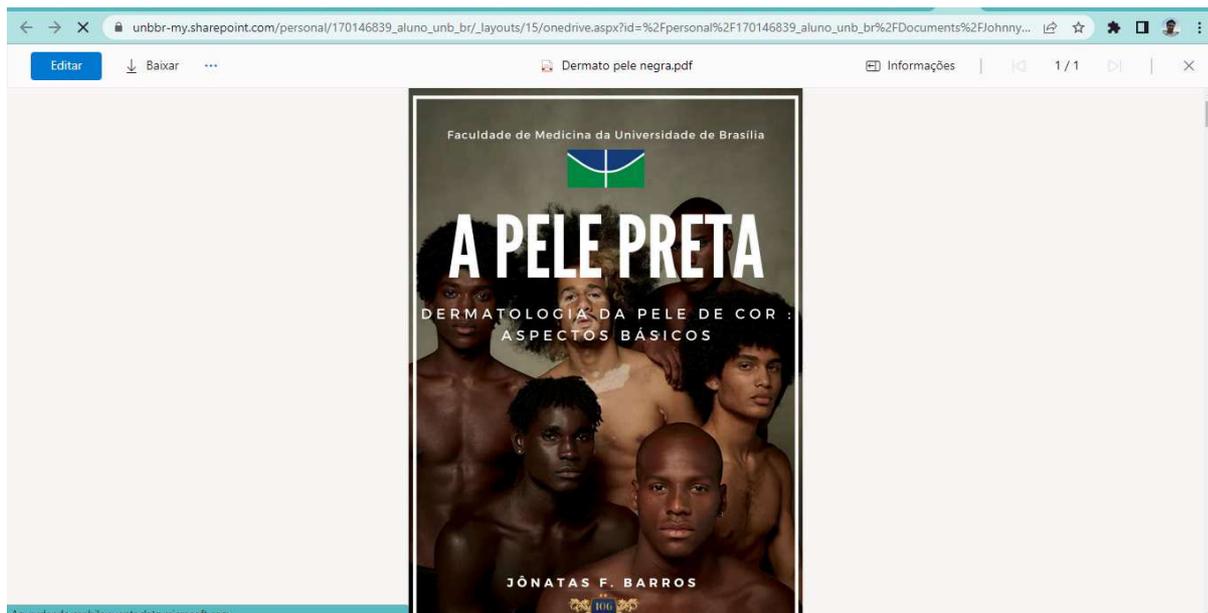


Figura 13. Atlas A Pele Negra. Fonte: Acesso pelo link disponibilizado no Instagram de Jônatas.

Para aquele que tenham interesse no atlas A Pele Negra³³ pode acessar gratuitamente a qualquer momento e baixar o arquivo livremente. Nessa figura percebemos o cuidado de Jônatas em organizar suas produções no campo da comunicação científica de forma pública, e que a partir de conhecimentos de mídia, disponibiliza estes conhecimentos de forma virtual gratuita e de acesso direto.

O trabalho de Jônatas também esteve presente no Twitter, no qual o seu trabalho pode ser quantificado em alcance, embora não seja o foco do trabalho. O material teve grande alcance de audiência e a repercussão em outros contextos. Isso mostra a potencialidade da sua presença no cenário digital midiático revelando três pontos:

1. o contexto do estudante de medicina negro midiático;
2. os significados que a midiática da sua presença diz sobre o contexto da ciência;
3. as historicidades que passam a compor a atmosfera da comunicação pública da ciência.

³³ Atlas no One Drive modo compartilhado público:
<https://unbbr-my.sharepoint.com/personal/170146839_aluno_unb_br/_layouts/15/onedrive.aspx?id=%2Fpersonal%2F170146839%5Faluno%5Funb%5Fbr%2FDocuments%2FJohnny%20Resumos%20Light%2FDermato%20pele%20negra%2Epdf&parent=%2Fpersonal%2F170146839%5Faluno%5Funb%5Fbr%2FDocuments%2FJohnny%20Resumos%20Light&ga=1>.



Figura 14. Publicação do atlas A Pele Preta no Twitter. Fonte: Postagem do perfil do Twitter do Jônatas F. Barros.

Essa primeira figura evidencia o contexto do estudante de medicina negro midiaticado evidencia, pois a partir de suas palavras, percebemos que o estudante parte de um cenário que há falta de estudos e conceitos básicos que pesquisem a pele negra. Isso pode ser verificado no seu enunciado quando é utilizado o vocativo “comunidade acadêmica”, e o produto “uma pequena apostila que contém o básico para conhecer a dermatologia da pele negra”.

O fato do direcionamento do seu conteúdo ser para a comunidade acadêmica, permite inferir que a comunicação é direcionada a esta, que carece de estudos e materiais relativos ao estudo da pele negra na medicina. Outro detalhe é o próprio subtítulo, “Aspectos básicos”. Isso mostra que essa iniciativa inicia uma produção científica, que mesmo no ano de 2020, quando publicado, ainda carecia de materiais que trouxessem características básicas para uma compreensão do corpo humano negro.

Outro elemento interessante é o alcance que o atlas teve. No Twitter, a postagem teve 10 mil e 600 likes, 2 mil e quarenta e seis compartilhamentos e 188 comentários. Estes dados confirmam a relevância do material num contexto de medicina com poucas referências de estudo na pele negra.



Figura 15. Atlas dermatológico na pele de cor. Fonte: Postagem do perfil do Twitter do Jônatas F. Barros.

Essa segunda figura revela o mesmo contexto da medicina, mas mostrando que não só no Brasil o estudo da pele negra é escasso. O estudante reforça na postagem que existe este atlas, mas embora haja a existência, durante a formação médica, esse conhecimento não integra a grade de ensino, o que não condiz com a realidade brasileira, devido à taxa de pessoas negras relativa às pessoas brancas.

Numa breve busca sobre o livro citado, verificamos que este foi publicado em 2014, com 400 fotos coloridas de doenças de pele importantes no tratamento de pacientes com pele negra. Escrito em inglês e vendido em dólar, o atlas traz informações condensadas, incluindo epidemiologia, etiologia, apresentação clínica e tratamento reconhecido das várias doenças de pele. No preview do livro em sites de vendas, é dito que este é um apelo mundial, devido à cobertura do livro de doenças de pele que afetam pacientes de todas as origens étnicas, incluindo asiáticos, indianos, do Oriente Médio, hispânicos e africanos, servindo como uma referência valiosa para dermatologistas e uma variedade de outros profissionais de saúde.



Figura 16. A diferença entre a pele branca e a pele negra. Fonte: Postagem do perfil do Twitter do Jônatas F. Barros.



Figura 17. Contexto de presença na ciência. Fonte: Postagem do perfil do Twitter do Jônatas F. Barros.

Na figura dois, o estudante traz uma afirmação interessante para análise. Ele diz: “Descolonizar nossa formação é também lutar pelo SUS”. Esse enunciado e a figura três nos levam a responder a segunda pergunta que delimitamos neste trabalho: o que a midiatização da sua presença diz sobre o contexto da ciência?

Para respondê-la, as figuras três e quatro são essenciais, visto que nelas a presença do estudante mostra-se fundamental para o questionamento sobre o contexto da ciência. Na figura três, o estudante diz: “O meu médico não tem sua formação voltada para peles pretas. A maioria das imagens vem de livros americanos ou europeus, o que difere bastante do perfil do SUS, que é mais de 80% negro”. Diante disso, percebo uma afirmação sobre um contexto colonizado da ciência num recorte da medicina contemporânea.



Figura 18. Comunidade de dermatos sobre a pele negra. Fonte: Postagem do perfil do Twitter do Jônatas F. Barros.

Por fim, a quinta e última figura selecionada responde ao terceiro ponto, junto às outras apresentadas, que é: verificar se as historicidades passam a compor a atmosfera da comunicação pública da ciência. Quando olhamos em todas as postagens, enunciados e produção de materiais dentro de um contexto de comunicação pública da ciência num recorte da medicina, percebemos que há um grande esforço, não somente do estudante, mas também de outros profissionais da

saúde, para recuperar um passado em que os corpos negros não faziam parte dos corpos que mereciam e acessavam os cuidados médicos.

Da figura 4 até a figura 12, percebemos a dimensão dos processos interacionais, que dizem sobre a capacidade de apreciar mensagens provenientes de outras culturas, bem como trabalhar de forma colaborativa mediante a conectividade e a criação de plataformas que facilitem as redes sociais digitais, segundo o quadro de Ferrés e Piscitelli (2015).

Nessa perspectiva, percebemos o ativismo em práticas midiáticas pode ser compreendido como busca promover transformações sociais através de ações midiáticas em contextos de comunicação pública da ciência, na qual encontrou na comunicação online um canal eficaz para reivindicar, compartilhar conteúdo e informações, mobilizar públicos, organizar agendas e dar visibilidade a causas sociais específicas. Observando por fim de que modo as competências midiáticas são mobilizadas e aparecem no trabalho de comunicação pública da ciência feito pelo recém-formado em medicina.

Deste modo, observo como que a decoloniedade provoca uma abertura no tempo, uma intensificação de passados pela estética, uma discussão que se produz a partir de efeitos de presença. Pois a presença de um estudante negro que não vê sua população representada nas bibliografias da medicina, e apresentando uma cartilha para atualização desse conhecimento é o que provoca a abertura de passados, e coloca a ciência – organização moderna – num acerto de contas com as suas próprias historicidades.

13 Considerações do capítulo

Primeiro, ressalto que o contexto de cotas no Brasil alterou significativamente as conjunturas da produção e circulação de conhecimento, ainda que muito ínfimas do ponto de vista da reparação histórica. A iniciativa coloca corpos e instituições em ambientes em que antes eram limitados a eles. Estes corpos trazem historicidades, lugares, profissões, processos de periferização, de marginalização, dilemas psíquicos, traumas, feridas que chegam no contexto das universidades, da organização científica. Tudo isso ocorre em contextos de processo de mediação, que junto a estes dois grandes fatos afetaram o fazer comunicação pública e a própria ciência.

No campo da comunicação pública da ciência me chama atenção uma categoria que vai afetar os processos contemporâneos e eu quero ver como vai afetar a ciência. A categoria raça aparece atualizar o próprio campo das instituições, o campo da institucionalização da ciência, isto é: o campo da escolha de temas para ser estudados, o campo do acesso a estas instituições (política de cotas no Brasil), começa a ter políticas públicas de combate ao racismo, políticas públicas de minimização de injustiças, reprodução de igualdade social, e isso num cenário contemporâneo me chama atenção observar que a entrada de novas pessoas nas instituições científicas certamente vai alterar os processos de produção de comunicação da ciência.

Se as identidades raciais deixarem de ser pauta política e pública, isso alerta para uma situação de apagamento de historicidades, direitos e deixa de ser um movimento que toda a sociedade deveria se inteirar para enfim alcançar a equidade, justiça, e presença permitida e presenças negadas. Identidade racial não é só sobre auto observação, mas também sobre observação alheia de modo que proporcione a este sujeito espaços para se realizar como sujeitos políticos, emancipados e com autonomia de direitos a nível da violência histórica sofrida, de modo a proporcionar a este sujeito o que é seu por direito humano, enquanto se é aplicado políticas de equidade e de justiça pelas práticas efetuadas até os dias atuais, em micro e macroviolências de raça. Que por sua vez é comunicada a partir de uma abertura no tempo. Além da ciência ser comunicada atravessada pela discussão de raça existe uma emergência da questão das instituições junto com a presença do Jonatas.

A partir dessas habilidades e competências ele produz algo que vai emergir uma discussão interessante. Por isso, não estamos interessados com o alcance ou as lógicas das produções, não queremos entender a eficácia do seu ativismo social na sua prática – não queremos entender se é eficaz, resultados, busca de engajamento, métricas e comparação. A sua emergência dele vai trazer uma emergência da discussão de ciência e sociedade, ciência numa lógica moderna, a ciência como algo estético, mostrando como a comunicação pública da ciência como um espaço relacional, as pessoas vão ter afetações, relações ativa no sistema de produção do conhecimento em contextos midiaticizados.

Desta forma, compreendemos a comunicação pública como um processo de circulação da ciência, que é motivado pela própria ciência e por quem está fora de

suas institucionalizações, e que nem sempre terá como origem a ciência, mas também movimentações em torno desta. Diante da digitalização, é possível pensar que este promove um potencial espaço que pode gerar inclusão. Entretanto, essa possível inclusão não acontece, necessariamente, num processo tradicional ou estratégico de comunicação pública da ciência. Isso significa que as instituições científicas nem sempre serão pontos de partida e fontes primárias do fluxo de conhecimento científico, pois este papel também pode ser assumido pelos próprios sujeitos – estes últimos que, diante da oferta de conhecimento científico, apresentam o potencial de tensioná-lo a partir dos modos pelos quais se sentem ou não incluídos. Nesse lugar, Silva (2015) explora o cenário de comunicação pública da ciência, e chega à percepção de que arranjos discursivos mediados – sobretudo quando partem de instituições científicas – instituem posicionamentos e espaços predeterminados aos sujeitos, desconsiderando sua autonomia política.

Seu tom aparece para destacar assuntos, que muitas vezes interessam à ciência mas que podem não estar institucionalizados em uma pesquisa. O que abre mais o leque de temas que podem ser abordados ou que podem emergir. Diferente da divulgação científica, por sua vez, é compreendida como algo que traz uma pretensão de uma instituição ou profissional, que instala o tom de processo comunicação da ciência com dimensões, entre elas a pedagógica, que é importante nesse contexto, mas que teria seu enfoque maior em publicizar pesquisas em início, meio ou fim diretamente das fronteiras das organizações produtoras de conhecimento científico.

O contexto mediado é um terreno propulsor destas emergências, visto que o uso das mídias em consonância com as competências midiáticas de Jônatas proporciona uma discussão em dimensão estética ao ponto de provocar uma ação de atualização da prática científica em uma abertura de um horizonte histórico moderno que provoca a intensificação de passados num contexto de comunicação pública da ciência.

Capítulo 2: O corpo negro na medicina fazendo comunicação: futuros e passados midiáticos

14 Introdução

Neste capítulo, nos empenhamos em mostrar como estes indícios conectam o campo médico aos processos de colonização ocorridos no Brasil, assim como as evidências da deste acontecimento que aparecem na ciência médica em relação às pessoas negras. Estes pontos são essenciais para discutir a historicização da ferida colonial, e como estas historicidades das formas comunicacionais têm tensionado a própria ciência para atualizar o questionamento sobre as instituições/organizações científicas modernas, e como a comunicação pública da ciência a partir da movimentação de públicos em processos midiáticos tem provocado uma espécie de abertura no tempo e de acesso aos passados num movimento para uma atualização de um campo do saber que resulta em demandas para ampliação de um debate e de uma luta decolonial.

Dito isso, a aparência de Jônatas em contextos midiáticos se faz interessante como fenômeno empírico para transbordar em tensionamento as teorias e discussões apresentadas anteriormente, pois, ao olhar para as suas produções, percebo que não se trata de um fenômeno aleatório, mas de uma aparência que põe em foco uma demanda social, científica/acadêmica e traz a tona historicidades que dizem a respeito do tempo em que vivemos. Isso tudo ocorre num contexto de midiática intensificada, junto à recente ampliação de acesso às universidades por grupos minoritários em espaços com maior produção e circulação acadêmica sistematizada de conhecimentos do campo das humanidades e ciências sociais. Nesse sentido, entendemos que estamos observando uma nova ambiência organizacional das instituições científicas e fenômenos de emergência de públicos diversos tematizando a ciência num processo de verificação de igualdades.

No campo acadêmico, há movimentos de estudos que tematizam a relação entre raça e saúde. Essa relação é bem elaborada por grupos de pesquisa, sendo tema do grupo temático (GT) da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). O GT Racismo e Saúde da Abrasco é um espaço destinado ao diálogo e à articulação entre pesquisadores (as), profissionais de saúde, gestores (as) e membros de movimentos negros que abordam questões relacionadas ao racismo,

seu impacto na saúde e formas de enfrentamento. Neste grupo, são debatidos temas sobre os efeitos do racismo na saúde da população negra, tal como as estratégias de enfrentamento desse cenário.

Entre os tópicos, estão a questão racial no Brasil, suas consequências nas relações sociais e no processo saúde-doença da população negra; a interseccionalidade entre racismo, gênero e classe; doenças e condições frequentes na população negra; genética e doenças geneticamente determinadas; bioética; a saúde de populações vulneráveis; condições de vida e saúde da população negra; medicina popular de matriz africana; a contribuição das manifestações afro-brasileiras na promoção da saúde; religiões afro-brasileiras e saúde; racismo institucional e avaliação de políticas, programas e serviços; estudos curriculares e estratégias pedagógicas em saúde da população negra; e métodos para superar as barreiras impostas pelo racismo no acesso à saúde.

Se recuperarmos então a perspectiva inicial de compreender como a comunicação pública da ciência proporciona emergências de subjetivações política, e ao sobrepor essa ideia diante do contexto de uma década de instituição das políticas de cotas, o aumento da força institucional das humanidades e maior ferramentas de mídias e meios de comunicação, é consequência pensar que as aparências a partir daí têm o potencial de verificar suas igualdades frente ao sistema instituído com base em ideologias modernas que favorecem pequenos grupos, e que prega leis e crenças assimétricas nas relações entre territórios, saberes, raça, gênero, classe, dentre outros, além de também provocar presenças de historicidades e amplificar uma luta voltada à decolonização na relação contemporânea entre ciência e sociedade.

Para buscar responder as questões aqui apresentadas e como o segundo objetivo específico que corresponde a este capítulo, buscaremos compreender como o ativista social promove/institui um gesto de historicidades a partir da intensificação de passados científicos nos contextos de comunicação pública da ciência nas suas produções midiáticas. Compreendemos que o ativista promove uma abertura no tempo, um gesto de historicidades, o gesto da historicidade acessando passados sobre quem estava, quem não estava, o que se produzia e o que não, no caso de Jônatas são passados ligados à racialidade. Partimos da premissa que o ativista que provoca uma abertura do instante para que a própria ciência se reveja, se coloque

de frente a ela, afinal, só conseguimos abrir horizontes se a gente intensificar os passados.

15 Mdiatização, intensificação de passados e abertura de horizontes por gestos estéticos

Esse tópico conta com obras que discutem e problematizam o contexto da ciência como organização moderna, assim, buscaremos como aporte teórico autores (as) que discutem modernidade em relação à contemporaneidade, de modo que a discussão pelo olhar da temporalidade nos auxiliará na compreensão da relação entre a ciência – como instituição moderna basilar – e os contextos e desafios contemporâneos por ela enfrentados. A partir disso, apostamos que uma compreensão sobre a relação entre ciência e espaço público nos auxiliará a entender e a problematizar o que se chama hoje de sistema de comunicação pública da ciência em relação aos cenários de organizações modernas no contemporâneo, como processo estético e político.

Em meio a esses desafios, como vimos no tópico anterior, os contextos de midiatização dão visibilidade à emergência de um amplo, tenso e complexo processo de subjetivação política nos próprios contextos de comunicação pública da ciência. Que em esferas públicas diversas emergências e atos de fala e corporais apareceriam. Quanto a isso, Marques, Mafra e Martino (2017, p. 84) apontam:

Sob esse aspecto, os conflitos morais se acirram quando a linguagem institucionalmente aceita, ou a linguagem autorizada, exclui formulações discursivas de diálogos e negociações, privilegiando aqueles que detém o conhecimento dos códigos e de seus modos de operação prática. Há, dessa forma, um grande escopo de assimetrias no que tange às chances de intervenção dos diferentes públicos organizacionais na produção, validação, regulação e apresentação de mensagens.

Se um processo de inclusão emerge a partir de cenas polêmicas, em meio às quais a irrupção de formas de dizer e de vivenciar os espaços denunciam desigualdades em relação à própria ciência, é interessante perceber que conflitos morais, no âmbito da comunicação pública da ciência, se apresentam de um modo mais complexo que diz respeito a um macrocontexto: a modernidade.

Neste trabalho partimos da ideia de duas categorias sócio-históricas, a modernidade e a contemporaneidade. O tempo aqui é entendido como produto

construído por seres humanos em determinados contextos que indicam uma forma de se relacionar com o mundo e com o espaço. Para fazermos a discussão de temporalidade, partimos da noção de estética, que por sua vez nos ajuda a olhar para o tempo por aquilo que afeta nossos corpos, nossos projetos, nossas existências, que traz elementos que vão para além de uma racionalidade imposta. E que ajuda a perguntar: o que esse tempo produz em nós?

Como pontuamos, estamos falando de um tempo chamado modernidade, que hoje aparece como o problema a ser enfrentado nos campos técnico, social, político, de experiências, de critérios de justiça, de distribuição de espaços, principalmente no momento de acessar as instituições e espaços públicos, em que a contemporaneidade busca fissurar e superar as noções estabelecidas.

Chantal Mouffe e Carole Pateman (2013) destacam em seus textos que o espaço público foi tido como o domínio da homogeneidade e da universalidade e relegou a diferença ao privado. Isso nos guia a pensar o projeto de democracia proposto pelo liberalismo na modernidade, que traz a noção de cidadania universal, na qual todas as pessoas nascem livres e iguais, e seus direitos estariam postos e garantidos sobre os arranjos jurídicos para todos os indivíduos.

Esta concepção, além de reduzir a cidadania a um status meramente jurídico, não corresponde ao conceito que propõe, uma vez que o indivíduo moderno, mesmo dentro de uma sociedade democrática, é atravessado por questões de gênero, raça e corpo, e pela ineficiência da aplicação de leis. Com essa limitação ao espaço público, percebemos um fenômeno salientado pela filósofa Hannah Arendt no trabalho de Telles (1990). A autora reflete que o fenômeno é uma predisposição da vida moderna, que tende a deslocar o sujeito das experiências que nos humanizam. Para ela, se existe um espaço público, existe segurança para que as diferenças possam emergir. Se não existe espaço público, existe sempre ameaça daquilo que não é o esperado, não é enquadrado na vida moderna.

Não podemos escapar de uma experiência moral real: a maneira mesma como andamos, nos movemos, gesticulamos e falamos é moldada, desde os primeiros momentos, por nossa consciência de estar na presença de outros, de nos encontrarmos num espaço público e de que esse espaço pode trazer potencialmente o respeito ou o desprezo, o orgulho ou a vergonha. (Taylor, 2011, p. 30)

Charles Taylor (1997) destaca que a invenção do sujeito na modernidade veio com a emergência do self pontual e sua hermenêutica no espaço moral, isto é, interpretações do que é certo ou errado, racionalização das emoções e divisão do corpo a partir de um recorte racional e produtivo. Para o autor, a modernidade naturaliza perspectivas a partir de disciplinas de autocontrole que residem nos campos econômico, moral e sexual para nos enquadrar e ensinar a olhar para nós mesmos a partir dos termos do próprio estilo de vida moderno.

O self pontual, a construção da categoria de sujeito, se materializa nas instituições Estado, Mercado e Ciência (Mafra, 2021), que junto a outras instituições como família, escola e religião, mídia, denominaria o que é nobre e justo a partir de leis, a livre concorrência a partir do mérito e o conhecimento a partir do método, tornando a noção estrutural de modo a ser um grande problema de pesquisa em que as ciências sociais e humanas têm se debruçado – no sentido de atualizar estas noções no senso comum, na produção de conhecimentos científicos e nas instituições. O self desprendido, o self pontual seria para Taylor (1997, p. 73):

[...] aquele capaz de objetificar não só o mundo circundante como também suas próprias emoções e inclinações, medos e compulsões, e de atingir assim um distanciamento e autocontrole que lhe permitem agir racionalmente. Pontual porque é definido abstraído-se todas as preocupações constitutivas e, portanto, [de] qualquer identidade [...]. Sua única propriedade constitutiva é a autoconsciência.

O nosso olhar comunicacional nos faz buscar como o espaço e os tempos produzem tensões na nossa vida? Como a modernidade se realiza nas nossas vidas? E como estas tensões afetam nossas relações com o mundo e com nós mesmo? Estas perguntas ganham múltiplas respostas quando as frestas mostram as falhas do sistema moderno de categoria de sujeito construído em cima de corpos, limitação de aparências, extinção de existências e de processos de colonização – marcador de transição para a modernidade (Taylor, 2011).

Às gerações que já nascem sob a égide das práticas disciplinadoras consolidadas institucionalmente, esse modelo contingente assume a forma naturalizada de uma realidade autoevidente que dispensa justificação. Responder aos imperativos empíricos de Estado e mercado passa a ser tão óbvio quanto respirar ou andar. (...) Não conhecemos nenhuma outra forma de ser e desde a mais tenra infância fomos feitos e continuamente remodelados e aperfeiçoados para atender estes imperativos. É essa realidade que permite e confere credibilidade às concepções científicas que desconhecem a lógica normativa contingente

desses “subsistemas”. Ela assume a forma de qualquer outra limitação natural da existência, como a lei da gravidade, por exemplo, contra a qual nada podemos fazer. (Souza, 2012, p. 72)

Para Souza (2012), estamos coexistindo com o princípio da autenticidade. Isto é, a busca pela originalidade de cada pessoa, expressivismo, exterioridade (políticas da diferença) na tentativa de romper com uma autenticidade absoluta do self pontual fundindo com os horizontes de contextos multiculturais. Para isso, partimos para uma discussão sobre a formação social dos sujeitos, que estabelece tensionamentos com a compreensão da experiência como gesto estético conformador de uma existência relacional (tonalizada por afetações, descontroles e emergências).

Nossas interações são qualificadas por diversas experiências, algumas incompletas e mecânicas, outras completas – experiências estéticas – em meio à corrente geral da experiência. A experiência estética pode ser entendida como aquela que afeta, e detona forças emocionais, a partir de um material experienciado que segue seu curso até sua realização (Dewey, 1980). De acordo com Dewey (1980), uma experiência consiste na capacidade organizadora da estética/da arte no curso de nossas vidas. A arte como estética seria o tipo de relação emocional estabelecida com coisas, objetos, pessoas, mundo, enquanto a linguagem do inconsciente consiste na arte/a estética acessa, reorganiza, retira e propõe novas organizações. O autor pontua: “A própria experiência possui uma estrutura artística, de qualidade emocional satisfatória, porque possui uma integração interna e uma realização alcançada por um movimento ordenado e organizado.” (Dewey, 1980, p. 81).

Gumbrecht (2010) nos ajuda a compreender a experiência estética a partir da seguinte formulação: para o autor, a modernidade é toda baseada na busca por sentido, do que é ser sujeito, do que é ter uma vida boa, do que é progresso, e do que é sentido científico. O sentido tem uma base de hermenêutica, tipo de conhecimento que busca compreender os caminhos da interpretação, uma busca pela interpretação do mundo, na qual estabelece o corte entre nós e o mundo, com a nossa existência.

Para Gumbrecht (2010), os contextos modernos não teriam como abrir mão do sentido e da interpretação, mas é preciso compreender que mesmo diante destas lógicas nossas relações com o mundo não se esgotam no sentido. Daí surge o

conceito de presença para o autor: “por “presença” eu queria dizer – e ainda significo – que as coisas inevitavelmente permanecem à distância ou próximas a nossos corpos; se elas nos “tocam” diretamente ou não, elas têm substância” (Gumbrecht, 2012, p. 81, grifo do autor).

Dessa forma, a nossa relação com o mundo se dá por uma oscilação entre efeitos de sentido e efeitos de presença, sendo a presença uma dimensão da nossa vida que nunca será totalmente refém da interpretação, pois é a dimensão do nosso corpo – dimensão que diz do nosso estar no mundo e que vai afetar o modo como o sentido é interpretado e produzido (Gumbrecht, 2010). Uma experiência é uma vivência presencial única no espaço e no tempo, de repertório, na história. A presença é o que invade o nosso corpo sem pedir licença. A presença é aquilo que explica a manifestação de um fenômeno em nós, que vai bagunçar esse ser controlador, esse estar no mundo que é racional. Nesse raciocínio, podemos pensar: qual o lugar que a presença tem nas instituições? Como é interpretado um estudante chorar numa sala de aula? Ou um profissional que fica doente num ambiente de trabalho? As possíveis reações seriam identificá-los como descontrolados, como alguém que está com problemas e que precisa ser substituído ou removido daquele espaço. Tem um corpo que sofre, que lembra, que vive, que é afetado.

Ao dizer que qualquer contato humano com as coisas do mundo contém um componente de sentido e um componente de presença, e que a situação de experiência estética é específica, na medida em que nos permite viver esses dois componentes na sua tensão, não pretendo sugerir que o peso relativo dos dois componentes é sempre igual. Ao contrário, admito que existem distribuições específicas entre o componente de sentido e o componente de presença - que depende da materialidade (isto é, da modalidade mediática) de cada objeto da experiência estética. (Gumbrecht, 2010, p. 138)

A materialidade da comunicação, segundo o autor, seria o que ocupa espaço, que é tangível, que pode ter tato e outras sensibilidades. A comunicação faz parte de materialidades e espaços concretos. Para Gumbrecht (2010, p. 38-39) a

(...) "produção de presença" implica que o efeito de tangibilidade (espacial) surgido com os meios de comunicação está sujeito, no espaço, a movimentos de maior ou menor proximidade e de maior ou menor intensidade. Pode ser mais ou menos banal observar que qualquer forma de comunicação implica tal produção de presença; que qualquer forma de comunicação, com seus elementos materiais, "tocará" os corpos das pessoas que estão em comunicação de modos específicos e variados (...).

Válido pensar então que a experiência estética na nossa cultura sempre nos confrontará com a tensão, ou oscilação entre presença e sentido. Podemos propor um exemplo: imagine um corpo de um estudante negro falando sobre a atualização do currículo acadêmico médico? Tem uma dimensão da presença, visto que os corpos negros tiveram espaços limitados e foram a eles dado os conceitos de corpos abjetos – conceito compreendido por Butler (2002) como corpos que não têm reivindicação ontológica, que não são inteligíveis (um argumento epistemológico) e não têm uma existência legítima (um argumento político ou normativo) – e sua presença ainda é pequena nestes ambientes corpos abjetos.

Deste modo, é válido pensar o quanto a estética nos permite compreender o quanto a nossa relação com o mundo está nessa oscilação entre efeitos de sentido e de presença, e como a modernidade traz um horizonte histórico que desloca o sujeito do presente e do passado e coloca num futuro idealizado, entretanto, essa oscilação fala de um lugar, e de uma tentativa muitas vezes de controlar um fenômeno que é muito maior que a própria modernidade. Assim, aquilo que é do sentido pode ser entendido como hermenêutico, e as experiências estéticas nos efeitos de presença podem ser entendidas como parte de um campo não-hermenêutico. E, nessa linha, o conceito não-hermenêutico não teria uma função de explicar, mas de produzir uma experiência estética no momento em que tentamos olhar para a realidade (Gumbrecht, 2010).

Com isso posto, compreendemos que as implicações estéticas têm ao mesmo tempo implicações éticas, políticas e existenciais, o que nos leva a pensar, a partir da obra de Gumbrecht (2010), às historicidades por meio dos efeitos de presença. As historicidades podem ser entendidas a partir de Walter Benjamin (1987), como uma vivência existencial da história. Para o autor, no presente, existe um instante que nos convida a olhar para o passado, e esse movimento é o gesto existencial da historicidade: a partir de uma ferida, de um instante, de um dado do presente, um corpo se abre ao tempo e busca compreender a historicidade que é dada, que é posta.

Sendo assim, esta dissertação enfoca como a comunicação pública da ciência se torna um lugar de potencial à redenção e ao encontro de historicidades e de problemas que têm sido vivenciados no campo científico, em especial no campo das ciências clássicas, como medicina, no que se refere ao modelo de produção da vida

moderna pautado na branquitude, na heteronormatividade, no elitismo, nos privilégios, e na colonização de corpos que vão ocupar este lugar – colonização que se dá a partir de uma ideia de mercado, de riqueza, de privilégio, de progresso que não traz nitidez a qualquer tipo de historicidades; e como o campo da comunicação pública da ciência se torna um lugar para problematização a partir de uma discussão das ciências humanas e sociais, que pode forçar a entrada dessas discussões nos campos científicos tradicionais. Sobre tal entrada, esta pesquisa não consegue responder, mas pode evidenciar a potencialidade deste fenômeno. Todo esse processo todo um gesto estético sobre os sujeitos que podem ser vistos a partir de duas perspectivas: pelos efeitos de presença de Gumbrecht (2010) (latências e ausências, aparências), e por Benjamin (1987) com o conceito de intensificação de passados, gesto que produz e gera historicidades, pois acessa conteúdos passados no presente, em meio a esse contexto de mediação da construção da experiência pública.

Dessa forma, é válido investigar como todo esse contexto evidencia um fenômeno da comunicação pública da ciência, sendo esta tomada como espaço de potencialização pela mediação e por uma espécie de gesto público, voltado à reparação histórica e à abertura de outros horizontes, sobretudo a pessoas negras.

16 Medicina colonial e as historicidades: práticas comunicacionais e médicas

Jonatas emergiu no campo da medicina, com recorte para a saúde da população preta. Ao falar sobre saúde, não podemos deixar de destacar seu histórico no Brasil, as ideologias que direcionaram práticas, os contextos sociopolítico e histórico e sua temporalidade. Nesta discussão, situamos alguns paradigmas que indicaram práticas da medicina da época do Brasil colônia, tanto como o movimento que pensava a relação do campo científico junto ao saber técnico médico para criar políticas de saúde destinada às populações que viviam no continente.

Abreu (2007), explora no seu trabalho a relação das enfermidades na América Portuguesa num contexto de escravidão. Ela explica que os Impérios Coloniais enfrentavam diariamente o desafio das doenças que afetavam os povos escravizados. Para lidar com essa questão, foram publicadas diversas obras na França, Inglaterra e Portugal (entre 1735 e 1969) focadas na “administração de

escravos”, incluindo tratados de história natural, memórias econômicas e manuais de agronomia. Essas publicações tinham o objetivo de promover uma gestão moderna da mão-de-obra escrava em consonância com os ideais iluministas, então se resumiam em indicar formas de manter a população negra viva, diminuindo o número de pessoas negras nos navios, oferecendo uma alimentação mínima e um local que pudessem dormir sem estar expostos aos perigos ambientais.

O conhecimento médico, assim, assumia um papel crucial para os senhores brancos que exploravam a população negra, sendo considerado uma ferramenta essencial para o desenvolvimento colonial no viés econômico, devido à percepção do impacto significativo das doenças tropicais na população negra. Essa preocupação também tematiza a população branca, entretanto por uma outra perspectiva, que tinha origem no cuidado do corpo branco, no conforto e na sua adaptação ao novo continente (Abreu, 2017).

Ao olhar para a história do início da medicina na América Portuguesa e sobrepor com a contemporaneidade, percebemos que traços dessas práticas ainda permeiam a medicina atual, o que faz, por exemplo, emergir ativistas sociais (da Nigéria, de Londres e do Brasil), que ao estudar as ciências médicas percebem como o corpo negro é abjetificado e sua saúde negligenciada.

É reconhecido que o racismo é um fator significativo de violação de direitos e de produção de iniquidades. Ele afeta as condições de vida e a qualidade da assistência e do cuidado prestados. Enfrentar o racismo requer a criação de espaços para discussão e a implementação de políticas específicas. O racismo estrutura profundamente a democracia no Brasil, limitando a cidadania, sustentando preconceitos e discriminações. Segundo o modelo de Camera P. Jones³⁴ (2002), o racismo se manifesta em três dimensões principais: racismo internalizado/pessoal, racismo interpessoal e racismo institucional.

Dados epidemiológicos indicam diferenças na saúde de brancos, negros, indígenas e amarelos – categorias de raça/cor. Racismo, classe social, gênero e geração são categorias essenciais para entender os desfechos em saúde e a distribuição do processo saúde-doença (Werneck, 2016). Estudos apresentados no GT da Abrasco mostram as desigualdades raciais e seu impacto na saúde,

³⁴ Médica, epidemiologista e ativista anti-racismo americana se destaca por sua especialização nos efeitos do racismo e das desigualdades sociais na saúde. Reconhecida por suas contribuições, ela é conhecida por definir os conceitos de racismo institucional, racismo mediado pessoalmente e racismo internalizado no contexto das relações raciais contemporâneas nos Estados Unidos.

revelando como o racismo opera no sistema de saúde e desafiando a gestão pública. A resposta da Abrasco para enfrentar o racismo institucionalizado foi criar um Grupo de Trabalho para garantir que esse tema seja incluído nas suas linhas de atuação.

E nessa perspectiva de pensar a história da medicina que iniciamos o debate sobre historicidades. Nesta linha, o historiador Bevernage (2020) defende que, a partir de um pensamento de fronteira, a filosofia da história deve se abrir para novas temporalidades e para eventos que vão além da historiografia acadêmica. Ele propõe que essa filosofia se transforme em uma ampla "filosofia das historicidades", que leve em conta as diversas formas extra-acadêmicas de lidar com o tempo.

O autor vê essa fronteira como uma oportunidade para repensar a Teoria da História, conectando-a mais estreitamente aos usos da história no presente. Sua abordagem busca expandir a discussão para além dos limites da historiografia acadêmica, permitindo ultrapassar a linearidade que limita o debate sobre o passado histórico produzido na academia. Assim, suas propostas sustentam que a teoria da história não deve ser vista como um campo de pesquisa exclusivo para alguns historiadores profissionais, mas como uma área que pode contribuir significativamente para questões importantes no debate público.

Ao colocar em discussão as noções de tempo e historicidade que fundamentam diversas discussões relevantes para a sociedade, a teoria da história deve ser mantida não apenas como um campo de pesquisa para a historiografia acadêmica, mas deve se expandir para se tornar uma abrangente "filosofia das historicidades". Isso implica focar na investigação das diversas formas acadêmicas e não acadêmicas de lidar com o passado.

Uma realização importante da teoria da história é sua observação de que a historiografia acadêmica e as formas mais amplas de consciência histórica são elas mesmas sujeitas a mudanças históricas [...]. Eu estou convencido que a teoria da história continuará relevante para os historiadores e para a sociedade se ela prestar atenção suficiente para a diversidade de mecanismos para lidar com o passado e a forma como tais mecanismos são incorporados, interação com, e até constituem parcialmente, contextos culturais, sociais e políticos mais amplos. (Bevernage, 2020, p. 15)

Deste modo, a filosofia da história precisa abordar múltiplas temporalidades, para que não perca a tendência de desvalorizar a diversidade das funções sociais, políticas e culturais da historiografia, mesmo em sua versão acadêmica, o que

resultaria também na distorção das análises alternativas sobre historicidade (Bevernage, 2020).

Ao longo do texto, o autor troca a ideia de justiça histórica por política retrospectiva, de modo que dá ênfase ao fato de que a escrita da história, ou escrita histórica, ou escrita pelo historiador, produz significados. Por isso, é importante considerar essa dimensão retrospectiva.

O autor propõe a abertura de possibilidade de fontes, recortes, de olhar para outros vestígios das formas que as sociedades tiveram de lidar e se relacionar com o tempo. [...] O historiador argumenta que o anti-utopismo e o passadismo ético resultam de um tipo específico e subjacente de pensamento histórico ou filosofia da história que trata da relação entre passado, presente e futuro em termos antinômicos e nos impede de compreender injustiças e responsabilidades “transtemporais”. Por vezes, esse tipo de pensamento histórico de fato estimula uma postura moralista no qual o passado é acusado como o pior de todos os males, enquanto o presente se torna moralmente inocentado por simples comparação. (Bogo, 2022, p. 189)

O autor investiga a filosofia da história associada à política retrospectiva dominante, propondo que existem outros meios emancipatórios desenvolvidos por coletivos de vítimas e sobreviventes. Essas visões alternativas combinam a justiça retrospectiva com projetos de justiça focados no presente e no futuro, desafiando temporalidades dualistas e noções de distância temporal. Berber Bevernage (2020), ao se inspirar em Jacques Rancière (2013), sugere que é essencial considerar aquilo que parece impossível no nosso tempo como uma chave para mudar o estado atual das coisas.

Bevernage (2020) defende a necessidade de uma filosofia da história radicalmente diferente, que repense a temporalidade histórica, evitando pensamentos antinômicos ou dualistas. Ele acredita que essa base permitirá criar um projeto de justiça histórica mais inclusivo e consistente, que não force a escolha entre justiça retrospectiva e justiça no presente ou futuro, mas que permita que uma reforce a outra.

Essas reflexões permitem ao historiador adotar uma perspectiva utópica, deslocando-se dos gestos cotidianos e considerando como a sociedade é vista a partir do tempo histórico. A proposta é pensar na narrativa histórica produzida e no papel do historiador em dar sentido à história ou em denunciar seu sentido. Fernando Nicolazzi (2019), ao abordar as historicidades a partir dos regimes

historiográficos, sugere uma reflexão além da história disciplinar e tradicional, olhando para a história pública.

Bervenage (2020) argumenta que o passado não está separado do presente, transformando essa visão em uma atividade ética do historiador, o que representa uma significativa contribuição. Ele convida os estudiosos da Teoria da História e da Historiografia a considerar outras fontes e refletir sobre como consolidar o contemporâneo, abordando temas relevantes à contemporaneidade.

A contemporaneidade exige uma posição teórica que combine a história disciplinar com respostas mais efetivas sobre as relações que as sociedades estabelecem com seus tempos (Bogos, 2022). Nesse sentido, o autor sugere que nos dediquemos à história da historiografia ou teoria da história a partir de outros vestígios, restos e rastros, não apenas os deixados pelos historiadores. Embora a maioria dos vestígios seja daqueles que escrevem história, também é importante considerar outros sujeitos sociais e suas formas de lidar com a historicidade, convidando-nos a uma reflexão mais teórica do que temática – como é o caso de Jônatas Ferreira Barros, Malone Mukwende e Chidiebere Sunday Ibe, estudantes e profissionais das ciências médicas denunciando e sugerindo reparação histórica.

Na proposta do historiador, em direção a uma filosofia das historicidades, a teoria da história se abre a outras ordens, para além de uma reflexão estritamente epistemológica, de modo a considerar entre seu escopo de objetos a história mobilizada no debate público pelos agentes sociais, ultrapassando, assim, os limites do âmbito acadêmico e consolidando a teoria da história em outros contextos sociais, políticos e culturais. (Bogo, 2022, p. 191)

Neste sentido, pelo viés comunicacional, as historicidades se tornam um ponto de partida chave para compreender e problematizar contextos de práticas comunicacionais e suas temporalidades. Mafra (2023, p. 08) elabora que as:

Historicidades podem ser compreendidas como energias sentimentais mobilizadas nos corpos a partir da noção de instante (jeitzeit) de Benjamin (1987): nesse lugar, a história não se apresenta como narrativa universal e estática, mas como contingência aberta, a partir de fraturas temporais no presente que intensificam passa-dos encobertos e/ou negligenciados. (Grifo do autor)

Nesse contexto, as diferenças podem ser vistas como formas de historicidade: suprimidas, ocultadas ou distorcidas pelas narrativas identitárias modernas oficiais.

Em um movimento que intencionalmente perde a referência ao passado, diversas experiências dissidentes, tanto em relação ao sujeito moderno (racional, controlador, patriarcal, masculino, heteronormativo, europeu, escolarizado e branco) quanto à suposta inevitabilidade do progresso, mobilizam energias emocionais. Essas energias, manifestadas no e através do corpo, inevitavelmente intensificam e trazem à tona esses passados negligenciados (Mafra, 2023).

Assim, na encruzilhada biopolítica da comunicação [...], inscrita nos ambientes nucleares de materialização do próprio projeto moderno, passados também são intensificados a todo instante, e um gesto histórico se inscreve nos corpos: marcadores raciais, da sexualidade, do gênero, da idade emergem como presenças, sobretudo em se tratando de contextos multiculturais e (violentamente) globalizados. Mas, o que fazer com esse passado nos ambientes [...] organizacionais, se o horizonte histórico moderno se baseia em deslegitimar o poder de orientação e de referência do passado (Rangel, 2016), e a sequestrar o presente em direção a um futuro prometido como glorioso? Nesse lugar, caso as historicidades possam *pagar os pedágios* que o progresso exige (Mafra, 2021) – qual seja, as promessas de um futuro ideal pelo sequestro do presente (pelo controle do tempo e dos corpos; pelo mérito e pela produtividade; pela competição e pelo capital) –, as diferenças podem até ser parcialmente suturadas como partes da identidade organizacional. Entretanto, esses corpos esgarçados pela encruzilhada biopolítica, muitas vezes, vivem como feridas abertas, diante de um passado intensificado na pele – embora não acolhido como presença (e como dito), não elaborado e redimido nos ambientes [...] organizacionais. (Mafra, 2023, p. 08)

Mafra (2023) continua sua reflexão dizendo que a resistência ao acolhimento de diferenças incompatíveis com o progresso resulta em um fenômeno na comunicação chamado latência. Conforme descrito por Gumbrecht (2014), a latência é o oposto da emergência, referindo-se à presença de algo tangível que, embora esteja presente, não se sabe se, quando ou como surgirá. Em ambientes onde as historicidades não são intensificadas, as diferenças podem não provocar uma mudança na experiência individual ou coletiva, de populações e de grupos marginalizados.

Na encruzilhada biopolítica da comunicação, diante das múltiplas violências geradas pelo projeto moderno, a latência se manifesta como uma experiência de sofrimento. Diferenças que são percebidas mas que não se ajustam ao progresso são desatualizadas e colocadas na clandestinidade pela administração organizacional da instituição ciência, em recorte as ciências médicas. Esse ato de desatualização das diferenças é uma forma cruel de atualização: as identidades organizacionais sabem que essas diferenças existem, mas as negligenciam,

relegando-as à clandestinidade. Isso é parte de uma vigilância epistemológica da gestão frente à imposição totalitária do progresso (Mafra, 2023).

Tanto na América Portuguesa quanto na contemporaneidade, a ideologia do progresso econômico e social por meio do conhecimento técnico, acadêmico e científico parece ainda seguir os moldes do pensamento iluminista, em que a modernidade se ancora em:

a) um modelo de subjetividade, tomado enquanto dispositivo produtor de subjetivações racionalizantes, movidas pela perigosa (e falsa) idealização universalizante de sujeito, pautada por controle, separação entre corpo e mente, meritocracia, produtividade, individualidade (Taylor, 2011), patriarcado e branquitude (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016); b) um horizonte histórico instituído pela ideologia do progresso (Benjamin, 1987), em meio à qual os passados são desconsiderados, o presente torna-se um curto lapso e o futuro um espaço alargado e supostamente sempre aprimorado pelos esforços de trabalho do presente – movimento temporal este que, segundo o próprio Benjamin, torna-se danoso à possibilidade da história como gesto basilar e potente à experiência humana; c) institucionalidades modernas, quais sejam, o Estado, o Mercado e a Ciência (Mafra, 2021), como macro estratos relacionais sobre os quais o modelo de subjetividade e a ideologia do progresso materializam-se nas relações organizacionais, tornando-se ancoragens estruturais e hegemônicas para a reprodução da vida no ocidente – e, ainda, com pretensões imperialistas universalizantes (Pinto; Mignolo, 2015). (Mafra, 2023, p. 04)

Diante do exposto, observar como as práticas comunicacionais de Jônatas mobilizam historicidades se faz produtivo, uma vez que estas possuem a potencialidade de revelar características do tempo contemporâneo, experiências e latências do corpo negro em contextos de saúde e práticas médicas, além de apontar para um novo horizonte: um futuro justo e sem violências. É nesta linha de raciocínio que o próximo tópico pretende, de forma exitosa, apresentar uma análise dos materiais midiáticos produzidos pelo atual médico Jônatas Ferreira Barros.

17 O que o jaleco branco nos diz?

A seguir daremos a análise deste capítulo. Os indícios coletados foram escolhidos a partir do referencial teórico aqui apresentado, na intenção de observar como as elaborações intelectuais aparecem nas práticas e materiais midiáticos de Jônatas. A data da coleta ocorreu no dia 20 de junho de 2024. Estamos sendo orientados pelo paradigma indiciário, no qual nos possibilita buscar indícios, sem se preocupar com a quantidade, mas buscar indícios que dentro do contexto podem ser

tensionados com as teorias utilizadas. Deste modo, buscaremos observar os gestos estéticos e as historicidades nos indícios coletados.

17.1 Performance da branquitude e estética

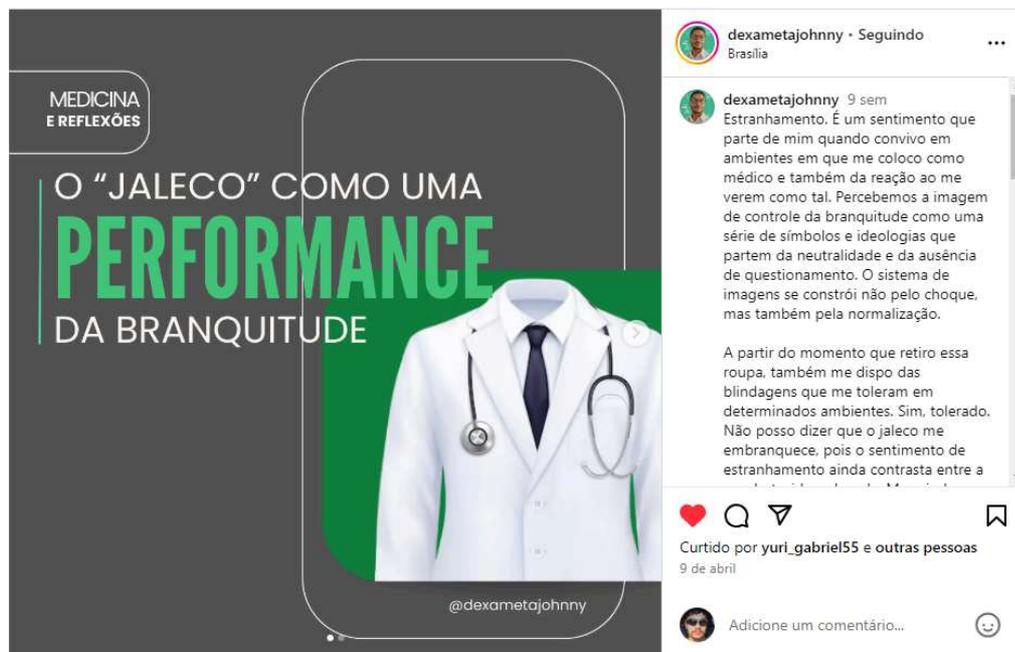


Figura 19. O “jaleco” como uma performance da branquitude. Fonte: https://www.instagram.com/p/C5jArBCu9Xk/?img_index=1.

Legenda:

Estranhamento. É um sentimento que parte de mim quando convivo em ambientes em que me coloco como médico e também da reação ao me verem como tal. Percebemos a imagem de controle da branquitude como uma série de símbolos e ideologias que partem da neutralidade e da ausência de questionamento. O sistema de imagens se constrói não pelo choque, mas também pela normalização.

A partir do momento que retiro essa roupa, também me dispo das blindagens que me toleram em determinados ambientes. Sim, tolerado. Não posso dizer que o jaleco me embranquece, pois o sentimento de estranhamento ainda contrasta entre a cor do tecido e da pele. Mas ainda assim, sinto algo como performático quando visto essa roupa. Mudo minha voz, postura, determino ordens e imprimo o ar de respeito. Quase como uma postura branca. Um grande choque que tive foi ter a minha imagem de controle médica questionada por ser "excessivamente" gentil com os funcionários, como se algo da minha natureza deveria ser minimamente hostil, arrogante ou arrotar um ar de superioridade. Foi então que percebi que não se trata de uma roupa, mas de um conjunto de atitudes.

Assim como o policial negro que retira sua farda, apesar de toda violência cometida como seus pares enquanto fardado, sou tão alvo quanto. Isso é só uma comparação, mas as violências silenciosas permanecem. E também se eu não me

manter silencioso ou reproduzir determinados comportamentos, não irei acender neste sistema lógico que é pouco perene. O ensinamento que tenho, é que não posso deixar de ser menos empáticos com meus pares durante a performance do meu atendimento, existe uma certa equidade de humanidade que deve ser universalmente distribuída, mas em doses diferentes para diferentes situações.

Neste texto, Jônatas começa seu relato a partir do que sente em seu corpo: estranhamento. Essa emergência pode ser observada quando Gumbrecht (2010) fala da oscilação entre efeitos de sentidos e efeitos de presença, e como a presença nunca será totalmente refém da interpretação. Recuperando sua citação, “por “presença” eu queria dizer – e ainda significo – que as coisas inevitavelmente permanecem à distância ou próximas a nossos corpos; se elas nos “tocam” diretamente ou não, elas têm substância” (Gumbrecht, 2012, p. 81, grifo do autor).

Afinal, uma experiência é uma vivência presencial única no espaço e no tempo, de repertório, na história. A presença é o que invade o nosso corpo sem pedir licença, é aquilo que explica a manifestação de um fenômeno em nós, que vai bagunçar esse ser controlador, esse estar no mundo que é racional. Isso ficou evidente em sua fala, quando aborda a performance do jaleco branco, e como sua presença afeta e gera desconfortos, o submetendo a violências silenciosas, mesmo diante de um cenário que se orgulha em dizer que é racional – desconsiderando outras manifestações e as forças emocionais.

Conforme relata Taylor (2011), não podemos escapar de uma experiência moral real (a maneira mesma como andamos, nos movemos, gesticulamos e falamos é moldada, desde os primeiros momentos, por nossa consciência de estar na presença de outros), e que os espaços públicos, moldados pelo projeto moderno, podem trazer potencialmente o respeito ou o desprezo, o orgulho ou a vergonha. Neste caso, Jônatas deixa explícito que com o jaleco branco, mesmo com o estranhamento, se sente tolerado, e que suas práticas são questionadas quando destoam daquilo que se espera do corpo negro, ou quando reforçam a tolerância deste corpo na medida que segue os códigos da branquitude.

Ao dizer que o sistema de imagens se constrói não pelo choque, mas também pela normalização, podemos recuperar Souza (2012), quando diz que o princípio da autenticidade (políticas das diferenças), tenta romper com uma autenticidade absoluta do self pontual.

Às gerações que já nascem sob a égide das práticas disciplinadoras consolidadas institucionalmente, esse modelo contingente assume a forma naturalizada de uma realidade autoevidente que dispensa justificação. Responder aos imperativos empíricos de Estado e mercado passa a ser tão óbvio quanto respirar ou andar. (Souza, 2012, p. 72)

Nesse produto midiático específico, Jonatas utiliza para falar da sua experiência estética, que pode ser entendida como aquela que afeta e detona forças emocionais (Dewey, 1980). Ao pensar a experiência estética junto aos efeitos de sentido e de presença, percebemos que ao ser “tolerado” por utilizar um jaleco, podemos pensar em como a traz um horizonte histórico que desloca o sujeito do presente e do passado e coloca num futuro idealizado. Desloca do passado quando o próprio Jônatas diz “Percebemos a imagem de controle da branquitude como uma série de símbolos e ideologias que partem da neutralidade e da ausência de questionamento.”, isso nos dá pistas que o passado das pessoas negras não são mobilizados, seu presente é afetado, mas ao mesmo tempo o coloca num futuro idealizado, afinal, seu corpo negro com jaleco é diferente de outros corpos negros que não utilizam o jaleco, ou até mesmo quando o retira. Essa perspectiva se alinha com a ideia de progresso, em que as diferenças precisam comprar espaços, pelo viés do capital e da intelectualidade.

Seu relato nos dá pistas para pensar a contemporaneidade, o encontro de historicidades e os problemas que o campo científico, em especial no campo das ciências clássicas, como medicina, no que se refere ao modelo de produção da vida moderna pautado na branquitude, na heteronormatividade, no elitismo, nos privilégios, e na colonização de corpos que vão ocupar o lugar, como o que Jônatas ocupa.

Seu movimento de relato no campo da comunicação pública da ciência, com recorte para suas experiências organizacionais, reforça como estes espaços se tornam um lugar para problematização a partir de uma discussão das ciências humanas e sociais, que pode forçar a entrada dessas discussões nos campos científicos tradicionais.

Ao dizer que “se eu não me manter silencioso ou reproduzir determinados comportamentos, não irei acender neste sistema lógico que é pouco perene”, reforça o que Gumbrecht (2010) elabora, quando explica a modernidade é toda baseada na busca por sentido, do que é ser sujeito, do que é ter uma vida boa, do que é progresso, e do que é sentido científico. Deste modo, mesmo corpos que buscam romper

com as noções dominantes, ao mesmo tempo são constrangidos a seguir o modelo proposto.

Não conhecemos nenhuma outra forma de ser e desde a mais tenra infância fomos feitos e continuamente remodelados e aperfeiçoados para atender estes imperativos. É essa realidade que permite e confere credibilidade às concepções científicas que desconhecem a lógica normativa contingente desses “subsistemas”. Ela assume a forma de qualquer outra limitação natural da existência, como a lei da gravidade, por exemplo, contra a qual nada podemos fazer. (Souza, 2012, p. 72)

Diante disto, observamos como as implicações estéticas têm ao mesmo tempo implicações éticas, políticas e existenciais, o que nos leva a pensar, a partir da obra de Gumbrecht (2010), às historicidades por meio dos efeitos de presença.

17.2 Por uma medicina racializada



Figura 20. Por uma medicina racializada. Fonte: https://www.instagram.com/p/Cx_fpnouV2S/.

Legenda:

A medicina SEM PENSAR EM RAÇA é uma medicina racista. A proatividade é um exercício diário. ✨

Passando pelo estágio da dermatologia, percebi que todos os profissionais neste serviço são brancos. Como pode uma população composta por mais de 70% das

peças negras não ser minimamente representativa nessa equação? Com certeza existe um fator externo que muda a causalidade e embranquece os consultórios: o racismo estrutural. Porém, pensando no conceito de vulnerabilidade da relação de poder médico-paciente, não poderia elencar um poder que pouco é falado, o racial.

Devemos lembrar que a branquitude é um sistema de privilégio que parte da neutralidade para executar o silenciamento de pautas e de conflitos de uma sociedade, usando as instituições e a ideologia para criar uma atmosfera universal para questões complexas. Sendo assim, a ausência de uma formação específica ou abordagem centrada na realidade brasileira, ou seja, a nossa pele, e assim naturalizar as imagens acadêmicas oriundas de perfis epidemiológicos do Norte do mundo, é um instrumento de racismo estrutural. Não letrar os profissionais racialmente é criar um ambiente racista. Usar os pacientes pretos como laboratório educativo para pesquisa e aprendizado sem refletir sobre sua origem e considerar a importância dessa população na sua individualidade do seu aprendizado é racismo.

Nota-se uma demanda crescente por médicos pretos, assim como a emergência de teorias que partam de processos de racialização - sejam relacionados à epistemologia que fundamenta o médico ou à sua própria racialidade - como paradigma da intervenção. São evidências de que a clínica, à revelia de seu fundamento em qualquer abordagem, pode constituir-se um espaço de reprodução do racismo e de práticas de sujeição a pessoas negras ao reproduzirem o discurso do sujeito universal, sem que as particularidades e mediações raciais estejam consideradas. É imprescindível se comprometer política, ética e tecnicamente com as questões raciais.

Jônatas começa seu texto com um gesto de intensificação de passados, ao colocar em relevo uma denúncia histórica, quando relata sua experiência de estágio na dermatologia e que todos os profissionais neste serviço são brancos. O que ecoa na fala de Bevernage (2020) quando diz que a filosofia das historicidades implica em focar nas diversas formas acadêmicas e não acadêmicas de lidar com o passado.

Eu estou convencido que a teoria da história continuará relevante para os historiadores e para a sociedade se ela prestar atenção suficiente para a diversidade de mecanismos para lidar com o passado e a forma como tais mecanismos são incorporados, interagem com, e até constituem parcialmente, contextos culturais, sociais e políticos mais amplos. (Bevernage, 2020, p. 15)

Em seguida Jônatas cita o racismo estrutural, maneira de dizer como as práticas racistas estão impregnadas em nossa existência na contemporaneidade, quase como fator estático, cristalizado e sem aberturas para atualização. Entretanto, é possível voltar em Bevernage (2020), ao se inspirar em Jacques Rancière (2013),

que sugere ser essencial considerar aquilo que parece impossível no nosso tempo como uma chave para mudar o estado atual das coisas. O movimento de Jônatas ao tratar destes assuntos, o coloca como ativista social, buscando fissuras para aquilo que parece impossível de ser alterado e atualizado.

Quando no texto ele cita “Devemos lembrar que a branquitude é um sistema de privilégio que parte da neutralidade para executar o silenciamento de pautas e de conflitos de uma sociedade, usando as instituições e a ideologia para criar uma atmosfera universal para questões complexas.”, podemos recuperar novamente o projeto moderno que naturaliza perspectivas a partir de disciplinas de autocontrole que residem nos campos econômico, moral e sexual para nos enquadrar e ensinar a olhar para nós mesmos a partir dos termos do próprio estilo de vida moderno (Taylor, 1997).

Ao citar as instituições, podemos recuperar Mafra (2021) quando explica que a construção da categoria de sujeito se materializa nas instituições Estado, Mercado e Ciência que junto a outras instituições denomina o que é nobre e justo a partir de leis, a livre concorrência a partir do mérito e o conhecimento a partir do método, tornando a noção estrutural de modo a ser um grande problema de pesquisa em que as ciências sociais e humanas têm se debruçado – no sentido de atualizar estas noções no senso comum, na produção de conhecimentos científicos e nas práticas institucionais. A pontuação de Jônatas neste aspecto abre frestas, mostra as falhas do sistema moderno de categoria de sujeito construído em cima da noção de cidadania universal, na qual todas as pessoas nascem livres e iguais, e seus direitos estariam postos e garantidos sobre os arranjos jurídicos para todos os indivíduos. Contudo, este raciocínio além de reduzir a cidadania a um status meramente jurídico, não corresponde ao conceito que propõe, uma vez que o indivíduo moderno, mesmo dentro de uma sociedade democrática, é atravessado por questões de gênero, raça e corpo, e pela ineficiência da aplicação de leis diante de suas diferenças.

Ao mencionar “[...] a ausência de uma formação específica ou abordagem centrada na realidade brasileira, ou seja, a nossa pele, e assim naturalizar as imagens acadêmicas oriundas de perfis epidemiológicos do Norte do mundo, é um instrumento de racismo estrutural.”, Jônatas denuncia o sistema colonial da medicina abordado no trabalho de Abreu (2007). Na obra, é explicado que as práticas das ciências médicas para com o corpo negro tinham o objetivo de promover uma gestão

moderna da mão-de-obra escrava em consonância com os ideais iluministas. Esse histórico e seu relato afirma que ainda nos dias atuais o corpo negro é abjetificado e sua saúde negligenciada. Essa questão fica ainda mais evidente na sua fala a seguir, “Não letrar os profissionais racialmente é criar um ambiente racista.”

Na continuidade do seu texto, Jônatas denuncia como os corpos negros são usados de laboratório, prática recorrente no histórico das ciências médicas, um exemplo disso é a própria ciência eugenista. Entretanto, não é como se não houvesse dados epidemiológicos que indicam diferenças na saúde de brancos, negros, indígenas e amarelos e como o racismo, classe social, gênero e geração são categorias essenciais para entender os desfechos em saúde e a distribuição do processo saúde-doença (Werneck, 2016). Esse contexto nos leva ao questionamento de Mafra (2023), quando questiona:

Mas, o que fazer com esse passado nos ambientes [...] organizacionais, se o horizonte histórico moderno se baseia em deslegitimar o poder de orientação e de referência do passado (Rangel, 2016), e a sequestrar o presente em direção a um futuro prometido como glorioso? [...] (Mafra, 2023, p. 08)

Neste viés, Mafra (2023) reforça que a resistência ao acolhimento de diferenças incompatíveis com o progresso resulta em um fenômeno na comunicação chamado latência – descrito por Gumbrecht (2014) como o oposto da emergência, referindo-se à presença de algo tangível que, embora esteja presente, não se sabe se, quando ou como surgirá. No que propõe Mafra (2023) a pensar a encruzilhada biopolítica da comunicação, reflete como que diante das múltiplas violências geradas pelo projeto moderno, a latência se manifesta como uma experiência de sofrimento. Como descrito na Fundamentação teórica deste capítulo, diferenças que são percebidas, mas que não se ajustam ao progresso são desatualizadas e colocadas na clandestinidade pela administração organizacional da instituição ciência, em recorte as ciências médicas. Esse ato de desatualização das diferenças é uma forma cruel de atualização: as identidades organizacionais sabem que essas diferenças existem, mas as negligenciam, relegando-as à clandestinidade. Isso é parte de uma vigilância epistemológica da gestão frente à imposição totalitária do progresso (Mafra, 2023).

No fim do texto, é dito: “É imprescindível se comprometer política, ética e tecnicamente com as questões raciais.”. Sua fala nos faz lembrar que em ambientes

onde as historicidades não são intensificadas, as diferenças podem não provocar uma mudança na experiência individual ou coletiva, de populações e de grupos marginalizados.

17.3 Racismo e historicidades na medicina



Figura 21. “Eu nunca sofri racismo”. Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cs9XCSAuYNn/?img_index=1>.

Legenda:

Toda a população negra, direta ou indiretamente, ainda sofre os impactos do pensamento ocidental e da colonização. Contudo, não é toda narrativa que diz que esses impactos são perceptíveis ao ponto de causarem dor em corpos-alvos. O Racismo opera como sistema, e portanto, possui um arcabouço ideológico importante sobre a nossa subjetividade, e por significar dominação, racionaliza a forma que percebemos a dor (analgesia) e consequentemente sua discussão (hipnose), causando arreatividade (bloqueio neuromuscular).

A reflexão implica a racionalização de processos invisíveis que passam a ser percebidos e pensados. Por não ter conhecimento sobre sua história ou sua origem, sobretudo a importância histórica por detrás disso, não há a possibilidade de refletir sobre o impacto da raça sobre sua vida. E a partir disso a máxima: "eu nunca sofri o racismo", contudo isso não significa que ela não tenha passado por situações racistas. Quando eu não racionalizo, não conheço a história, não me debruço nessa temática, vivo uma dor alienante. Até mesmo diante de uma

situação caricata e esdrúxula, sem o entendimento propositalmente não "ensinado", a dor quase visceral (sem localizar a origem) apartada da realidade que vem à tona quando se depara com uma situação de cunho racista.

Reconhecer e saber da nossa história é cuidar da saúde mental. Existem dores que não são originadas por ações nossas ou a falta dela. O sofrimento meritocrático e que culpabiliza fracassos inexistentes ao indivíduo que é subjugado a locais de inferioridade provém da ausência da identificação de fatores externos/ raciais sobre expectativas transplantadas pelo mundo capitalista branco. Se não há racionalização, simplesmente caímos no discurso do "eu não progrido, pois é MINHA culpa", o que insensivelmente apelidam de vitimismo. É verdade que pelo viés do racismo existem responsabilizações a serem reparadas, mas para além disso temos questões que dizem respeito apenas a nós mesmas.

Neste texto, Jônatas reforça a importância da história no combate ao racismo, e como estas práticas afetam diretamente a saúde da população negra. A partir da sua fala, "Toda a população negra, direta ou indiretamente, ainda sofre os impactos do pensamento ocidental e da colonização.", relembra a afirmação de Camera P. Jones (2002) quando diz que o racismo se manifesta em três dimensões principais: racismo internalizado/pessoal, racismo interpessoal e racismo institucional. Isso fica descrito no produto midiático de Jônatas quando ele intitula "eu nunca sofri racismo". De maneira pedagógica, é apresentado as maneiras que o racismo opera diretamente e indiretamente, levando o público a pensar sobre como os corpos negros são utilizados na manutenção do sistema, mesmo os sujeitos estando conscientes ou não das práticas que os circulam, estas que limitam a cidadania, sustentam preconceitos e discriminações.

Quando ele aborda no texto "O Racismo opera como sistema, e portanto, possui um arcabouço ideológico importante sobre a nossa subjetividade, e por significar dominação, racionaliza a forma que percebemos a dor (analgesia) e consequentemente sua discussão (hipnose), causando arreatividade (bloqueio neuromuscular).", relembra o raciocínio de Werneck (2016), quando reflete a relação saúde doença a partir do pensar do pensamento interseccional de raça, classe, gênero e geração. Este tema está presente nos estudos acadêmicos, especialmente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), no grupo temático Racismo e Saúde.

Além disso, sua fala destaca como isso implica na subjetividade dos corpos negros, o que nos leva a fala de Mafra (2023, p. 08) quando diz "[...] nesse lugar, a

história não se apresenta como narrativa universal e estática, mas como contingência aberta, a partir de fraturas temporais no presente que intensificam passa-dos encobertos e/ou negligenciados.”. Jônatas abre uma fratura temporal e chama atenção ao destacar que “não ter conhecimento sobre sua história ou sua origem, sobretudo a importância histórica por detrás disso, não há a possibilidade de refletir sobre o impacto da raça sobre sua vida.”. Deste modo, percebemos não só como ele acessa os passados, mas convida sua audiência a refletir sobre o tema.

Ao pontuar em seu texto que “Reconhecer e saber da nossa história é cuidar da saúde mental. Existem dores que não são originadas por ações nossas ou a falta dela. O sofrimento meritocrático e que culpabiliza fracassos inexistentes ao indivíduo que é subjugado a locais de inferioridade provém da ausência da identificação de fatores externos/ raciais sobre expectativas transplantadas pelo mundo capitalista branco.”. Nesta fala, percebemos uma grande característica da modernidade descrita por Mafra (2023, p. 04) quando reflete junto a demais intelectuais nos dois pontos:

a) um modelo de subjetividade, tomado enquanto dispositivo produtor de subjetivações racionalizantes, movidas pela perigosa (e falsa) idealização universalizante de sujeito, pautada por controle, separação entre corpo e mente, meritocracia, produtividade, individualidade (Taylor, 2011), patriarcado e branquitude (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016); [...] c) institucionalidades modernas, quais sejam, o Estado, o Mercado e a Ciência (Mafra, 2021), como macro estratos relacionais sobre os quais o modelo de subjetividade e a ideologia do progresso materializam-se nas relações organizacionais, tornando-se ancoragens estruturais e hegemônicas para a reprodução da vida no ocidente – e, ainda, com pretensões imperialistas universalizantes (Pinto; Mignolo, 2015).

Deste modo, fica evidente as feridas abertas, e como as diferenças aparecem como formas de historicidades, suprimidas, ocultadas ou distorcidas pelas narrativas identitárias modernas oficiais. Quando refletimos a partir de Mafra (2023), conseguimos compreender de forma mais profunda a fala de Jônatas. Isso porque a perda de referência do passado, muitas vezes mobilizada de forma intencional pelo projeto moderno, faz com que as diferenças e historicidades apareçam de modo em que energias emocionais são manifestadas através do corpo, levando o sujeito a um eterno sofrimento.

17.4 Congresso eugênico brasileiro

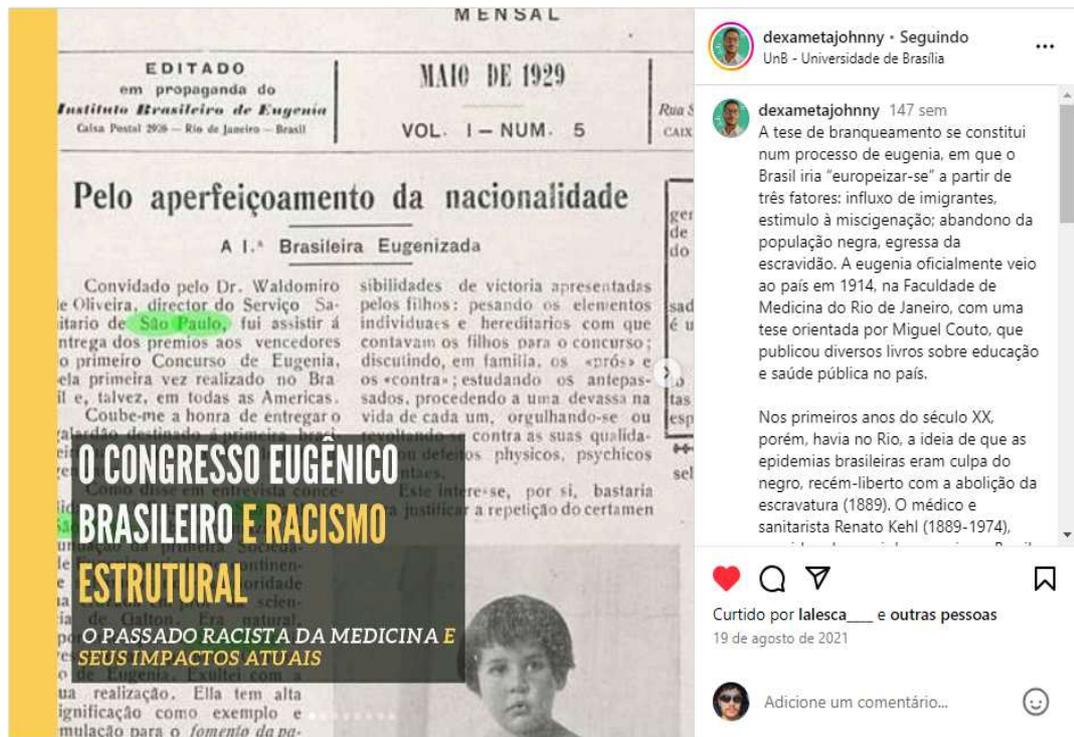


Figura 22. O congresso eugênico brasileiro e racismo estrutural. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CSxUh5llkTk/?img_index=1>.

Legenda:

A tese de branqueamento se constitui num processo de eugenia, em que o Brasil iria “europeizar-se” a partir de três fatores: influxo de imigrantes, estímulo à miscigenação; abandono da população negra, egressa da escravidão. A eugenia oficialmente veio ao país em 1914, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com uma tese orientada por Miguel Couto, que publicou diversos livros sobre educação e saúde pública no país.

Nos primeiros anos do século XX, porém, havia no Rio, a ideia de que as epidemias brasileiras eram culpa do negro, recém-liberto com a abolição da escravatura (1889). O médico e sanitarista Renato Kehl (1889-1974), considerado o pai da eugenia no Brasil, defendeu “segregação de deficientes, esterilização dos ‘anormais e criminosos’, regulamentação do casamento com exame pré-nupcial obrigatório, educação eugênica obrigatória nas escolas, testes mentais em crianças de 8 a 14 anos, regulamentação de ‘filhos ilegítimos’ e exames que assegurassem o divórcio, caso comprovado ‘defeitos hereditários’ em uma família”.

Tendo como figuras de liderança do movimento, Renato Kehl, e outros intelectuais brasileiros, foi realizado o Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em 1929, no Rio de Janeiro. Nesse congresso, que reuniu dezenas de médicos e biólogos favoráveis à ideia de eugenia. Na mesma época, chegou a ser organizado um “Concurso de Eugenia” que serviria para premiar as 3 crianças que “mais se aproximassem do tipo eugênico ideal”, conforme anunciava o cartaz. Além disso,

distúrbios psiquiátricos e desordens sociais foram atribuídas a pele, e isso acabou sendo incorporado nas políticas públicas do Estado Novo de Vargas.

A grande questão é: em um país que historicamente permitiu esse tipo de ocorrência, é mais do que importante a presença de pensamentos raciais e indivíduos negros engajados compondo os centros de produção científica nacional. Não é coincidência que as academias estão nas mãos de pessoas brancas até hoje, e a dificuldade de ascensão educacional a pessoas negras favorece a persistência desse raciocínio. Pensando que atualmente estamos vivendo um momento de retrocesso e de resgate a tecnologias facistóides.

E aí? 🖐️🖐️🖐️🖐️

Neste texto, Jônatas mostra como as instituições, especialmente a ciência e Estado, colaboraram para a formação do imaginário sócio discursivo sobre a população negra, e não só, mas como também os ideais racistas mediaram políticas públicas, e ditaram os tratamentos que os corpos negros teriam no país.

Este conteúdo remete a um passado não tão distante, e explicita as violências vividas pela população negra nas últimas décadas. Aqui, observamos a latência descrita por Gumbrecht (2014), na qual entendemos que a latência se manifesta como uma experiência de sofrimento. Para este grupo o sofrimento ainda continua, e é perceptível quando Jônatas afirma “[...] é mais do que importante a presença de pensamentos raciais e indivíduos negros engajados compondo os centros de produção científica nacional.”

Bogos (2020) ao refletir sobre o campo da história, sugere uma dedicação à história a partir de outros vestígios, sendo importante considerar outros sujeitos sociais e suas formas de lidar com a historicidade. A proposta de Bervenage (2020) é pensar na narrativa histórica produzida e no papel do historiador em dar sentido à história ou em denunciar seu sentido. Diante das perspectivas apresentadas, que é preciso considerar outros sujeitos sociais e suas formas de lidar com a historicidade e que este pode assumir o papel de dar sentido a história ou em denunciar seu sentido, percebemos nesse indício apresentado a postura de ativista que Jônatas toma, ao denunciar os processos de injustiça, violências e vulnerabilidades que a população negra tem vivido.

Segundo Bogo (2022, p. 189) “[...] Por vezes, esse tipo de pensamento histórico de fato estimula uma postura moralista no qual o passado é acusado como o pior de todos os males, enquanto o presente se torna moralmente inocentado por simples comparação.”. Por esta ótica, facilmente poderíamos pensar que “o pior já

passou”, de modo a desmobilizar públicos ativistas como Jônatas que remonta este passado. Entretanto, em seu texto, observamos o que Mafra (2023, p. 04) escreve:

[...] b) um horizonte histórico instituído pela ideologia do progresso (Benjamin, 1987), em meio à qual os passados são desconsiderados, o presente torna-se um curto lapso e o futuro um espaço alargado e supostamente sempre aprimorado pelos esforços de trabalho do presente – movimento temporal este que, segundo o próprio Benjamin, torna-se danoso à possibilidade da história como gesto basilar e potente à experiência humana [...].

Neste sentido, a partir das teorias e das historicidades explicitadas por Jônatas, percebemos a necessidade de movimentos no presente que provoquem fissuras no sistema ao ponto de abrir um novo horizonte, não aquele idealizado pela modernidade, mas aquele em que a justiça e equidade racial se tornariam de fato uma realidade para as experiências dos corpos negros, de modo que torne tangível um futuro justo e sem violências.

18 Considerações do capítulo

Neste capítulo, percebemos que as ciências humanas tematizam questões muito importantes que hoje circulam e acabam afetando outras ciências. Dentro destas questões, destacamos os debates sobre raça, modernidade e historicidades. Estas rodam esferas públicas e atualizam discursos. Neste contexto, o trabalho de Jônatas amplifica debates sobre a relação de raça em contextos de ciências médicas, em cenários sociotécnicos que auxilia a potencializar emergências e fenômenos de indivíduos em diferentes dimensões e com aporte de ferramentas de circulação de mídias. O que nos dá insumos para discutir ambiências de comunicação pública da ciência e as suas potencialidades para produzir presença, emancipação e autonomia dos sujeitos frente aos sistemas de relação com as organizações produtoras de ciência, as historicidades e suas relações com o tempo.

As competências como ativista social são visíveis em seus produtos midiáticos que centralizam a produção de intelectualidades. É possível perceber que Jônatas se produz enquanto intelectual no contexto midiático, promovendo ampliação e circulação de enfrentamentos, principalmente da população negra frente a medicina e as associações médicas, universidades e instituições,

denunciando práticas e abrindo fissuras no projeto moderno em contextos contemporâneos.

O trabalho de Jônatas se mostra fundamental para trazer a medicina para o centro do debate no contexto de comunicação pública da ciência. Ao trazer a medicina como foco de discussão, Jônatas causa uma abertura no tempo, e sua presença e aparências nestes contextos, tanto quanto os gestos de historicidades, mostram e denunciam feridas e violências históricas fruto de uma ciência eugenista e da colonização.

Na análise dos indícios, ficou evidente o potencial de articulação teórica que os produtos midiáticos de Jônatas possui, possibilitando uma leitura de cenário da contemporaneidade, e registrando uma grande mobilização para mudança deste. Seu potencial em produzir presença, revelar latências e acessar passados no presente.

Entretanto, ao tomar Jônatas como figura emblemática deste contexto atual que vivemos, outras discussões aparecem, como: o rigor científico de suas produções, uma vez que suas comunicações têm como principal mídia de hospedagem plataformas e redes sociais, como Instagram, que muitas vezes são usadas para compartilhar desinformações e movimentos de anti-ciência, e que não necessariamente passa por uma revisão de uma equipe editorial ou por pares.

Além dos seus interesses particulares nessa produção em rede, como futuro médico, seus movimentos que por hora atualizam e questionam o fazer científico, mas poderiam ser usados para benefício particular em sua carreira – o que particularmente não vejo como problema visto que seu discurso condiz com suas práticas. Fora isso, questões como: se Jônatas seria mesmo um pesquisador e pudesse se apresentar como um, dado que a titulação de pesquisador se instaura num processo de formação acadêmica – entretanto, é importante salientar que com ou sem titularização, Jônatas está fazendo comunicação. Outro ponto que surge também é a questão racial midiaticizada, que por si só precisaria de um esforço teórico devido à complexidade das formações sistêmicas e das plataformas digitais, e as ideologias que configuram as lógicas algorítmicas.

Embora essas questões se concentrem em Jônatas, e que poderiam muito bem ser refletidas em outro fenômeno empírico, acredito que para além de tentar respondê-las, o que seria um exercício válido e que mereceria mais de um trabalho como este, acredito que sua própria presença e aparência revela uma forte relação

de poder que está para além de Jônatas como sujeito, mas para a construção e modos operantes de uma relação de poder entre corpos, raças, territórios, historicidades, colonização que ainda violenta e marginaliza subjetivações que fogem de uma matriz hegemônica branca e europeia.

Capítulo 3: Comunicação pública da ciência: um espaço em potencial para atualização do comum pelo dissenso

19 Introdução

O exercício desta pesquisa ao elaborar discussões dentro do campo da comunicação pública da ciência teve sempre como premissa observar a mobilização de públicos ao redor da ciência e o que as suas emergências revelam, denunciam, e o que dizem sobre a relação entre ciência e sociedade, sobre a relação com o tempo. No movimento de observar o que emergiram, encontramos Jônatas, e em seguida outros exemplos internacionais que tematizam, assim como ele, o olhar das ciências médicas – as feridas da modernidade e da colonização, e quais consequências o corpo negro que era deslocado e posicionados ora como objeto de estudo, ora como corpo abjeto não merecedor de cuidados, ora como corpo de exploração essencial para economia das colônias. Estas percepções e práticas, em especial nas ciências médicas, perduram até o momento, e podemos observar acadêmicos (as), ativistas sociais e demais atores tentando articular maneiras de denunciar esse passado que ainda é presente para os corpos negros.

Partindo do campo da comunicação pública com recorte para a ciência, temos como interesse observar quem está fazendo comunicação em esferas públicas, são acadêmicos ou não acadêmicos? São jornalistas ou cientistas? De que maneira outros públicos surgem neste espaço e como estes se relacionam com as novas mídias? Quais assuntos são mais debatidos? No cenário atual de midiatização intensificada, percebemos que as comunicações da ciência, numa breve análise, se divide entre comunicação para pares, e comunicação em entretenimentos digitais e em outras mídias, como jornalismo e educação da ciência (num viés pedagógico).

A ideia não é hierarquizar ou ditar maneiras de se fazer comunicação da ciência, mas ir mais a fundo e se questionar quem está fazendo estas comunicações, quem está participando desse cenário, ganhando espaço, fama, dinheiro, credibilidade de fala e respeito das instituições – jornalísticas, científicas, Estado e Mercado. Extrapolando um pouco mais, poderíamos até questionar de que maneira os assuntos científicos são mobilizados, quais são as fontes e os propósitos do emissor dos enunciados. Acredito que este seja um exercício de pesquisa, observar quem são e como emergem os intelectuais orgânico e intelectual cultural,

inclusive elaborado por Antônio Gramsci e descrito na obra de Semeraro (2006). Expandindo um pouco mais, pensando num cenário de midiatização, quais são os intelectuais midiáticos e os intelectuais periféricos, quem são estes corpos e onde ganham espaços. Quais assuntos e pautas elaboram? Isso ajudaria a pensar como que a ciência hoje num contexto de bios midiático (Sodré, 2014) em meio a midiatização intensificada, faz para aparecer, como ela se comunica? E como se relacionam com as emergências que a circulam. Essa pergunta não tem juízo de valor, não é intenção do trabalho dizer o que é uma boa comunicação, ou uma má comunicação, não queremos criar nenhuma norma, mas olhar para esse fenômeno especialmente tendo em vista que estes processos resultam em produção cultural.

De acordo com o pensamento de Antonio Gramsci, Acanda (2006, p. 206) formula que “[...] a classe dominante é hegemônica porque controla a produção cultural. É esse o ponto fundamental no qual a dominação se enraíza [...]”. Num cenário em que a produção cultural se dispersa por meio de várias mídias e possibilita o surgimento de figuras como Jônatas desencontra com o exercício “natural” da hegemonia caracterizado pela combinação de força e do consenso, observado por Gramsci.

Ao interpretá-lo [poder] como hegemonia, Gramsci destaca sua positividade, seu modo operante e também (principalmente) produtivo, criador de possibilidades. O poder é relação de forças, é atividade. Implica confrontação permanente, conflito, contraposição de vetores. (...) Compreensão dinâmica do poder, de assumi-lo na complexidade dos encadeamentos, vínculos, superposições e imbricação de forças que se potencializam ou se debilitam. (Acanda, 2006, p. 203)

Ao pensar o poder como hegemonia por esta visão, e entendendo que nos contextos contemporâneos, dissensos e conflitos acontecem no âmbito dos processos de midiatização, nos interessa observar fenômenos anti-hegemônica como a emergência de Jônatas no campo da comunicação pública da ciência. Tudo isso num movimento de gestos dissensuais e de suas subjetivação política. O dissenso é entendido pelo filósofo Jacques Rancière como característica essencial à emergência de uma base estética da política (Rancière, 2000).

Sendo assim, nossas discussões se baseiam em observar a ciência, o lugar da ciência, a instituição ciência pelas emergências de públicos em contextos de comunicação pública; e como esta aparece nos contextos de midiatização intensificada, e os sentidos ocultos ou expostos nesta relação à ciência.

Percorremos um percurso que tenta olhar para como ativistas e públicos diversos por meio das mídias podem interferir na comunicação pública da ciência, ao denunciar as instituições, seus processos e seus lugares nos contextos contemporâneos. O que levanta duas questões: como a instituição da ciência no contemporâneo lida com estas emergências? Como estas novas práticas e fenômenos afetam as práticas de comunicação científica e da divulgação científica?

No capítulo anterior percebemos que é possível observar como as historicidades passam a compor a atmosfera de comunicação pública da ciência. E neste, temos como guia o nosso terceiro objetivo específico, que é examinar como o ativismo social midiático no contexto de comunicação pública da ciência visa atualização do comum pelo dissenso.

20 Comunicação pública da ciência em perspectiva relacional

No campo da comunicação, com recorte para a comunicação pública da ciência – sobre o qual me debruço em minhas pesquisas –, temos como principal interesse observar emergências de processos comunicacionais que podem revelar, estabelecer e promover presenças, aparências e singularidades no tempo, o que nos ajuda a observar, como cientistas, os contextos contemporâneos em que vivemos.

Em diálogo com Marques, Mafra e Martino (2017), passo a entender a comunicação pública da ciência como um processo de circulação da ciência em esferas públicas que colocam, em relação, cientistas, não cientistas e públicos, num processo de interação com os conhecimentos cientificamente produzidos dentro e fora dos territórios institucionais. Para tais autores, a comunicação pública aparece como um processo interacional que se trata da emergência de sujeitos políticos – estes que buscam, na tessitura de um social sempre aberto, instituir processos de verificação de igualdade e produção de um comum. Tal característica torna a comunicação pública um espaço conflitivo, de aparências, experiencial e estético.

Nesse momento, é possível compreender como a comunicação pública da ciência se torna um processo inclusivo na medida em que emerge como um campo aberto por processos polêmicos, advindos de um movimento central de subjetivação política (muito ao contrário de uma ideia estática, consensual e harmoniosa de

comunicação pública, cuja centralidade e gatilho se encontra nas instituições científicas e jornalísticas, ou seja: nos próprios cientistas e nos divulgadores).

Neste tópico, temos o propósito de buscar teorias que possam nos ajudar a compreender como a comunicação pública da ciência – que se apresenta como um campo de múltiplos contextos, difusos, complexos e controversos em que a ciência é exposta à esfera pública, seja por cientistas, seja por não cientistas – surge como campo de emergências, nos possibilitando observar a aparência pública midiaticizada de um antes estudante – e hoje médico – e como ele provoca visibilidade e necessidade de um olhar teórico para as organizações e práticas das ciências médicas.

Neste viés, o nosso raciocínio principal é tentar desenvolver, antes de tudo, uma visão de comunicação pública da ciência que possa dar conta de compreender esse fenômeno como parte do próprio processo comunicativo que emerge em relação à ciência. Em seguida, buscamos aporte teórico para discutir o campo da comunicação pública da ciência em cenários de mediação, e como isso pode alavancar questões que dizem respeito à digitalização, ao uso das mídias pelas instituições e pelos sujeitos, e principalmente questões relativas à própria produção da ciência.

De acordo com o raciocínio de Marques, Mafra e Martino (2017), existe uma noção de comunicação pública consensual que se baseia numa abordagem habermasiana, esta última que considera a comunicação pública como um processo cujo resultado visa produzir entendimento, consenso e harmonia. No campo profissional (das práticas) e teórico da comunicação científica, acreditam que as práticas comunicacionais são capazes de promover o entendimento coletivo da ciência, alcançar a credibilidade total dos públicos não científicos, e promover aproximação da relação ciência e sociedade.

Entretanto, estas práticas precisam considerar que o espaço público é uma zona de emergências, aparência e diferenças, de polêmicas, de dissensos e da emergência de sujeitos políticos, e que somente numa perspectiva relacional, que pensa na experiência, nas relações, na troca, na interação, no contato, no tato, na criação de memórias, no encontro e no desencontro, nos lugares, nos movimentos de lugares, no choque, e na presença. Portanto, este arcabouço informacional e consensual pode ser insuficiente para compreender o próprio campo de comunicação pública da ciência, tomando-o inclusive, como supostamente danoso

ou incapaz de ser um espaço em potencial para as experiências, acolher as diferenças e lidar com as emergências e o dissenso.

[...] rupturas com uma ordem discursiva que oferece a cada pessoa seu lugar na ordem das coisas, um lugar atrelado à uma identidade. Ela não é o “reconhecimento de” ou o gesto de “assumir uma identidade”, mas o desligamento, argumentativo e performático, com essa identidade, a produção de um hiato entre a identidade da ordem vigente e uma nova subjetividade política. (Marques, 2017, p. 85)

O que vamos argumentar, a partir do trabalho de Marques, Mafra e Martino (2017), em diálogo com os trabalhos de Polino e Castelfranchi (2019), Silva (2015), Valente (2010), Rossetto (2013), Matos (2017), dentre outros (as) intelectuais, é que o campo da comunicação pública da ciência, nos contextos contemporâneos, possibilita a emergência de um amplo e multifacetado processo de subjetivação política – este que, por sua vez, não se dá supostamente por um processo harmônico, pautado numa lógica de comunicação pública exercidas por cientistas e por divulgadores cientistas.

A subjetivação política permite a emergência, a demanda por emancipação, autonomia, produção de gestos dissensuais e estéticos de diversos sujeitos não acadêmicos e acadêmicos nos contextos de comunicação científica em esferas públicas. Os sujeitos que estão fora da ciência precisam participar da ciência, para que permita que os próprios sujeitos se vêem reconhecidos, ou não reconhecidos, frente às instituições e aos saberes tidos como ciência. Neste tempo em que, o contexto de mediação traz novas práticas, os sujeitos conseguiriam lançar mão de mídias e produtos midiáticos para se fazerem aparentes. Isso institui e instaura uma tensão extremamente produtiva e aproximativa entre ciência e sociedade via polêmica e via tensão.

Com foco em observar este fenômeno num recorte da relação entre ciência e sociedade, buscamos estudos que problematizam esses processos interacionais. A partir de lentes comunicacionais, tem-se percebido o quanto a mediação interfere significativamente em tais movimentos, por exemplo nos modos de consumo de conteúdos sobre ciência (Araújo, 2011). No ambiente digital, o debate e a prática da popularização da ciência dispõem de criativas possibilidades de participação dos setores populares, o que possui potencial para reposicionar percepções sobre o conhecimento (Sousa, 2019). Para Castelfranchi (2013), a ciência e a tecnologia têm

públicos múltiplos e diferenciados, o que faz ocorrer avaliações positivas e críticas moderadas. Isso porque os públicos são diversos, possuem fé, crenças, intelectualidades, subjetivação política, filosofias diferentes.

Mesmo com a ciência entre nós, a visão da ciência como produto social e cultural é relativamente nova, e por isso, o esforço para torná-la realmente um patrimônio cultural em que todos possam transitar livremente (e opinar, criticar, decidir, utilizar) é gigantesco (Bueno, 2013). Para Bueno (2013), a ciência em cultura contribui não só para um melhor conhecimento de seus conteúdos, como também das condições históricas, sociais e culturais da produção do conhecimento científico e da inovação tecnológica, o que provoca a integração deste conhecimento no repertório de recursos cognitivos e críticos necessários à participação na sociedade e ao exercício ativo da cidadania.

Dentro deste contexto, embora exista a possibilidade de os sujeitos, a partir de seus atos de falas e corporais, interagirem e afetarem os contextos e as esferas públicas em que residem (Marques, 2017) numa sociedade democrática – que pressupõe igualdade, liberdade e livre participação –, os mesmos são constrangidos por sistemas que instituem a ideia de um sujeito universal em um espaço público dominado pela homogeneidade (Miguel; Biroli, 2013). Para analisar os espaços públicos, em meio ao qual existiria uma suposta comunicação pública baseada na troca e reciprocidade entre instituições e sujeitos, que entendemos como local em que diferenças emergem e em que experiências são realizadas (Telles, 1990), a ideia de cidadania e de sujeito precisa ser problematizada, o que neste trabalho se encontra no segundo capítulo.

No contexto de midiatização, para nos debruçarmos sobre a comunicação pública da ciência para além de um gesto de "centralidade na própria ciência" e para além de um olhar que toma a divulgação como um processo estático, nos baseamos em algumas obras que possuem a comunicação científica, assim como a relação entre ciência e sociedade, como objetos principais de estudo.

Numa pesquisa sobre o impacto social de conteúdos sobre ciência em redes sociais, Oliveira (2019) percebeu um baixo índice de perfis institucionais de periódicos ativos, e a circulação da produção científica se concentrava mais em contas de pesquisadores e pesquisadoras individuais. Outro achado da pesquisa foi o baixo engajamento do público não acadêmico nos conteúdos já existentes.

Esse processo de consumo e de relação entre ciência e sociedade pode estar relacionado a diversos fatores. A autora Kodama (2018) relata que a popularização das ciências na imprensa nacional era compreendida como notícia cotidiana e tinha como maior público interessado a indústria e o comércio. A circulação dos livros era separada em categorias, uma para pares e outra para públicos não especializados, estes últimos que, na visão da autora, eram basicamente formados por mulheres e crianças. Essa visão de público abstrato e de relação unilateral entre ciência e sociedade se manteve e, apesar de haver um aumento no interesse pelos e pelas pesquisadores (as) e instituições de ensino, as ações de comunicação pública da ciência ainda se apresentam como marginais, bem como a atuação das agências de fomento com editais que que haja espaço para as práticas de comunicação da ciência em algumas áreas do conhecimento ainda são incipientes. Segundo Massarani e Moreira (2002, p. 44), as atividades de divulgação são hegemônicas e, em palavras do autor, “vê na população um conjunto de analfabetos em ciência que devem receber o conteúdo redentor de um conhecimento descontextualizado e encapsulado”.

Essa ideia de conhecimento transversal é compartilhada por Mueller (2010). A autora menciona em suas considerações que apesar do nascimento das conferências científicas ter se proposto como forma de divulgação do conhecimento científico dirigida à sociedade – e dos museus que poderiam ser vistos como possibilidades de relação entre ciência e sociedade a partir de outras ferramentas e estratégias – estas ainda são no formato unilateral, na qual a comunidade é público e recebe a informação de forma transversal. Não à toa, Oliveira (2018) evidencia em sua pesquisa que o processo de mediação da ciência está intrinsecamente relacionada com o propósito discursivo da instância que gerencia a enunciação, o que revela a ancoragem das informações divulgadas na autoridade prestigiosa do discurso da ciência, entre outros aspectos.

Deste modo, observamos a emergência de duas instituições com interesses próprios que tensionam a divulgação científica numa relação de poder que desconsidera pontos importantes da comunicação pública da ciência, a subjetivação política e produção de um comum, o que está muito além da relação informacional. Entretanto, os dilemas e eixos assimétricos, que caracterizam a política de divulgação científica no país, dificultam o acesso e a compreensão do fenômeno em toda sua complexidade (Araújo, 2017), e as relações de poder presentes no

processo de divulgação científica, em que reside as diferenças de cultura dos jornalistas e dos cientistas, é um motivo para as disputas e conflitos (Caldas, 2010).

Nesse sentido, ao fazer divulgação científica, jornalismo e ciência, como campos/instituições modernas e instituidoras de uma sociedade liberal, acabam por produzir tanto raciocínios circulares e autorreferenciados quanto processos de culpabilização mútua diante de uma emergência quanto à legitimidade pública da ciência, a partir da divulgação científica e deixam de dar atenção à circulação científica que emerge com a movimentação de públicos em processos de mediação.

Para isso, um dos caminhos para entender os responsáveis pela construção da memória científica na mídia, e pela formação da opinião pública sobre a ciência, consiste em refletir sobre a importância de uma articulação entre os diferentes atores, universidades e institutos de pesquisa, que compreendam o contexto de divulgação científica como plural e contraditório, e que busquem instituir políticas públicas e incentivos para projetos e expansão do conhecimento científico em outros contextos, além dos mediados, trazendo instituições, como o Estado e a escola, buscando formas de integrar um sistema de comunicação pública que possa contribuir para melhorar a percepção pública da ciência e conseqüentemente a participação na mesma, possibilitando a inclusão da sociedade no processo decisório sobre a utilização dos recursos (Caldas, 2011).

Nesse lugar, Silva (2015) explora o cenário de comunicação pública da ciência e chega à percepção de que arranjos discursivos mediados – sobretudo quando partem de instituições científicas – instituem posicionamentos e espaços pré-determinados aos sujeitos, desconsiderando sua autonomia política. Deste modo, observamos a emergência de sujeitos que tensionam a relação de poder que desconsidera pontos importantes da comunicação pública da ciência, a subjetivação política, o que está muito além da relação informacional, com atos que buscam atualizar noções universais de sujeitos e conhecimentos produzidos em determinados contextos sócio-histórico.

Partindo disso, é possível compreender, então, como a comunicação pública da ciência pode ser vista como fonte de potencialidades que em processos de mediação, pautados pela configuração de intermedialidade e literacia midiática do item anterior, apresentam formas e níveis de relação entre instituições,

conhecimentos especializados e sociedade. De acordo com Motta-Roth (2010, p. 170)

o fluxo discursivo entre ciência, mídia e sociedade não se manifesta de forma linear, como um contínuo, mas é pluridirecional: a ciência informa a mídia, esta informa o público, este, por sua vez, consome a midiatização e, por um processo de emergência (SAWYER, 2003) em que fenômenos macrossociais emergem das ações de vários indivíduos participativos, determina a agenda da mídia, assim como influencia os caminhos da ciência.

Nesse sentido, sendo a midiatização uma ambiência capaz de gerar espaços em que é possível fazer com que temas circulem, isso significa que as instituições científicas nem sempre serão pontos de partida e fontes primárias do fluxo de conhecimento científico, necessariamente num processo tradicional ou estratégico de comunicação pública da ciência, pois este papel também pode ser assumido pelos próprios sujeitos – estes últimos que, diante da oferta de conhecimento científico, apresentam o potencial de tensioná-lo a partir dos modos pelos quais se sentem ou não incluídos, instituindo uma presença que provoca historicidades, abertura no tempo e acessos aos passados.

O desafio para Fagundes (2013) sobre a ciência contemporânea em contextos midiatizados converge em torno da qualificação dos processos de interação: nesse raciocínio, a comunicação da ciência conseguirá se legitimar quando for socialmente distribuída, transdisciplinar, orientada para a aplicação, habilitada a receber feedbacks, sensível para escutar as demandas da sociedade e bem como para prestar contas de suas atividades, além de buscar se valer de uma produção transparente e participativa. Esta seria uma disruptura no modo de comunicar ciência, o que antes era feito de maneira unidirecional e informacional buscando a educação de uma suposta massa de indivíduos cientificamente letrados, hoje, é preciso a emergência de um discurso que privilegia a participação e o engajamento da população em esferas públicas, com distribuição de ferramentas midiáticas ou não para voz e poder de influência, e ainda mais, compreender que a comunicação é o espaço público para produção do comum.

Neste aspecto, precisamos elaborar de onde partimos da ideia de comum, e como a comunicação se torna um campo promissor para intermediar as discussões sobre a relação entre ciência e sociedade.

21 Atualização do comum pelo dissenso

Para Muniz Sodré (2014, p. 15) a “[...] comunicação significa, de fato, em sua radicalidade, o fazer organizativo das mediações imprescindíveis ao comum humano, a resolução aproximativa das diferenças pertinentes em formas simbólicas.” O comum seria para o autor uma forma que os sujeitos encontram para tornar possível a sociabilidade em qualquer que seja o agrupamento social. Poderíamos listar desde comportamentos, afetos, vínculos profundos, linguagem, território (físico ou simbólico), ou no caso de Jônatas um comum por meio da discussão racial nas ciências médicas. O comum, então, possibilitaria a “comunidade” existir.

O comum enquanto disposição ontológica originária não seria o mesmo que a comunidade plasmada por uma estratégia de subjetivação como ocorre no projeto moderno e na ideologia de sujeito universal. As formas de comunidade se dariam, deste modo, de vários sentidos. Podemos citar a comunidade política, comunidade científica, comunidade jurídica, comunidade artística, comunidades online, comunidade de fãs, etc. “Cada uma delas resulta de uma subjetivação que, por sua vez, instaura um novo comum” (Sodré, 2014, p. 203), segundo o autor. Nesse sentido, vemos também que,

Surge, dessa maneira, o âmbito que denominamos “comunidade”: só se pode ser-com num aí específico. Não que a comunidade seja uma atualização histórica do comum, mas é, sim, uma espacialização que opera um recorte existencial e dá margem a uma subjetivação. (Sodré, 2014, p. 206)

A palavra comunidade aqui é compreendida como espaços de relações ou ligações resultantes dos agrupamentos sociais no cotidiano, do “ser-em-comum”, o que neste trabalho mobilizamos como aspectos das esferas públicas. Os sujeitos, assim, não seriam plenamente estruturados e estruturantes, pois partem de exterioridades vazias, do vazio que é almejado quando se coloca em direção ao outro. Trata-se do que só existe em “relação a” ou quando se “é-com”. “É, portanto, o comum que “cola” a cidade e permite ao indivíduo transpor os limites da dualidade para a comunicação com o anônimo social, dentro da forma representativa atinente a cada comunidade particular” (Sodré, 2014, p. 196).

A construção deste raciocínio é importante para que possamos, a partir de Sodré (2014), compreender os contextos emergentes no campo da comunicação pública da ciência, como um espaço de potencial para organização simbólica do comum – que por sua vez, se investe da forma de esfera pública, que podemos entender como o espaço de comunicação, abrindo com isso novas ambiências comunicacionais e organizacionais na relação entre os sujeitos e o seu entorno.

O comum cotidiano é um universal, não no sentido filosófico e forte de uma prescrição racional e abstrata, mas de uma concreção (assim como a diversidade humana é um universal concreto) inerente ao ser-com, ao estar-junto: o comum induz universalmente ao diálogo e à ação, que são momentos estruturais, espontâneos e necessários da “arte” humana e diversa de comunicar-se, isto é, de realizar a linguagem, pondo em comum as diferenças e abrindo-se para a transcendência – a ação recíproca entre o particular e um fundamento externo, capaz de legitimar em termos universais o grupo humano específico. Neste espaço concreto do comum, é possível pensar em microdesdobramentos da esfera pública, a exemplo de organizações não governamentais, associações de bairro, grupos de produção simbólica etc. (Sodré, 2014, p. 214)

Partindo dessa premissa de comum no âmbito de comunicar o fazer ciência em esferas públicas, em meio a midiatização percebemos outro fenômeno posto por Sodré (2014): como a midiatização, que já tinha um poder considerável na vida coletiva e individual, teve um aumento considerável após o desenvolvimento das tecnologias atuais.

Em contraste com o período anterior, que de acordo com relatos de Azevedo (2006) o histórico das mídias no Brasil e sua concentração em pequenos grupos, em uma ambiência de midiatização intensificada, antes o fazer comunicação estava retido apenas nas mãos de profissionais do segmento ou de formadores de opinião se amplia, e agora percebemos o fazer comunicação e a sua subsequente mediação serem pautados pelos sujeitos comum sem qualquer vínculo de obrigação criativa – ou ética – em seu princípio realizador/formador/replicador “que dá à ambiência da comunicação e da informação generalizadas o estatuto de nova esfera existencial (isso que chamamos de bios virtual/bios midiático)” (Sodré, 2014 p. 112).

Na visão de Sodré (2014), a participação do ser humano como um participante desta rede globalizada e como este é visto dentro pela totalidade se traduziria como uma nova determinação de participação menos biológica mas cada vez mais social atravessada pelas tecnologias.

Este bios virtual implica, assim, uma totalidade espacial virtualizada ou um “fato social total”, (expressão do antropólogo Marcel Mauss para designar um fato que permeia as instâncias econômicas, políticas e culturais de uma sociedade), mas com duração continuada de uma forma de vida, um bios, característico de um novo tipo de ordem social, ao qual a designação de “sociedade de controle” pode ser adequada, em especial quando se pensa nesse bios como parte das estratégias de indução social dos dispositivos técnicos de controle da zoe (a vida “nua”, natural, animal). (Sodré, 2014, p.137)

Faz-se necessário um pensamento crítico e sistêmico sobre as potencialidades, aberturas, fechamentos das presença que surgem a partir dessa nova configuração de sociedade, entendendo o contexto de midiatização, as estratégias e dinâmicas lançadas pelos sujeitos para produzir efeitos de presença e subjetivação política em esferas públicas por meio do comum.

De acordo com o livro *Pequeno Manual Antirracista*, a autora, Djamila Ribeiro (2019), recupera a citação da pesquisadora Joice Berth³⁵ num trecho que menciona que a questão, para além de representatividade, é de proporcionalidade. Isto é, a presença do corpo negro nos espaços midiáticos e como consumidores, nesse caso de saúde, não substitui a ação social de políticas reparativas que o Brasil e as instituições precisam ampliar para reduzir as desigualdades relativas aos padrões estéticos que desumanizam as pessoas negras.

Assim para explicar o processo de dissendo ocorrido por um recém-formado estudante cotista de medicina da UNB – que após observar que a bibliografia da medicina do curso não estudava outras tonalidades de pele, partindo somente da pele branca, o que dificultava o cuidado em peles não brancas e negras, que possuem propriedades de coloração totalmente distintas – criou um produto midiático que denuncia essa situação na medicina e instrui profissionais e não profissionais a entenderem a medicina dermatológica da pele negra pela comunicação pública da ciência.

Ao observar este campo em perspectiva rancieriana, a subjetivação emerge em condições discursivas nas quais são tecidas linhas de força, sendo estas advindas de um processo de desidentificação:

³⁵ Figura pública, urbanista, escritora, psicanalista, consultora, curadora, ass.comunicação política, cria conteúdo para as redes sociais e plataformas como a Revista “Elle Brasil” e o “Portal Terra”, sobre temas de conscientização de questões sociais, desigualdades e saúde mental.

No processo de subjetivação, o indivíduo se faz sujeito emancipado através do trabalho que realiza sobre sua própria linguagem. Tomar a palavra é importante nesse processo, porque esses indivíduos “descobrem-se, ao modo da transgressão, como seres falantes, dotados de uma palavra que não exprime simplesmente a necessidade, o sofrimento e o furor, mas manifesta a inteligência.”. (Rancière, 1995, p.38)

Nesse lugar, sujeitos não antecedem às relações dissensuais instituídas, mas são originários das mesmas: incluem-se, não a partir de um processo harmonioso, mas pela própria expressão de um processo em que são verificadas suas desigualdades e suas exclusões em relação à ordem vigente posta sob polêmica. Em meio a esses desafios, os contextos de mediação dão visibilidade à emergência de um amplo, tenso e complexo processo de subjetivação política nos próprios contextos de comunicação pública da ciência. Quanto a isso, Marques (2017, p. 84) aponta:

Sob esse aspecto, os conflitos morais se acirram quando a linguagem institucionalmente aceita, ou a linguagem autorizada, exclui formulações discursivas de diálogos e negociações, privilegiando aqueles que detém o conhecimento dos códigos e de seus modos de operação prática. Há, dessa forma, um grande escopo de assimetrias no que tange às chances de intervenção dos diferentes públicos organizacionais na produção, validação, regulação e apresentação de mensagens.

Outro ponto, no contexto de ciência, os conflitos morais se acirram quando há uma separação entre público com diploma e público sem diploma. Seguindo a linha de Marques (2017, p. 84), tornando quase impossível dos públicos sem diploma ocupar lugares e ter chances de “[...] intervenção dos diferentes públicos organizacionais na produção, validação, regulação e apresentação de mensagens.”. Além disso, pode-se associar a linguagem institucional como uma linguagem colonial, que exclui outras formulações e cria processos de distanciamento com os públicos marginalizados para acessar os espaços públicos e seus direitos.

Se um processo de inclusão emerge a partir de cenas polêmicas, em meio às quais a irrupção de formas de dizer e de vivenciar os espaços denunciam desigualdades em relação à própria ciência, é interessante perceber que conflitos morais, no âmbito da comunicação pública da ciência, se apresentam de um modo mais complexo: no caso de cientistas e jornalistas, parece haver uma disputa em torno da linguagem institucionalmente aceita, seja nos campos científicos, seja nos campos jornalísticos, e do quanto essa linguagem seria supostamente capaz de

produzir um processo inclusivo em relação ao que se chama de públicos leigos – algo que também precisa ser repensado, como vimos anteriormente. Já no campo que aparece outros atores, como divulgadores (as) independentes, pessoas que divulgam e comunicam ciência, outras questões fazem parte do debate, como a participação dessa pessoa dentro dos contextos de ciência como pesquisadora em formação acadêmica, seus interesses particulares e seu compromisso com a ciência, especialmente nos casos entre pseudociência e desinformação.

Sendo assim, é inegável a demanda por legitimidade de públicos não científicos frente ao próprio fazer da ciência; é também indiscutível a existência de um amplo processo de subjetivação política que luta por inclusão em meio às decisões e à existência do fazer científico, nas sociedades contemporâneas; entretanto, frente às pressões para abertura das instituições científicas e diante de uma demanda por circulação e acesso de públicos não científicos a conhecimentos científicos, parece haver uma outra disputa em campos organizacionais distintos, em torno de suas supostas habilidades para fazer acontecer tal circulação.

Por tudo isso, nesse lugar, um os processos de subjetivação política na busca de uma ciência em comum também emerge em contextos midiáticos frente ao próprio conhecimento circulante, a partir de ferramentas e o biosvirtual que os possibilitam emergir como comunicadores (as) de ciência em esferas públicas, com mesmo e até maior impacto, alcance e extensão que em contextos anteriores que a comunicação se dava somente por meio de mídias tradicionais, com processos territoriais e relação de poder construída e intensificada por um grupo de pessoas dominantes em cada meio e em cada tempo, como descreve Azevedo (2006, p. 89):

Historicamente algumas das características mais notáveis do nosso sistema de mídia permanecem imutáveis: o monopólio familiar e a propriedade cruzada nos meios de comunicação de massa, a pequena diversidade externa do ponto de vista político e o viés conservador, a baixa circulação dos jornais associada ao baixo número de leitores e, como consequência, no campo da grande imprensa, um jornalismo orientado prioritariamente para as elites e permeável à influência dos públicos fortes.

Num cenário de novas mídias, há uma pulverização de meios possuir de instituir gestos midiáticos. Deste modo, o que mais nos chama atenção é que Jônatas aparece pela comunicação pública da ciência com o seu biosvirtual. Ele ganha notoriedade no momento em que ele como ativista começa a criar um processo de interação entre as lógicas científicas que ele está usando para

problematizar um fenômeno que são as peles negras no contexto da dermatologia, mas ele não faz isso apenas com os pares, ele não está construindo a pesquisa dele só no contexto de uma comunicação científica estrita, criando assim um comum e comunidade. Ele está construindo num contexto de comunicação pública da ciência pois ele coloca produtos midiáticos para ser socializada com outros contextos públicos em espaços públicos.

22 Novas práticas, novo comum: uma comunidade

A análise a seguir guiada pelo nosso terceiro objetivo específico: examinar como o ativismo social midiático no contexto de comunicação pública da ciência visa a atualização do comum pelo dissenso. Os indícios foram coletados na data: 20 de junho de 2024; e foram selecionados de modo que pudessem demonstrar as questões teóricas aqui apresentadas, ao mesmo tempo que explora os produtos midiáticos produzidos por Jônatas.

22.1 Trauma racial e os impactos na saúde



Figura 23. Trauma Racial. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CvliCz0pYI4/?img_index=1>.

Legenda:

Nós sabemos que a maioria das doenças psiquiátricas têm componentes multifatoriais e fatores relacionais com ambientes e genéticos. Nesse sentido, o recorte racial não poderia ser ignorado na gênese e manutenção do adoecimento mental, tendo em vista que as instituições perpetuam o sistema racista que molda nossa subjetividade.

O Brasil é um país marcado pela violência coletiva, transversalizada pelo racismo, homofobia e misoginia. Situa o indivíduo em um ambiente ameaçador, ancora-se no corpo, causando sensação de mal-estar, sufoco; impede o direito de ir e vir.

Subjetivamente humilha, envergonha, causa medo; impacta o processo identitário ao estabelecer a branquitude como padrão universal e ao negar qualquer outro referencial; impõe o apagamento de saberes ancestrais sobre a visão cósmica da vida, integrada e respeitosa com a terra, não calcada na exploração.

O trauma tira do neocórtex a capacidade de gerenciar ou de inibir a atividade das outras camadas. Além disso, prejudica os processos de pensamento construtivos, a habilidade de resolução racional de problemas e sua flexibilidade para adaptações. Em estados traumáticos, o sistema límbico permanece superativado e continua a desencadear as reações defensivas de lutar, fugir e congelar – mesmo quando não são mais necessárias.

O trauma estimula o tronco encefálico, colocando-o em um estado de constante ativação. Isso resulta em reações impulsivas e automáticas, que se alternam frequentemente entre hiperexcitação e retraimento ou paralisia.

A questão de raças faz parte da constituição deste país. É uma experiência relacional da violência cotidiana que causa perturbações de ordem biológica, fisiológica, psíquica e de comportamento, e leva o corpo ao estado de contração. É assim direcionada ao sofrimento psíquico frente à desqualificação, ao rebaixamento, ao impedimento de oportunidades.

Os efeitos subjetivos no psiquismo obrigam a pessoa negra a estar em estado de alerta frequente e sem trégua, diante de uma sociedade hostil a sua cor.

Acima os mecanismos de trauma racial.

Referência: A Questão Racial e a Experiência Traumática - Maria Cristina Francisco. Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal.

Este indício instaura um contexto de comunicação pública ao se colocar como comunicador de um tema de interesse público. A imagem de chamada possui uma explicação do tema e suas consequências e o texto é estruturado de modo que contextualiza o tema a ser abordado, seguido do seu posicionamento sobre a negligência da medicina de não considerar a raça ciente de que há em seus

paradigmas a ideia de “as doenças psiquiátricas têm componentes multifatoriais e fatores relacionais com ambientes e genéticos.”. Sua fala a seguir marca o desacordo com o contexto vivido, e então disserta sobre como o racismo afeta a saúde de pessoas negras. No final, é marcado as referências – característica de textos científicos. O texto no geral possui caráter informativo sobre temas científicos, fazendo uma interface entre medicina e psicologia, sendo uma comunicação científica em esferas que simulam esferas públicas.

Estes indícios nos fazem inferir a sua responsabilidade com os produtos midiáticos criados, especialmente por mobilizar temas intelectuais no campo da saúde e no campo das ciências humanas e sociais, pois há ambas em seu enunciado. O produto midiático publiciza um tema de interesse coletivo para as pessoas negras e brancas, abordando uma questão de saúde pública e ao mesmo tempo denunciando a negligência da saúde da população negra. Nesta perspectiva, fica evidente a importância de públicos diversos no campo da comunicação pública da ciência para que a ciência possa ouvir demandas e atualizar suas práticas.

Essa cena de comunicação pública da ciência instaura um gesto de dissenso com a ordem vigente, o que nos lembra a fala de Marques (2017, p. 85):

[...] rupturas com uma ordem discursiva que oferece a cada pessoa seu lugar na ordem das coisas, um lugar atrelado à uma identidade. Ela não é o “reconhecimento de” ou o gesto de “assumir uma identidade”, mas o desligamento, argumentativo e performático, com essa identidade, a produção de um hiato entre a identidade da ordem vigente e uma nova subjetividade política. (Marques, 2017, p. 85)

Isso reforça a reflexão que o campo da comunicação pública da ciência, nos contextos contemporâneos, possibilita a emergência de um amplo e multifacetado processo de subjetivação política oriundos dos gestos dissensuais e estéticos (Marques; Mafra; Martino, 2017). Entendendo que a subjetivação política permite a emergência e demandas por emancipação, autonomia, justiça, produção de gestos dissensuais e estéticos de diversos sujeitos não acadêmicos e acadêmicos nos contextos de comunicação científica em esferas públicas.

22.2 Racismo epistemológico e o epistemicídio



Figura 24. Racismo epistemológico. Fonte: https://www.instagram.com/p/CLXm9GGFftl/?img_index=1.

Legenda:

Boa noite, estudantes

O apagamento de pessoas negras no campo acadêmico e suas discussões raciais tem como nome epistemicídio e racismo epistemológico.

O Brasil mantém um sistema acadêmico profundamente racista. Há grande dificuldade de compreender que as sistemáticas práticas de exclusão de negras/os no espaço acadêmico, seja como corpo docente ou como referencial teórico, são práticas resultantes de uma cultura racista internalizada e largamente reproduzida. A limitação dos debates acerca deste fato revela o quanto as Universidades estão impregnadas da falsa ideia de imparcialidade que nega o racismo.

Por anos, a história e a produção acadêmica foi contada por pessoas brancas, que inclusive usaram do meio científico para justificar o racismo. A ideia que as pessoas estudadas tem poder de argumento ajuda o racismo a ter respaldo científico, ou você acha o apartheid não tinha cientistas? Por ser um poder, o ensino vai ter seu acesso dificultado. Com isso, a monopolização do conhecimento por anos permitiu o controle de narrativas, que mesmo com a inclusão de políticas de cotas raciais. Impedir que pessoas negras adentrem a universidade foi uma estratégia antiga para manter o tópic e a opressão em silêncio.

Dentro da minha realidade na universidade e no curso de medicina, enquanto sujeito que estuda essas dinâmicas raciais, quando abro a boca para trazer esse tema durante as discussões em grupo, não me era incomum ver a maioria deles (coincidentemente brancos) ignorarem a discussão. Minhas falas eram tidas como exagero por parte de uma realidade que eles não vivem e entendem, pois

incumbidos da bolha do seu privilégio, não enxergam a necessidade de se discutir temas. Mimimi ou lacração foram termos pejorativos criados pela branquitude para desvalidar discursos e denúncias raciais que os mesmos cometem. Sem espaço para discutir esses temas, os acadêmicos não são capazes de fazer esses recortes e refletir sobre uma realidade de opressão que reproduzem, e por anos, tópicos de saúde negra são negligenciados. Diante disso, apesar de termos poucos negros médicos formados, muitos deles não sofreram a sensibilização durante sua formação.

Somos silenciados dentro do campo acadêmico, e não valorizam nossa produção tanto sobre racismo como conteúdos curriculares. Nos excluem, montam panelinhas e nos chamam de burros pelas costas. Nos abandonam e deixam diversos colegas caírem de turma (reprovarem) sem o devido questionamento da razão disso acontecer. E quando temos a oportunidade de denunciar esses abusos, somos silenciados. Sendo mais pessoal, uma das grandes razões de trazer meus resumos para o público foi buscar uma valorização externa a minha turma. Muitos usufruíam dos meus materiais, mas poucos sequer agradeciam. Não me viam como ser inteligente produtor de materiais e me limitavam no estereótipo de "bicha negra serelepe e engraçada". Desprezaram e isso muito mexeu com a minha autoestima intelectual. Hoje, entendi que esse processo não era individual, mas de uma realidade coletiva acadêmica. Pois a nossa existência incomoda, nossa inteligência assusta e nossa competência (muito maior que a deles) é invejada.

Este indício tem caráter de denúncia sobre o apagamento de pessoas negras no campo acadêmico, o epistemicídio e racismo epistemológico. O início do seu enunciado denuncia o racismo no Brasil, em seguida, observa como as instituições se omitem em relação ao tema. Jônatas acessa o passado em que a própria ciência utiliza métodos na manutenção da subordinação entre raças.

Para além de se colocar como enunciador de um tema no campo científico que acomete corpos negros, Jônatas conta seu relato de vítima do racismo epistemológico e epistemicídio. Diz que não era escutado, e como suas intervenções eram recebidas pelo grupo, com discursos preconceituosos, piadas, entre outras violências, e o silenciavam. É relatado também que os canais de denúncia silenciam as ocorrências racista feitas por ele.

Deste modo, Jônatas denuncia a instituição ciência, como seu atual sistema contribui para a reprodução do racismo, visto que não há uma intervenção de fato eficiente. Neste gesto organizacional, ele também se apropria das fortes discussões e lutas de grupos nas humanidades – que mesmo sendo fonte de discussão do tema, vive realidades racistas.

Essa cena polêmica relembra a faça de Marques (2017) quando reflete que embora exista a possibilidade de os sujeitos, a partir de seus atos de falas e corporais, interagirem e afetarem os contextos e as esferas públicas em que residem numa sociedade democrática – que pressupõe igualdade, liberdade e livre participação –, os mesmos são constrangidos por sistemas que instituem a ideia de um sujeito universal pelo projeto moderno que oprime as diferenças afetando as experiências realizadas em espaços públicos na relação sujeito instituição. Aqui observamos a emergência de Jônata tensionando a relação de poder que desconsidera pontos importantes em contextos de comunicação pública da ciência.

22.3 Consciência histórica e práticas do colonizador



Figura 25. Onde mora a branquitude latinoamericana?. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CiTBdkCOENC/?img_index=1>.

Legenda:

Não seria de extrema falta de consciência histórica e social - nós, originados à custa de estupro, espoliação e escravidão, que sofreremos as consequência direta desse processo estrutural que criou uma cultura e ciência para justificar e cooptar uma população que se sentiu superior ao ponto de permitir atrocidades contra indivíduos da mesma espécie - lamentarmos e nos compadecermos com a morte de uma monarca? A resposta é a criação do sujeito universal da branquitude. O amefricolatino que lamenta a Morte da Colonizadora Elizabeth II reflete uma

política de embranquecimento da população, isto é, o apagamento de identidades em virtude de um suposto eu universal.

É um raciocínio um pouco complexo. O ser branco é uma enorme contradição. Só se é branco na medida que se nega a própria identidade enquanto branco. Ser branco é atribuir identidade aos outros e não ter identidade, sendo este um traço fundamental da sua própria identidade. Isso fica mais complexo quando pensamos no branco latino-americano, onde o branco tem que reafirmar a sua identidade além de negar.

Uma das consequências diretas é o afastamento do elemento que o torne latinoamericano, incitando propositalmente a falta de consciência, criando-se sujeitos apolíticos. Silvio Almeida diz que, dentro de uma sociedade cheia de contradições, as instituições (racistas) são capazes de assimilar os conflitos, decidindo aquilo que é passível de ser debatido e resolvido e aquilo que fica no silêncio da neutralidade. Quem as detêm, por meio do poder, consegue silenciar problemáticas e reflexões. A ausência de reflexão histórica crítica do processo de colonização associa-se a uma moral - cristã e branca - em que é errado lamentar a morte de alguém, por mais duvidosa que seja sua trajetória na Terra.

A outra é a falsa aproximação com os povos europeus colonizadores. Dentro da centralidade, os brasileiros brancos nunca serão lidos como europeus. Isso mostra que aqui a construção do sujeito branco não é apenas fenotípica, mas cultural e social. Busca-se então desesperadamente uma justificativa ancestral que aproxima essa branquitude da Europa.

Neste produto midiático, um assunto daquele momento, a morte de Elizabeth II, então rainha da Inglaterra, foi gatilho para Jônatas fazer uma reflexão sobre o processo de colonização, nos convidando a pensar a nossa raça nos territórios latino-americanos em contextos de comunicação pública da ciência. E como a falta desta consciência de raça dos corpos brancos na latina américa os afastam de pautas que afetam a vida de milhares de pessoas, sendo assim um sujeito passivo em relação às violências racistas promovidas por instituições e personalidades europeias. Isso fica bem explicado no trecho: “Silvio Almeida diz que, dentro de uma sociedade cheia de contradições, as instituições (racistas) são capazes de assimilar os conflitos, decidindo aquilo que é passível de ser debatido e resolvido e aquilo que fica no silêncio da neutralidade”.

Isto é, qual é o papel dos corpos brancos na luta antirracista? Sua reflexão nos remete a fala de Muniz Sodré (2014, p. 15) quando explica que a “[...] comunicação significa, de fato, em sua radicalidade, o fazer organizativo das mediações imprescindíveis ao comum humano, a resolução aproximativa das

diferenças pertinentes em formas simbólicas.”. Deste modo, nesta comunicação, fica evidente a discussão sobre os sujeitos não serem plenamente estruturados e estruturantes, pois partem de exterioridades vazias, do vazio que é almejado quando se coloca em direção ao outro. Trata-se do que só existe em “relação a” ou quando se “é-com”.

No trecho: “os brasileiros brancos nunca serão lidos como europeus. Isso mostra que aqui a construção do sujeito branco não é apenas fenotípica, mas cultural e social.”, Jônatas chama atenção para um comum ao encontrar uma forma de tornar possível a sociabilidade em qualquer que seja o agrupamento social, como descreve Sodré (2014). Além disso, percebemos na imagem os comentários se identificando com a mensagem, o que o autor explica: o comum, então, possibilitaria a “comunidade” existir.

22.4 Glamourização do curso de medicina e racismo algorítmico



Figura 26. Glamourização do curso de medicina e racismo algorítmico. Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMxmzG1kGP/?img_index=1>.

Legenda:
Bom dia, curso de suturas

Já perceberam que os maiores nomes do Instagram de estudantes de medicina são pessoas brancas, que geralmente vendem uma imagem de perfeição, motivação e produtividade? As razões do alcance desse tipo de conteúdo com pessoas com perfil racial muito específico levam a questionamentos das causas e consequências.

Os algoritmos são construídos para personalizar a sua busca e preferência de conteúdo a você. Contudo, ele trabalha por estereótipos, e as interfaces e sistemas automatizados, tais como plataformas de mídias sociais, podem reforçar e ocultar as dinâmicas racistas das sociedades onde são usados e empregados. Como consequência, rostos de pessoas negras são boicotados de publicidades e possuem menor divulgação de conteúdos positivos, mas isto se inverte quando a visibilidade é negativa. Existe uma hipervisibilidade de pessoas negras quando se trata de resultados negativos.

Contudo, o algoritmo não é racista sozinho. O público consumidor e as empresas que detêm o meio tecnológico são racistas. As empresas patrocinam pessoas brancas e pagam melhor do que pessoas negras. Pessoas brancas entregam conteúdos superficiais e medíocres, mas tem maior impacto e reconhecimento que pessoas negras fazendo uso do seu black excellence.

Se pararmos para pensar que 82% dos estudantes de medicina são brancos e muitos de estratos sociais elevados por uma questão estrutural e elitista do curso, é fácil pensar o porquê desse alcance em comparação com pessoas que falam de saúde de grupos minoritários e de tópicos negligenciados. A branquitude ignora preconceitos que criou com o direito de não se posicionar e transfere a responsabilidade do debate e combate aos preconceitos a quem o sofre.

A venda da glamourização da medicina, exibindo scrubs e ipads caríssimos, produtividades que só existem na realidade privilegiada desses instragramers, romantização de sofrimento e histórias de superação que não passam de meritocracia são os roteiros que alimentam estudantes com realidades parecidas ou vestibulandos iludidos com anos de greys anatomy. Como desfecho temos o apagamento de representatividades e de pautas sociais.

Me conta aqui oq vcs acham 🙌🙌.

Neste produto intitulado “Glamourização Do Curso De Medicina E Racismo Algoritmo”, Jônatas expõe que a maioria dos nomes do Instagram de estudantes de medicina são pessoas brancas, e explica o porquê. De acordo com o então médico, isso ocorre por razões múltiplas. A primeira é o boicote de um algoritmo voltado a favorecer o alcance “orgânico” de corpos brancos, enquanto limite os corpos negros; em seguida as práticas racistas de instituições, empresas e da tendência das pessoas por buscar glamurificar pessoas brancas de características hegemônicas, fruto de desejo. Enquanto as pessoas negras precisam de muito mais esforços para alcançar um espaço, que é retirado pelo racismo.

Ele também destaca o estilo de vida que estes estudantes levam, ostentando acesso a tecnologias, ferramentas, plataformas e dispositivos vendidos como importante para os estudos do curso, criando um imaginário sóciodiscursivo sobre como é a vida de um estudante de medicina, a fetichização da profissão, enquanto “[...] temos o apagamento de representatividades e de pautas sociais.”, como diz Jônatas.

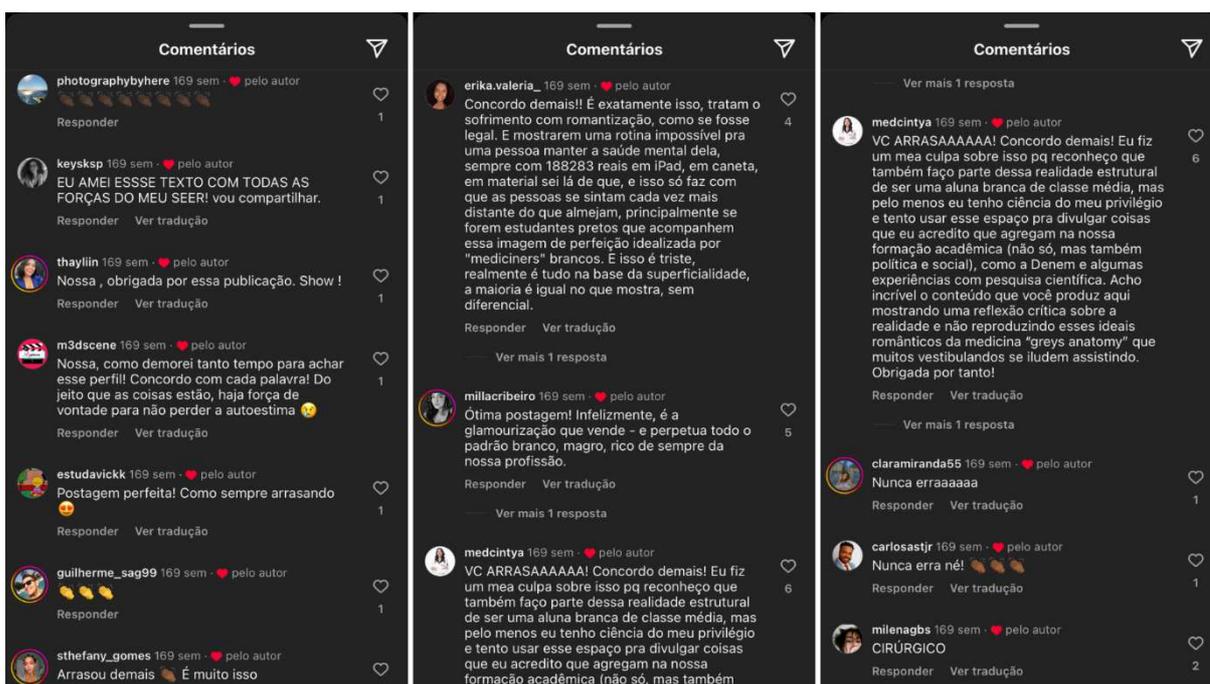


Figura 27. Respostas e comentários do conteúdo “ Glamourização do curso de medicina e racismo algoritmo.” Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMxmzGikGP/?img_index=1>.

Os comentários feitos em sua comunicação são de identificação com o texto, destacando a problemática dos perfis que mostram suas vidas de estudantes de medicina dentro de uma classe social privilegiada, promovendo um certo distanciamento com o elitismo. Os demais comentários parabenizam pelo conteúdo, contam de suas experiências pessoais, que produzem conteúdo sobre estilo de vida no Instagram, mas que também toca em certas pautas, mas não com uma postura de ativista social.

Observar esses comentários, identificações e devolutivas, mostra que Jônatas conseguiu por meio do comum construir uma comunidade de pessoas diversas, desde estudantes, entusiastas das ciências médicas, a perfis diversos. Esse movimento é descrito na obra de Sodré (2014) quando ele elabora que o comum enquanto disposi o ontológica originária não seria o mesmo que a comunidade

plasmada por uma estratégia de subjetivação como ocorre no projeto moderno e na ideologia de sujeito universal. As formas de comunidade se dariam aqui, deste modo, de vários sentidos e que “cada uma delas resulta de uma subjetivação que, por sua vez, instaura um novo comum” (SODRÉ, 2014, p. 203). Isto é, o potencial de contato desta relação é amplo, podendo criar mais comunidades, e mais pessoas aliada às causas que o ativista social abraça.

23 Considerações do capítulo

Neste capítulo, buscamos demonstrar como Jônatas instaura um novo comum por meio de suas práticas em contextos de comunicação pública da ciência com recorte para as ciências médicas, e como essa ambiência é utilizada para denunciar, informar e se relacionar com o público de modo geral.

Suas produções possuem qualidade visual, competência midiática para lidar com as diferentes ferramentas e mídias. Há também qualidade de conteúdo, é perceptível, especialmente nós da área das humanidades, a coerência e o crivo científico das informações passadas. Além disso, sua presença promove latências, dores no corpo que revela que a ciência, instituição contemporânea, continua a reproduzir o projeto moderno, mesmo com o paradoxo da própria ciência criticar, e indicar caminhos para novas práticas, como é o caso das ciências humanas e sociais.

Ao debater estes temas em contextos de saúde da população negra, Jônatas mostra seu potencial em promover contextos de comunicação pública da ciência, fazendo circular temas científicos com as suas experiências como estudante negro das ciências médicas. Seus materiais midiáticos partem do dissenso com a realidade enfrentada no curso e na prática médica, visto o baixo conhecimento histórico sobre raças e como o racismo opera na relação saúde doença das populações negras.

Os temas abordados geram identificação, criam um comum com públicos diversos, resultando em uma comunidade de biosvirtual. Sendo assim, é inegável a demanda por legitimidade de públicos não científicos frente ao próprio fazer da ciência, pois é indiscutível a existência de um amplo processo de subjetivação política que luta por inclusão em meio às decisões e à existência do fazer científico nas sociedades contemporâneas.

24 Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo pautar o campo da comunicação pública da ciência midiaticizado ao buscar compreender como se dá o fazer comunicacional nos contextos atuais, e em que medida isso permite a emergência de sujeitos políticos em torno da verificação de suas próprias igualdades (igualdade de acesso, de recursos, de representatividade). A comunicação pública é um processo de circulação da ciência, que é motivado pela própria ciência (por quem está dentro e fora), não necessariamente passa pelo manuseio de profissionais da área de comunicação – como a divulgação científica, que traz uma pretensão de uma instituição ou profissional.

A comunicação pública da ciência mostra a relação da sociedade, cientistas e não cientistas, num processo de relação com os conhecimentos cientificamente produzidos. O contexto midiaticizado é um terreno propulsor destas emergências, visto que o uso das mídias em consonância com as competências midiáticas de Jônatas proporciona uma discussão em dimensão estética ao revelar historicidades e latências ao ponto de provocar uma ação de atualização da prática científica em uma abertura de um horizonte histórico moderno que provoca a intensificação de passados num contexto de comunicação pública da ciência.

Para discussões futuras, levando em consideração a linha de raciocínio que pensa a comunicação pública da ciência como um campo interacional que não necessariamente possui centralidade na própria ciência, precisam se amparar em referenciais teóricos sobre decolonialidade, para tentar refletir sobre a comunicação da ciência e políticas científicas, uma vez que esta tem aparecido como uma demanda para que a ciência possa se atualizar e reduzir desigualdades.

Para isso, perceber as movimentações diante do fenômeno foi rica ao ponto de fornecer indícios capazes de colocar em um pôster os contextos sociais para que possamos repensá-los, ou rever, ou problematizar. Entendendo, então, que os sujeitos são integrantes em pontos de contatos que são feitos entre as pessoas pertencentes ao contexto ciência, tais pontos são fortes e permitem maior relação e leitura de realidades, além de serem também capazes de gerar mudança no percurso do tempo pelo o espaço. Nisso, comecei a questionar se a ciência somente poderia ser feita entre as cercas institucionais? Para acreditar que sim, é preciso pensar que a "argumentação científica" se parece a uma estrutura que possibilita

gerar insumos para análises e usos diversos, sendo assim o tipo de conhecimento gerado a partir de um modelo de raciocínio, diferente da ciência instituição que diz sobre as organizações de cada tempo. As argumentações seguem cada uma ou mais linhas de pesquisas, mobiliza as argumentações científicas a partir das suas premissas, visões de mundo, filosofias, e se encontram diante dos normativos propostos pelo Estado que estabelece quem pode fazer parte da ciência.

Na série documental *Seleção Artificial* produzida pela Netflix³⁶, é narrado o dilema que o campo da engenharia genética se encontra. Descrever os últimos avanços do setor, e o que está acontecendo no momento. Isso pode gerar vários problemas impensáveis quando se fala da prática de engenharia genética que não possui uma pessoa ou organização como responsável. Os responsáveis pagam mesmo pelo que ocorre pelos seus procedimentos. Um laboratório que abre de forma privada, não seria essa uma prática científica não vinculada à ciência estatal? Além dos desafios e de horizontes desconhecidos e sem precedentes, existe o lado da aproximação da decisão popular nas práticas científicas da região. Deste modo, a ciência divide espaço com a cultura, com as crenças, com o apego, o afeto, os conjuntos de valores, a estrutura de pensamento daquela pessoa, seu senso crítico. E é preciso de uma grande negociação neste aspecto o que torna os processos mais democráticos com participação de públicos diversos e visões e filosofias de vida diversas.

Estas visões e filosofias não enfraquecem o processo, na verdade gera pontos e contextos de dissenso e de consensos. De debate de pautas, de pedido de ajuda, de uma chamada para olhar para aquela realidade que também simultaneamente vive com outras realidades – algumas mais privilegiadas, outras com vantagens de desfrutar de uma relação de ganha-ganha ou não com a ciência. Visto que esse modelo argumentativo passou por diferentes bases filosóficas. Algumas com muita propriedade e qualidade capaz de gerar desenvolvimento social positivo em contextos, outras sem condições alguma de desfrutar da famosa qualificação profissional capaz de reduzir desigualdades nas classes sociais. Porque o estudo virou o capital intelectual, a métrica de avaliação para acesso aos meios de produção, como ao capital financeiro, estilo e qualidade de vida. Corpos que mereciam estes pontos, e corpos abjetos.

³⁶ Na série documental fala sobre a erradicação de doenças à escolha das características do bebê, a edição genética permite alterar a biologia humana. Saiba quem são os cientistas por trás de tudo isso.

A ciência é feita também a partir de contextos culturais, e muitas vezes flexibilizada para atender aos interesses dos/as participantes. Ainda está fresco na memória a violência obstétrica que as mulheres eram submetidas devido a percepções antigas e ainda atuais de que mulheres negras aguentam mais dor que outras mulheres. Podemos citar, como exemplo, a ideologia da supremacia da raça branca, principalmente disseminada ao longo dos séculos XIII e XIV, quando diversos cientistas tentavam justificar a sociedade pelas características fisiológicas e genéticas de certos grupos, e o determinismo biológico, forte corrente de pensamento e estudos que trouxe crenças que são reproduzidas até os dias de hoje dentro e fora das organizações. Para além disso, pode-se pensar também como que a ciência hoje num contexto de bios midiático, num contexto de midiatização intensificada, como a ciência faz para aparecer, como ela se comunica? Essa pergunta não tem juízo de valor, não é intenção do trabalho dizer o que é uma boa comunicação, ou uma má comunicação, não queremos criar nenhuma norma, mas olhar para esse fenômeno, especialmente pela ótica dos gestos dissensuais que emergem no campo das organizações produtoras de ciências e políticas científicas.

Deste modo, as subjetivações políticas são capazes de gerar cenas polêmicas em relação à prática científica das organizações ou dos sujeitos que as reproduzem em suas vidas cotidianas. Questionar o porquê de ainda existir questões de gênero, raça e diferenças em ambiente acadêmico/científico. Denunciar as violências silenciosas que ocorrem quando há mobilização da esfera social ao seu redor. Neste ritmo, se torna prescindível observar as emergências de subjetivações, as cenas polêmicas e o que estas indicam revelar, ou possibilita ler daquela realidade e daquele tempo. Fica interessante pensar a ciência, depois dessa reflexão, como um dado cultural. A ciência ganha picos de interesses de outras organizações ou de agrupamento sociais de acordo com a sucessão de fatos que ocorrem naquele período de tempo e naquela região de presença. Isso desmonta a sensação de algo pronto, feito, incapaz de precisar ser sempre revisitado, tanto para verificar os alinhamentos sociais com as suas práticas, como também para questionar o próprio trabalho da pessoa cientista, recursos, leituras e afirmações. Um grande exemplo para se pensar a ciência como cultura de um determinado povo realizada em determinados tempos.

Trabalhar na ciência também dá trabalho e se não falassem sobre a profissionalização desse campo seria uma perda grande para todos sujeitos numa

sociedade e também organizações e ambientes físicos. Isso força por exemplo seguir os padrões normativos de produção das organizações estatais que gerem essas práticas, com suas intenções, disposição de investimentos em determinados campos, e silenciamento pela negligência de outros campos considerados "improdutivos", ou que não gerem recursos para exploração e produção de empresas. O que também indica necessidade de revisão das métricas de análise de impacto científico na sociedade.

Assim como os engenheiros genéticos atuam num cômodo de suas casas, outros sujeitos apontam para as práticas científicas e as confrontam. De algum modo como ativistas, ou como somente pessoa que participa da organização e utiliza as dinâmicas da argumentação científica para produzir seus pensamentos a fim de atualizar o senso comum que nem sempre será um movimento de entrega de um material de pesquisa, mas às vezes um desabafo, ou um conjunto de produtos midiáticos capaz de circular a ideia posta como demanda – por isso interessante pensar em ativismo social, pessoas que se movem em prol de pautas sociais, climáticas, políticas ao mesmo tempo que são ricos materiais de pesquisa visto seu potencial de descobrir contextos não vistos ou encobertos.

Ainda sobre o tópico anterior, houve uma grande força que colocava como antagônicos o senso comum da argumentação científica. Um se baseava em ditos soltos aos ventos, enquanto o outro utilizava métodos para enfim chegar a uma posição em relação a algo ou alguém. A ciência é a força necessária para atualizar o senso comum. Visto que o senso comum é o que todos vivem em suas vidas ordinárias. Por exemplo, decidir tomar ou não um remédio para determinado organismo, ter melhor qualidade de vida na escolha de alimentos, e até conhecimentos para dominar ferramentas e elementos do mundo material. Diferente da fé, que fora de hipótese poderia ser base filosófica para determinar modos comuns a todos e todas em suas vidas ordinárias, relações com pessoas, relação com o mundo biológico, material, cultural e político. A fé somente pode ser sobre ações de um indivíduo para ele mesmo, ou em dinâmicas com sua comunidade.

Nessa linha surge o dilema, como poderia a ciência atualizar o senso comum e lidar com modelos de fé e culturas para enfim promover alguma mudança baseada em estudos sólidos que não desconsidere as subjetivações políticas, as historicidades e as diferenças? E também surge outro: como a ciência poderia fazer parte da vida cotidiana a ponto de atualizar seus repertórios? Como a ciência cria

comunidades e interage com as demais comunidades, crenças, culturas, etnias, entre diferentes grupos sociais? Nessa linha, pode-se até questionar os modelos de comunidade científicas e as dimensões das suas relações. Além de demais perguntas, como o que é comum a ser/estar cientista? A resposta longa se encontra bem estruturadas ao longo desse texto, e a resposta curta seria: mais espaços públicos para promover relações, espaços relacionais sociais, vínculos, criar memórias, afetos, confortos e desconfortos, consensos e dissensos; e mais pessoas fazendo parte da ciência e levando suas subjetivações a fonte responsável de produção de conhecimento da humanidade, tendo então a organização vivenciada, percebida e experienciado. Essas experiências farão parte da sua identidade, e das suas afetações oriundas de momentos interacionais, das suas tomadas de decisões e das suas produções de práticas sociais e de enunciados discursivos.

Entender que o sujeito precisaria estar em estado de simultaneidade em que se apresenta como membro de formação da organização, e como membro de uma comunidade, como sujeito cheio de subjetivações que transbordam seu eu na profissionalização ou formação. O que nos inclina a pensar a comunicação pública da ciência a partir de temporalidades e da modernidade, e quais foram os caminhos que a ciência levou até o que conhecemos hoje? As ridicularizações em público dos cientistas, o que gera um fechamento destes para espaços públicos e torna a relação mais desgastada, polêmica e tensa com demais atores e tipos de mídia. A forma como a ciência se apresenta como organização moderna gera dilemas dos erros de cálculo da modernidade, da injustiça, da subordinação de classe, raças e gênero, do uso da ciência para militarização, e tecnologias do mercado. Deste modo, quem decide o que é ciência, o que é importante e interessante para divulgar? Neste contexto, vale ressaltar como as diferenças, a estética e o corpo “estranho”, que não faz parte do modelo de sujeito universal é visto, e como suas latências são resultado do erro de cálculo da modernidade, visto que a ciência recebe toda função de salvar a humanidade, entretanto, a ciência é uma instituição moderna e como organização que se alinha aos valores e dinâmicas da modernidade, está e se vê diante constantemente de contradições, paradoxos, paradigmas, erros de cálculos.

No Brasil, marcos históricos ocorrerem para atingir a ampliação da participação de vários grupos e sujeitos na sociedade a instituição ciência como pessoa em processo de formação para recolocação social e entrega de uma

(suposta) qualidade de vida em troca da sua força de trabalho. Neste sentido, é possível acreditar que a modernidade falida ainda conseguiria salvar a ciência? Os critérios modernos de “entender” falam de um ser moderno, idealizado, e como esse ideal não existe, usam o discurso para justificar uma ferida moderna da relação entre ciência e sociedade.

A implementação de cotas no país trouxe mudanças significativas na dinâmica de produção e divulgação de conhecimento, embora de forma modesta em termos de reparação histórica. Essa dinâmica política abriu espaços antes inacessíveis para indivíduos com histórias, contextos profissionais, processos de marginalização, desafios psicológicos e traumas. Agora, esses indivíduos fazem parte do ambiente universitário e da organização científica, trazendo suas experiências e perspectivas, o que irá promover cenas polêmicas com as práticas de conhecimento e apagamento histórico.

Nisso, as ciências humanas entram como segundo fato na vida social contemporânea. Isto porque estes estudos colocam em circulação conhecimentos que antes não tinham espaço institucional, nem existiam. O contexto histórico que os cursos de humanas começaram a surgir, a política do Reuni e da Capes de fortalecer todas as áreas de conhecimento foi um ponto de partida pelas vistas democráticas. Observar o modo como Jônatas mobiliza conhecimentos das humanidades nos faz pensar em trabalhos futuros que busquem

Há uma questão das ciências humanas que vai para além da divulgação, que é a circulação pública das ciências humanas. Isto porque estes estudos colocam em circulação conhecimentos que antes não tinham espaço institucional, nem existiam. O que parece é que as ciências humanas ao colocar em circulação um tipo de saber sociohistórico, que questiona a epistemologia e o método científico, atualizando os lugares de poder, as experiências nas esferas públicas. Isso é, a rede de relacionamentos dos indivíduos dentro que se empenham nesse campo de estudo inevitavelmente serão afetadas por seus estudos, problematizações, novas investigações, guiadas pela pergunta: como se faz divulgação científica das ciências humanas? O que é fazer divulgação científica? E como podemos analisar os meios que produzem comunicação sobre ciência das humanidades?

Nesse contexto, destaco a importância da categoria racial na comunicação pública da ciência. A presença de novos indivíduos nas instituições científicas afetará os processos de produção e comunicação. Políticas públicas voltadas ao

combate ao racismo e à promoção da igualdade social devem se intensificar. A presença de indivíduos com identidades raciais diferentes influencia a escolha de temas de estudo, levando a ciência a refletir sobre como deve se atualizar e romper com ideologias do projeto moderno.

A identidade racial envolve tanto a auto-observação quanto a observação por outros, criando espaços para que esses indivíduos se realizem como sujeitos políticos, emancipados e com autonomia de direitos. É necessário garantir os direitos humanos, abordando políticas de equidade e justiça, abordando micro e macroviolências raciais que são denunciadas pelo ativista social.

Além de discutir ciência através da questão racial, também é importante considerar como as instituições lidarão com a presença de indivíduos como Jônatas, que a partir de suas intelectualidades e competências promove cenários com uma discussão enriquecedora. A ciência, vista sob uma lógica moderna, torna-se um espaço relacional onde a comunicação pública da ciência permite afetar e envolver as pessoas no sistema de produção de conhecimento em contextos.

Estes grandes fatos, entre outros, afetaram a comunicação pública da ciência tornando um espaço de historicidades das formas comunicacionais. Isto é, a própria comunicação pública da ciência fora afetada por historicidades, que por consequência também afeta as instituições científicas. Primeiro a epistemologia da ciência. Nisso, em que medida a própria epistemologia da ciência é feita sociohistoricamente por corpos? Segundo, discute a própria organização científica – quem está na ciência? quais são estes corpos? Quais são os corpos fantasmas que passam a existir com presente, passado e futuro? E o terceiro, o questionamento da própria prática científica de uma área de conhecimento – iniciativas que tenho percebido contemporaneamente, o estudo de medicina de Londres, o estudante brasileiro, blogs, quem faz os conhecimentos institucionais e quem faz os conhecimento em periferias. Nesse raciocínio podemos questionar como a comunicação pública da ciência contemporânea afetada por processos de midiaticização tem permitido e possibilitado a decolonização da própria ciência – epistemológico, institucional e do próprio método, levantando questões: i) a comunicação pública como processo de circulação amplo que tem colaborado para o processo de decolonização da própria ciência e em que medida este processo está ocorrendo; ii) como que a comunicação pública da ciência a partir da movimentação de públicos em processos midiaticizados tem colaborado para um

debate (ou atualiza o debate) de decolonização da própria ciência?; iii) o tensionamento da própria ciência em relação ao senso comum e quais práticas são organizadas a fim de atualizar o senso comum? iv) um olhar para a filosofia da ciência nas mídias, o que aparece, o que não aparece; v) a emergência do lugar sociohistórico, como que a comunicação pública é um lugar de historicidades das formas comunicacionais? vi) como que estas historicidades das formas comunicacionais tensionando a própria ciência vão atualizar o questionamento sobre as instituições/organização científicas modernas – tensionamento que busca incluir políticas de reparação, quem está no poder, como a ciência vai produzir seus métodos a ciência de modo amplo: conhecimento científico e senso comum, com foco em seus aspectos filosófico, epistemológico, a emergência do lugar sociohistórico da ciência, das historicidades, a ferida, movimentos de decoloniedade e a atualização: a reparação nas instituições científicas.

A comunicação pública da ciência é entendida como um processo de circulação de conhecimento que pode ser motivado tanto pela ciência quanto por aqueles fora de suas instituições. Com a digitalização, surgem novos espaços de inclusão, embora essa inclusão não ocorra necessariamente por meio de processos tradicionais ou estratégias de comunicação pública da ciência. As instituições científicas nem sempre são a fonte primária do fluxo de conhecimento, papel que também pode ser reforçado pelos próprios indivíduos, que, ao receberem conhecimento científico, têm o potencial de tensioná-lo conforme se sintam ou não incluídos.

Silva (2015) explora o cenário da comunicação pública da ciência e observa que arranjos discursivos midiáticos, especialmente quando emanam de instituições científicas, tendem a criar posicionamentos e espaços predeterminados para os sujeitos, ignorando sua autonomia política. Esta abordagem destaca temas relevantes para a ciência que podem não estar institucionalizados, ampliando o leque de tópicos abordados, neste caso das historicidades. Deste modo, faz interessante pensar como a ciência neste sentido, como organização moderna, se posiciona frente a esse movimento de decolonização, encara o passado, e a presença dela mesma fora dos contextos institucionais? Como esse conhecimento poderia ser percebido, e quais os próximos passos que a ciência como instituição poderia dar? Atualizando também práticas do mercado e estado. A mudança viria junta de demais esforços, que não param somente na ciência atualizando seu

portfólio, mas que também é uma forma de fortalecer a luta, conscientizar pessoas e fazer com que elas enfrentem as estruturas modernas para buscar por uma ruptura frente ao projeto moderno.

O contexto midiático impulsionou essas emergências, pois o uso das mídias em consonância com as competências midiáticas de indivíduos como Jonatas provoca uma discussão estética, atualizando a prática científica e abrindo um horizonte histórico moderno que intensifica passados no contexto da comunicação pública da ciência. A midiática da vida atual é um reflexo da perspectiva digital que tem sido utilizada como campo de emergências para provocar e fissuras decoloniais pelos contextos de comunicação pública da ciência. Nisso, podemos refletir e problematizar o lugar da decolonialidade da ciência, como que a decolonialidade provoca uma abertura no tempo, uma intensificação de passados pela estética. uma discussão que se produz a partir de efeitos de presença? Pois a presença de um estudante negro que não vê sua população representada nas bibliografias da medicina, e apresentando uma cartilha para atualização desse conhecimento é o que provoca a abertura de passados, e coloca a ciência - organização moderna - num acerto de contas com as suas próprias historicidades. Assim, podemos ver como a emergência pública de um estudante negro que atualiza a prática científica provoca a abertura de um horizonte histórico e como que denuncia o processo de fechamento de horizonte histórico moderno ao longo da sua existência na ciência, e pensar: como a atualização da ciência se dá num jogo organizacional, entre sociedades científicas, instituição, Estado e mercado; como a comunicação organizacional surge como mecanismo para explicar este fenômeno e como que a decolonialidade é um dado do contemporâneo que visa atualizar a própria ciência.

Como conclusão, percebemos que as ciências humanas tematizam questões muito importantes que hoje circulam e acabam afetando outras ciências. Dentro destas questões destacamos os debates sobre gênero, sexualidade, modernidade e sobre racialidade. E o trabalho de Jônatas no contexto de comunicação pública da ciência amplifica debates sobre competências midiáticas e as suas potencialidades para produzir presença, emancipação e autonomia dos sujeitos frente aos sistemas de relação de comunicação social. As competências midiáticas são visíveis em suas mídias de base que centralizam a produção de conteúdos, é possível perceber que Jônatas se produz enquanto intelectual no contexto midiático, seguindo os

parâmetros e protocolos científicos básicos e promovendo ampliação e circulação de enfrentamentos, principalmente da população negra frente a medicina e as associações médicas, universidades e instituições.

O trabalho de Jônatas se mostra fundamental para trazer a medicina para o centro do debate no contexto de comunicação pública da ciência. Ao trazer a medicina como foco de discussão, Jônatas causa uma abertura no tempo, e sua presença, aparências nestes contextos é um gesto de historicidades, das feridas e violências históricas e da colonização. No capítulo dois, estes indícios que conecta o campo médico ao campo colonial, e as evidências da colonização que aparecem na ciência médica em relação às pessoas negras, serão essenciais para discutir a historicização da ferida colonial, e como estas historicidades das formas comunicacionais têm tensionado a própria ciência para atualizar o questionamento sobre as instituições/organizações científicas modernas, e no terceiro como a comunicação pública da ciência a partir da movimentação de públicos em processos mediatizados tem provocado uma espécie de abertura no tempo e de acesso aos passados num movimento para uma atualização de um campo do saber que resulta em demandas para ampliação de um debate e de uma luta decolonial e criação de um novo comum e de comunidades em contextos de biosvirtual.

Ademais, ressaltamos novamente o contexto de cotas no Brasil que alterou significativamente as conjunturas a seguir, ainda que muito ínfimas do ponto de vista da reparação histórica. A iniciativa coloca corpos e instituições em ambientes em que antes eram limitados a eles. Estes corpos trazem historicidades, presenças, lugares, profissões, processos de periferização, de marginalização, dilemas psíquicos, traumas, feridas que chegam no contexto das universidades, da organização científica. A literacia midiática nos aparece como ferramenta basilar para identificação destes fenômenos mediatizados, uma vez que nos direciona a buscar e avaliar os modos de relacionamentos contemporâneos para com as mídias. Conectando todas as discussões feitas, aposto em tópicos futuros que com questionamentos importantes para a continuação pública da ciência, tais como:

- I. Como a comunicação pública da ciência contemporaneamente afetada por processos de mediatização tem permitido e possibilitado a decolonização da própria ciência – epistemológica, institucional e do próprio método?

- II. Como estas historicidades das formas comunicacionais tensionando a própria ciência vão atualizar o questionamento sobre as instituições/organizações científicas modernas (tensionamento que busca incluir políticas de reparação, quem está no poder, como a ciência vai produzir seus métodos)?
- III. Como a comunicação pública da ciência a partir da movimentação de públicos em processos midiáticos tem colaborado para um debate (ou atualiza o debate) de decolonização da própria ciência?
- IV. Como o ativismo social midiático no contexto de comunicação pública da ciência visa produzir um gesto dissensual no campo das organizações produtoras de ciências e políticas científicas?

Nesta linha analítica, proponho também para trabalhos futuros um esforço que se debruçasse em compreender a relação heterogênea entre diferentes formas de criação de significados num determinado produto de mídia ou entre diferentes tipos de mídia. Esta é não somente a área de pesquisa dos estudos intermediários/intermedialidade, como também uma forma de compreender e problematizar o novo contexto midiático que possibilita emergência de comunicadores/as científicos autônomos – pessoas que comunicam ciência fora das fronteiras das mídias convencionais e de instituições de ensino e centro de pesquisas.

Com isso, o esforço seria em explorar os estudos intermediários em relação com a literacia midiática, e como os contextos atuais de comunicação multimodal e de intermedialidade potencializam a produção de presença, conceituada por Hans Ulrich Gumbrecht (2010). Acredito que essa seria uma abordagem interessante para ajudar a refletir ou mesmo responder a fenômenos atuais e desafios sociais, principalmente aqueles que tange meu foco de pesquisa: comunicação pública da ciência. Isso porque devemos estar conscientes que a nossa presença ocorre num contexto intermediário, e por isso é interessante a compreensão das possíveis formulações do que é intermedialidade, para que possamos comunicar, relacionar, entendendo as potencialidades que cada contato (signo) em cada meio de mediação (veículo). Essa não é uma tentativa de diminuir ruídos ou evitar dissensos, mas explorar o que essa compreensão pode trazer para a prática social, que vai ser diferente em cada indivíduo, espaço e contexto. No campo da comunicação pública da ciência, isso significa uma apropriação de outros signos

(por exemplo, levar a discussão de decoloniedade da ciência da internet para os livros acadêmicos), mas não só, abre também brechas e autonomias para os indivíduos que se apropriam destas noções frente aos sistemas (ideologias, racismo, contextos) e contatos mediados (veículos) que se colocam diante.

Para finalizar, acredito que pautar estas discussões frente a comunicação da ciência contemporânea midiaticizada, pode nos ajudar a pensar em outras práticas que leva a experiência estética, a subjetivação políticas, as historicidades, as emergências e dissenso, e os espaços públicos como questões a serem pensadas para atualizar as práticas comunicacionais de instituições de pesquisa e das organizações produtoras de políticas científicas. Ademais, acredito que esta pesquisa poderá contribuir ao campo, visto que faz reflexões e aproximações teóricas como novidade ao campo da comunicação pública da ciência.

25 Referências

- Abreu, Jean Luiz Neves. **A Colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das 'luzes' e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa.** História, Ciências, Saúde– Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.761-778, jul.-set. 2007.
- Adelekun A, Onyekaba G, Lipoff JB. **Cor da pele em livros didáticos de dermatologia: avaliação e análise atualizadas.** J Am Acad Dermatol . 2021;84(1):194–196.
- Araújo, Emily Gonzaga de. **Memórias midiaticizadas: percepções sobre ciência reconfiguradas a partir do consumo midiático.** 2011.
- Benjamin, Walter. **Sobre o conceito de história.** In: Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.
- Bevernage, Berber. **Caminhos Para a Teoria Da História Filosofia Das Historicidades e a Questão Da Justiça Histórica.** Vol. 3, Editora Milfontes, 2020.
- Bogo, Meg Dias. **Por uma crítica das políticas de tempo: repensando as temporalidades históricas.** EXPEDIÇÕES MORRINHOS, 13: 187-192 FEV. 2022. DOI: https://doi.org/10.31668/revista_geth.v14iFluxoCont.12351.
- Borges, Gabriela; Silva, Márcia Barbosa. **Apresentação.** In: Borges, Gabriela; Silva, Márcia Barbosa da (Orgs.). **Competências midiáticas em cenários brasileiros: interfaces entre comunicação, educação e artes.** Juiz de Fora: Editora da UFJF, p. 13–28, 2019.
- Braga, Eduardo Cardoso. **A interatividade e a construção do sentido no ciberespaço.** In: LEÃO, Lúcia (Org.). O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Editora SENAC, 2005. p. 124-131.
- Braga, José Luiz et al. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade.** Eduepb, 2017.
- Braga, José Luiz. **Aprendizagem versus educação na sociedade mediatizada.** Encontro Anual Da Associação Nacional De Programas De Pós-Graduação Em Comunicação, COMPÓS, v. 10, 2001.
- Braga, José Luiz. **Comunicação, disciplina indiciária.** MATRIZes, 1(2), 73-88, 2008.
- Braga, José Luiz. **O que é comunicação?.** LÍBERO, n. 38, p. 15-20, 2016.
- Bruhn, J., & Schirmacher, B. 2022. **Intermedial Studies: An Introduction to Meaning Across Media.** Routledge. Clüver, C. 2006. Inter textus / inter artes / inter media. Aletria 14(1): 11-41.

Bueno, Chris. **Divulgação científica: produzindo notícia, produzindo ciência**. São Paulo: Saraiva, 2013.

Butler, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

Carvalho, Valéria. **Ações afirmativas transformam universidades e institutos federais**. [Entrevista concedida à] Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), 2022. Acessado em <<https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/acoes-afirmativas-transformam-universidades-e-institutos-federais>>.

Castelfranchi, Yuri et al. **As opiniões dos brasileiros sobre ciência e tecnologia: o ‘paradoxo’ da relação entre informação e atitudes**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, supl., nov. 2013, p.1163-1183.

Da Rocha, Bernardo Abbad. **Twitter: Mídiação e Plataformização. Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos Sociais**. v. 1, n. 4, 2020.

Da Silva, Henrique César et al. **Efeito-leitor de ciência: a textualização e circulação da ciência em folders sobre transgênicos**. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 15, n. 1, p. 219-232, 2015.

De Brito Furquim, Carlos Henrique et al. **O que você faz com os seus privilégios?: Entrevista com Duda Salabert**. Cadernos de Gênero e Diversidade, v. 5, n. 1, p. 35-43, 2019.

De Lima Sousa, Renata; Vieira, Ivânia Maria Carneiro. **O debate on-line sobre a ética na ciência no caso He Jiankui: oportunidades, limites e desafios da popularização da ciência¹**.

Dewey, John. **“Tendo uma experiência”**. In: LEME, Murilo Otávio Rodrigues Paes. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 89-105.

Fagundes, Vanessa Oliveira. **Blogs de ciência: comunicação, participação e as rachaduras na Torre de Marfim**. 2013. Tese de Doutorado. [sn].

Ferrés, Joan; Piscitelli, Alejandro. **Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores**. Lumina, v. 9, n. 1, 2015.

Fredrich, Vanessa Cristine Ribeiro *et al.* **Percepção de racismo vivenciado por estudantes negros em cursos de Medicina no Brasil: uma revisão integrativa da literatura**. Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. 26, p. e210677, 2022.

Frías-guzmán, Maylin. **Tendencias de la multialfabetización en los albores del siglo XXI: alfabetización mediática e informacional (AMI) como propuesta integradora**. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 20, p. 15-34, 2015.

Gumbrecht, Hans Ulrich. **Depois de 1945: latência como origem do presente**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

Gumbrecht, Hans Ulrich. **Materialidades/o Não hermenêutico/Presença: relatório anedótico de mudanças epistemológicas**. In: Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir. Contraponto, 2010. P.21-42 e P.75-117.

Gumbrecht, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente**. Revista Redescições – Revista on-line do GT de Pragmatismo Ano 3, Número 4, 2012.

Jones, C. P. **Confronting institutionalized racism**. Phylon, Atlanta v. 50, n. 1, p. 7-22, 2002.

Kodama, Kaori. **Tornar a ciência popular Figuer nos jornais e revistas do Brasil (1850-1870)**. Varia Historia, v. 34, p. 601-636, 2018.

Loiola, Catarina. **Estudante da UnB cria “cartilhas” que empoderam população preta e LGBTQIA+**. Jornal Metrópolis. Online. 2021. Acesso em junho de 2024. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/estudante-da-unb-cria-cartilhas-que-empoderam-populacao-preta-e-lgbtqia>>.

Mafra, Rennan Lanna Martins. **As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente**. Logos, v. 28, n. 3, p. 89, 2021.

Mafra, Rennan Lanna Martins. **Comunicação interna como encruzilhada biopolítica: historicidades, latência e melancolia**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 30, p. 1-12, jan.-dez. 2023 | e-43025. DOI: <https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2023.1.43025>.

Mafra, Rennan. **Vestígios da dengue no anúncio e no jornal: dimensões acontecimentais e formas de experiência pública na (da) cidade**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. pp 96 -111.

Marques, Ângela. **Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 22, p. 25-39, dez. 2011.

Marques, Ângela; Mafra, Rennan; Martino, Luís Mauro. **Um outro olhar sobre a comunicação pública: a constituição discursiva de sujeitos políticos no âmbito das organizações**. Revista Dispositiva, v. 6, n. 9, 2017, pp. 76-92.

Matos, Eurico Oliveira; Dourado, Tatiana Maria; Mesquita, Pedro. **@ dilmabr NO IMPEACHMENT: Uma análise das estratégias de comunicação política de Dilma Rousseff no Twitter**. Comunicação & Sociedade, v. 39, n. 3, p. 61-77, 2017.

Miguel, Luis Felipe e Biroli, Flávia (org). **Teoria política feminista. Textos centrais**. Niterói (RJ): Editora da UFF, Editora Horizonte, 2013.

Mihalidis, Paul. **The 5A's of media literacy: a normative model for the emerging citizen**. In: MIHAILIDIS, Paul. Media literacy and the emerging citizen: Youth, engagement and participation in digital culture. Berna: Peter Lang, p. 126–148, 2014.

Motta-roth, Désirée; Scherer, Anelise Scotti. **Expansão e contração dialógica na mídia: intertextualidade entre ciência, educação e jornalismo**. DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 28, p. 639-672, 2012.

Mouffe, Chantal. **Feminismo, cidadania e política democrática radical**. In: MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia (org). Teoria política feminista. Textos centrais. Niterói (RJ): Editora da UFF, Editora Horizonte, 2013.

Mueller, Suzana Pinheiro Machado; Caribé, Rita de Cássia do Vale. **Comunicação científica para o público leigo: breve histórico**. 2010.

Nicolazzi, Fernando. **Os historiadores e seus públicos: regimes historiográficos, recepção da história e história pública**. Revista História Hoje, v. 8, n. 15, p. 203-222, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v8i15.525>.

Oliveira, Jairo Venício Carvalhais. **Análise Enunciativa do Discurso de Divulgação Científica na Mídia Impressa**. In: E-hum Revista Científica, vol. 11, n.º 1, Janeiro/Julho de 2018.

Oliveira, Thaianne et al. **Altimetria e impacto social da ciência na área de Comunicação e Informação: uma pesquisa multidimensional sobre a circulação da produção científica brasileira em sites de redes sociais**. Ciência da Informação, v. 48, n. 3, 2019.

Paterman, Carole. **Críticas feministas à dicotomia público/privado**. In: MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flávia (org). Teoria política feminista. Textos centrais. Niterói (RJ): Editora da UFF, Editora Horizonte, 2013.

Perdigão, L. **Ilustrações médicas de pessoas negras buscam igualdade racial na saúde**. Metrôpoles. Web. 2023. Acesso em: março de 2024. Disponível em [Ilustrações médicas de pessoas negras buscam igualdade racial na saúde | Metrôpoles](#).

Pereira, M. A. **Internet e mobilização política- os movimentos sociais na era digital**. In: ENCONTRO DA COMPOLÍTICA, 4., 2011, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/03/Marcus-Abilio.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

Peruzzo, C. M. K. **Representações dos movimentos populares na mídia e como eles se representam: visibilidade pública e perspectivas cívicas**. Conexão-Comunicação e Cultura, v. 14, n. 28, p. 31-49, 2015.

Pfeufer, A. **Under-representation of darker skin in medical illustrations is unhealthy**. Exposure. Reino Unido. Web. 2022. Acesso em: março de 2024. Disponível em: <https://exposure.org.uk/young_peoples_work/under-representation-of-darker-skin-in-medical-illustrations-is-unhealthy/>.

Polino, Carmelo; Castelfranchi, Yuri. **Percepción pública de la ciencia en Iberoamérica. Evidencias y desafíos de la agenda a corto plazo**. Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad-CTS, v. 14, n. 42, p. 115-136, 2019.

Rancièrre, Jacques. **In what time do we live?** Política Común, v.4, 2013.

Recuero, Raquel da Cunha. **Redes Sociais no Ciberespaço: Uma proposta de Estudo**. Trabalho apresentado ao NP-08 – Núcleo de Estudo de Tecnologias Informativas da Comunicação do XXVIII INTERCOM, na ECO- UERJ, Rio de Janeiro, em setembro de 2005.

Rivera-Rogel, Diana et al. **Media competencies for the citizenship training of teachers from Andean America: Colombia and Ecuador**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 27, p. 80-89, 2017.

Rodrigues, Raquel Timponi Pereira et al. **Legere et interpretari: letramentos midiáticos como metodologia de aprendizagem**. 2017.

Rossetto, Graça. **Twitter e comunicação política: limites e possibilidades**. Revista Compolítica, n. 3, vol. 2, ed. jul-dez, ano 2013.

Schwab, Klaus. **A quarta revolução industrial**. Edipro, 2019.

Semeraro, Giovanni. **Intelectuais" orgânicos" em tempos de pós-modernidade**. Cadernos Cedes, v. 26, p. 373-391, 2006.

Silva costa, Jefferson; Cavalcanti De Albuquerque, Tereza Cristina. **Estamos sendo invadidos: discutindo sobre os conceitos científicos relacionados à pandemia de COVID-19 através da elaboração de memes**. Revista Iberoamericana de Educacion (Version impresa), v. 87, n. 1, 2021.

Silva, D. **Nota de escurecimento: por que ainda a medicina, a estética e a beleza ignoram minha pele?** Revista Amplie, N° 2, Edição 2021. Viçosa. 2021.

Silva, Márcia Barbosa da (Orgs.). **Competências midiáticas em cenários brasileiros: interfaces entre comunicação, educação e artes**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, p. 13–28, 2019.

Soares, Rosana; Leite, Andrea Limberto. **Intermedialidade em práticas midiáticas audiovisuais: articulações e desafios**. RuMoRes, v. 12, n. 24, p. 6-8, 2018.

Souza, Jessé. **A construção social da subcidadania. Para uma sociologia política da modernidade periférica**. 2aed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. (Capítulo 1: A hermenêutica do espaço social para Charles Taylor). pp.27-42.

Sodré, Muniz. **A Ciência do Comum**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2014.

Taylor, Charles. **As fontes do self**. São Paulo: Edições Loyola, 1997 (Parte I, capítulos 1, 2 e 4). pp.15-76; e 125-145).

Telles, Vera da S. **Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt**. Tempo Social; Rev. Social. USP, S. Paulo, VOLUME 1(1), 1990.

Valente, Mariana Reis Mendes; DA SILVA, Maurílio Luiz Hoffmann. **A utilização do Twitter na campanha política e sua aplicação no Tocantins: estudo de caso do perfil do candidato a Governador eleito Siqueira Campos**. Brasília. 17p, 2010.

Veloso, Serena. **Calouro, seja bem-vindo! Aprovados em primeira chamada no vestibular comemoram resultado. Registro acadêmico acontece em 20 e 21 de julho**. UnB Notícias. Universidade de Brasília. 2017. Acesso em: fevereiro de 2024. Disponível em:
<<https://noticias.unb.br/publicacoes/67-ensino/1651-calouro-seja-bem-vindo>>.

Werneck, Jurema. **Racismo institucional e saúde da população negra**. Saúde e Sociedade, v. 25, p. 535-549, 2016.